



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

Ivo Júnior Celestino Ferreira

Pensando com Lucien Sève: A Personalidade na Periferia do Capitalismo

Natal

2024

Ivo Júnior Celestino Ferreira

Pensando com Lucien Sève: A Personalidade na Periferia do Capitalismo

Tese elaborada sob a orientação da Profa. Dra. Isabel Fernandes de Oliveira, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito para obtenção do título de doutor em Psicologia.

Natal

2024

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes - CCHLA

Ferreira, Ivo Júnior Celestino.

Pensando com Lucien Sève: a personalidade na periferia do capitalismo / Ivo Júnior Celestino Ferreira. - 2025.
166f.: il.

Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Natal, RN, 2025.

Orientação: Prof.^a Dr.^a Isabel Fernandes de Oliveira.

1. Lucien Séve. 2. Personalidade. 3. Marxismo. I. Oliveira, Isabel Fernandes de. II. Título.

RN/UF/BS-CCHLA

CDU 159.9

O livre desenvolvimento de cada um é a condição do livre desenvolvimento de todos.

(Karl Marx)

O que um homem faz da sua vida, e, ao mesmo tempo, o que a vida faz dele, eis o que eu pretendo poder compreender na base de uma psicologia da personalidade digna desse nome.

(Lucien Sève)

Cada homem traz dentro de si toda uma época, do mesmo modo que cada onda traz dentro de si todo o mar.

(Jean-Paul Sartre)

Agradecimento

À minha família, pelo apoio de sempre.

À minha orientadora, Isabel Fernandes, por todo incentivo e as inestimáveis contribuições ao me orientar pelos tortuosos caminhos desta tese.

À professora e aos professores da banca avaliadora, que prontamente se dispuseram a contribuir com esse trabalho: Ruth Gonçalves, Fellipe Coelho, Juberto Massud, e, em especial, a Pablo Seixas por também ter compartilhado preciosos conhecimento sobre o ofício do professor, no estágio docência, e uma genuína amizade.

Ao professor Romero Venâncio, por me apresentar ideias e autores/as fundamentais para este trabalho.

Aos companheiros e companheiras do GPME, pela incansável luta na batalha das ideias e das ruas.

RESUMO

Lucien Sève é um filósofo marxista francês, que se destacou, sobretudo, por seus estudos acerca da relação entre a Teoria da Personalidade e o marxismo. Apesar da importância de sua obra, Sève ainda é um autor pouco estudado no Brasil. Este trabalho teve como objetivo o estudo da sua obra mais conhecida, *Marxismo e Teoria da Personalidade*, publicada em 1969. Nosso intuito foi o de analisar a atualidade de suas ideias e categorias em nossos dias, e as eventuais contribuições que o seu pensamento pode ter para pensar a relação entre a psicologia e o marxismo no Brasil. Os principais resultados encontrados indicam que, apesar dos limites da sua obra, a Teoria da Personalidade, de Sève, ao articular teoria social e teoria do indivíduo, fornece importantes contribuições para pensarmos uma psicologia marxista, no Brasil, profundamente vinculada à tradição de estudos da realidade nacional. De tal modo, é aberto o caminho para o desenvolvimento de estudos sobre a formação dos indivíduos nas condições da realidade brasileira, isto é, nas condições da periferia do capitalismo. Partindo dessa perspectiva buscamos estabelecer alguns pontos de encontro entre o estudo do indivíduo, a partir de Sève, e os estudos dos tipos na crítica literária, com base em G. Lukács e R. Schwarz. Em suma, as ideias de Sève possibilitam percursos para um estudo da sociedade que permita apreender o indivíduo e, por sua vez, um estudo do indivíduo que permite compreender determinados aspectos da nossa sociedade.

Palavras-chave: marxismo, psicologia, Lucien Sève, personalidade.

ABSTRACT

Lucien Sève is a French Marxist philosopher who stood out, above all, for his studies on the relationship between personality theory and Marxism. Despite the importance of his work, Sève is still a little-studied author in Brazil. This paper aimed to study his best-known work, *Marxism and the Theory of Personality*, published in 1969. Our aim was to analyze the relevance of his ideas and categories in our day and the possible contributions that his thinking could have for thinking about the relationship between psychology and Marxism in Brazil. The main results found indicate that, despite the limitations of his work, Sève's theory of personality, by articulating social theory and theory of the individual, provides important contributions for thinking about a Marxist psychology in Brazil that is deeply linked to the tradition of studies of national reality. In this way, it paves the way for the development of studies on the formation of individuals in the conditions of Brazilian reality, that is, in the conditions of the periphery of capitalism. From this perspective, we seek to establish some points of contact between the study of the individual, based on Sève, and the study of types in literary criticism, based on G. Lukács and R. Schwarz. In short, Sève's ideas open the way for a study of society that allows us to understand the individual and, in turn, a study of the individual that allows us to understand certain aspects of our society.

Keywords: marxism, psychology, Lucien Sève, personality.

RESUMEN

Lucien Sève es un filósofo marxista francés que destacó, sobre todo, por sus estudios sobre la relación entre la teoría de la personalidad y el marxismo. A pesar de la importancia de su obra, Sève sigue siendo un autor poco estudiado en Brasil. Este trabajo tuvo como objetivo estudiar su obra más conocida, *Marxismo y teoría de la personalidad*, publicada en 1969. Nuestro objetivo fue analizar la relevancia de sus ideas y categorías en nuestros días y los posibles aportes que su pensamiento podría tener para pensar la relación entre Psicología y marxismo en Brasil. Los principales resultados encontrados indican que, a pesar de los límites de su obra, la teoría de la personalidad de Sève, al articular la teoría social y la teoría del individuo, proporciona importantes contribuciones para pensar una psicología marxista en Brasil profundamente vinculada a la tradición de los estudios de la realidad nacional. De esta manera, abre el camino para el desarrollo de estudios sobre la formación de individuos en las condiciones de la realidad brasileña, es decir, en las condiciones de la periferia del capitalismo. Desde esta perspectiva, buscamos establecer algunos puntos de contacto entre el estudio del individuo, a partir de Sève, y los estudios de tipos en la crítica literaria, a partir de G. Lukács y R. Schwarz. En definitiva, las ideas de Sève abren un camino a un estudio de la sociedad que nos permita comprender al individuo y, a su vez, a un estudio del individuo que nos permita comprender determinados aspectos de nuestra sociedad.

Palabras clave: marxismo, psicología, Lucien Sève, personalidad.

SUMÁRIO

Introdução.....	11
Estrutura da Tese.....	24
Objetivos, Método e Procedimentos.....	27
1 A Recepção de Lucien Sève no Brasil.....	28
1.1 A Tradução de Sève no Brasil.....	29
1.2 A Literatura Nacional sobre Sève.....	33
2 Elementos Biográficos.....	42
2.1 Um Esboço Biográfico de Sève.....	43
2.2 Lucien Sève e a Obra <i>Marxismo e Teoria da Personalidade</i>	53
3 Contextualizando.....	63
3.1 A Influência de Politzer.....	63
3.2 A Questão do Humanismo e do Marxismo no Interior do PCF.....	72
4 A Concepção Marxista de <i>Homem</i>	81
4.1 A <i>Ideologia Alemã</i> (1845-1846).....	82
4.2 Estudos de Crítica da Economia Política (1857-1859).....	91
4.3 <i>O Capital</i> (1867-1894).....	102
5 Lucien Sève e a Realidade Brasileira.....	124
5.1 Algumas Categorias de Sève.....	125
5.2 Sève e a Matéria Brasileira.....	133
5.3 Literatura e Individualidade.....	139
5.4 Roberto Schwarz e a <i>Poesia Envenenada</i> de <i>Dom Casmurro</i>	143
Conclusão.....	158

Referências	162
--------------------------	------------

Introdução

Lucien Sève (1926-2020) é um filósofo francês cujo interesse em psicologia o levou a escrever uma obra clássica, *Marxismo e Teoria da Personalidade* (1981). Apesar de o livro ter tornado o autor conhecido em diversos países, e uma referência importante nos estudos sobre a relação entre psicologia e marxismo, com o tempo, o interesse por sua obra foi se diluindo, e Sève é, hoje, um autor pouco lembrado.

Ainda em vida, Sève era um autor pouco lembrado e estudado, mesmo nas universidades francesas (Galano, 2020), embora continuasse escrevendo e publicando livros e artigos até pouco antes da sua morte. E, no caso do Brasil, Sève nunca foi um autor que mobilizou muito interesse.

Esta tese parte, portanto, de um lugar um tanto insólito, ao se interrogar sobre um autor cujo nome já não é muito lembrado, em uma época que anseia reiteradamente pela novidade. Na batalha das ideias, Lucien Sève faz parte de uma tradição demasiadamente ingrata, a tradição dos vencidos.

Por este motivo, dedicar uma tese para estudar o pensamento de Sève poderia soar como algo fora de lugar. Contudo, uma sabedoria da dialética é que os erros também constituem um momento no desenvolvimento do conhecimento, e por vezes um equivoco teórico pode, contraditoriamente, iluminar mais que um acerto. Além disso, desconfiar da tradição dos vencedores e se debruçar sobre os vencidos, por vezes, também pode levar a algo novo.

Apesar de ser um autor pouco lembrado no momento presente, não há dúvida quanto ao fato de que Sève é um nome importante na tradição da “Psicologia marxista”¹. Retomar o seu pensamento remete a discutir a própria relação entre Psicologia e Marxismo, uma vez que a sua Teoria da Personalidade representa um determinado caminho de possibilidade desta articulação.

¹ Por psicologia marxista, nos referimos aos estudos que buscam estabelecer uma relação entre psicologia e marxismo.

A história da relação entre Psicologia e Marxismo, até o presente momento, tem sido marcada por controvérsias e descontinuidades. Se, em campos como a História, Economia, Sociologia e Filosofia as contribuições do Marxismo se mostraram indiscutíveis, no caso da Psicologia, o estabelecimento dessa relação tem apresentado maiores desafios.

Isto não significa que já não exista uma longa história de tal relação, em verdade, ela perdura há aproximadamente um século. As primeiras tentativas de articular marxismo e psicologia são encontradas já no início do século XX, pelo menos desde o começo dos anos 20.

Oficialmente, a primeira articulação entre marxismo e psicologia, ainda que com muitos limites², é proposta N. K. Kornilov, num pronunciamento intitulado *Psicologia contemporânea e marxismo*, apresentado em 1923, no I Congresso Pan-Russo de Psiconeurologia em Moscou, o primeiro congresso de psicologia após a Revolução Russa de 1917 (Zanella, 1994).

É ainda nos anos 1920 que aparecem as primeiras contribuições de dois dos mais importantes autores neste debate. Em 1924, na URSS, no II Congresso Pan-Russo de Psiconeurologia, Lev Vigotski (1896-1934) apresenta uma comunicação intitulada *O método da investigação reflexológica e psicológica*, na qual dá seus primeiros passos em direção ao desenvolvimento de uma psicologia inspirada na dialética marxista, que busca desvelar as origens sociais da consciência.

Na França, no mesmo ano de 1924, Georges Politzer (1903-1942) lança os seus primeiros artigos sobre psicologia, fortemente influenciados pela psicanálise. Mas, é a partir de 1929 que ele dá início ao original projeto de crítica radical à psicologia do seu tempo e à fundamentação das bases da Psicologia Concreta (Carvalho, et al., 2021).

² No manuscrito *O significado histórico da crise da psicologia: uma investigação metodológica*, escrito em 1926, Vigotski critica as propostas de articulação da psicologia e marxismo que surgiram na URSS até aquele momento, incluindo a apresentada por Kornilov (Vigotski, 2004).

Contudo, os projetos destes autores ficariam inacabados em decorrência da morte precoce de ambos.³ Vigotski foi vítima da tuberculose em 1934, e Politzer executado em 1942, pela polícia nazista alemã Gestapo, durante a ocupação da França pelo exército alemão no período da Segunda Guerra Mundial (Carvalho, et al, 2021).

Tanto em Vigotski quanto em Politzer, encontramos uma crítica radical à forma como a psicologia vinha se desenvolvendo como ciência. Eles identificaram a incapacidade das variadas escolas psicológicas de apreenderem o seu objeto, apontaram os motivos da crise da psicologia, sobretudo, no método que estas dispunham para a referida apreensão. Por diferentes caminhos, os autores se propuseram a desenvolver uma psicologia científica capaz de superar as limitações que encontravam até então. Em ambos, foi a partir dos fundamentos da teoria social fundada por Karl Marx e Friedrich Engels que encontraram as bases do método para o desenvolvimento de uma psicologia capaz de apreender o objeto em toda a sua complexidade (Politzer, 1977; 2004; Vigotski, 1999).

Um aspecto que nos parece decisivo na diferença de abordagem entre ambos os autores é o fato de que a pesquisa de Vigotski tinha como objetivo central a investigação das funções psíquicas superiores a partir de suas origens sociais, enquanto que a psicologia concreta de Politzer buscava estudar o indivíduo e suas ações em seu contexto social, num nível mais cotidiano. Enquanto a análise de Politzer permitia uma crítica da vida social burguesa, o nível de abstração da pesquisa vigotskiana o distanciava de uma análise mais concreta da sociedade soviética, talvez não fosse possível para ele avançar muito em tal terreno, pois implicaria em uma análise crítica das contradições da sociedade soviética, que as condições políticas não permitiram sem um grande custo ou uma análise apologética, tornando as análises inócuas.

³ No caso de Vigotski, apesar de seu período de produção na psicologia se restringir a aproximadamente uma década ele deixou uma obra considerável enquanto que Politzer embora tenha vivido mais tempo devido à necessidade da militância política não teve tempo de se dedicar ao aprofundamento de seus estudos na psicologia.

Além dessas tentativas pioneiras, outras referências importantes para o estudo da relação entre psicologia e marxismo passam pelos trabalhos de autores importantes. Apenas alguns exemplos são: Henri Wallon (1879 - 1962), na França, e seus estudos sobre desenvolvimento humano e educação; Alexei Leontiev (1903 - 1979), na URSS, que trabalhou junto com Vigotski, e posteriormente desenvolveu a sua própria teoria, centrada na categoria de *atividade*; Ignacio Martin-Baró (1942 - 1989), que nasceu na Espanha, mas se naturalizou em El Salvador, com a sua *Psicologia da Libertação*, comprometida com os explorados do terceiro mundo e a apreensão e transformação da realidade latino-americana (Martin-Baró, 2017).

Como se vê, a influência do marxismo sobre a psicologia tem se mostrado fecunda e também descontínua em seu desenvolvimento, uma vez que são poucos os diálogos estabelecidos entre os autores. Encontramos, assim, uma significativa diversidade projetos sobre as possibilidades desta relação. Em grande medida, essa heterogeneidade se deve às diferentes apropriações e leituras que os autores têm da obra de Marx⁴, e também ao fato de estarem inseridos em determinados contexto históricos e tradições teóricas nacionais, dando respostas a debates específicos dentro (e por vezes, também, fora) da Psicologia, que determinaram, fundamentalmente, as elaborações teóricas desta ciência.

No que diz respeito às relações entre marxismo e psicologia, sua origem é mais tardia. Segundo Bock e Furtado (2006), o primeiro estudo de psicologia no Brasil que possui influência marxista foi uma tese defendida em 1954, mas que foi publicada em livro apenas em 1968. Trata-se do estudo *O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia*, de Dante Moreira Leite, que, embora não se proponha a pensar uma “psicologia marxista” tem diálogo com Marx, e utiliza a categoria de *ideologia* em sentido marxista.

⁴ Como afirma Netto (1993), seria mais exato pensar em uma tradição marxista.

A obra de Dante Moreira Leite é realmente pioneira, e permaneceria única, neste sentido, ainda por um bom tempo. O diálogo entre psicologia e marxismo só voltaria a aparecer novamente mais de uma década depois.

É apenas na década de 1980 que o cenário se transformaria decisivamente. Evidentemente a ditadura militar inaugurada em 1964 fecha as possibilidades de se discutir abertamente ideias marxista, apenas com o esgotamento da ditadura, nos anos 80, que as se renovam. Em 1981, Marco Antonio de Castro Figueiredo defende, pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), a dissertação de mestrado intitulada *O trabalho alienado e o psicólogo do trabalho: Algumas questões sobre o papel do psicólogo no controle da produção capitalista* (a dissertação viraria livro apenas em 1989). Em seguida, em 1984, foram publicados dois livros onde esta influência renovadora aparece de forma cristalina, são estes: *Psicologia Social: O homem em movimento*, organizado por Silvia Lane e Wanderley Codo (1989); e, *Psicologia e Ideologia: uma introdução crítica à psicologia escolar*, de Maria Helena Souza Patto (1984). A primeira obra foi fruto de um esforço inicial de Silvia Lane e um grupo de colaboradores para desenvolver uma psicologia social de base marxista (fortemente inspirada em Vigotski), voltada para a compreensão das realidades latino-americana e brasileira, em contraponto com a psicologia social norte-americana, e também a europeia, que tinham hegemonia absoluta. A segunda obra é a tese de doutoramento de Maria Helena Souza Patto, em que a autora, influenciada, sobretudo, pelo marxismo estruturalista formulado por Louis Althusser, realizava uma crítica radical à psicologia escolar educacional hegemônica e o seu compromisso com as classes dominantes, buscando pensar os caminhos de uma psicologia educacional crítica e comprometida com a transformação social.

Ainda na década de 1980, mais precisamente em 1987, foi publicado *A Crise e as alternativas da psicologia*, de Oswaldo Hajime Yamamoto (1987), que se propõe a analisar, por uma perspectiva marxista, a crise da psicologia, e fazer uma crítica radical às próprias propostas de alternativa dentro da psicologia naquele momento. O que o autor procurava colocar em questão, nesta obra, era se realmente valia a pena “salvar a psicologia”, algo que, até hoje, permeia os debates na área.

Acreditamos que, a partir daí, pode-se considerar que algo novo estava acontecendo na psicologia brasileira. A década de 1980 constituiu o marco do nascimento de uma tradição dos estudos da relação entre psicologia e marxismo no Brasil. As autoras e autores em questão apresentaram distintas formas de pensar tanto a psicologia como o marxismo e, por consequência, distintos modos de formular a articulação entre ambos. No decorrer do tempo, as formulações apresentadas nas obras citadas acima serviram de inspiração e para a formação de estudantes, que deram prosseguimento aos estudos, assim como, também, surgiram outras diferentes perspectivas.

A história da constituição e do desenvolvimento de tal tradição ainda está por ser mais pesquisada e escrita. Contudo, algo que nos parece possível de constatar é o fato de que, apesar de falarmos em uma tradição de estudos, isto não quer dizer que esta não corresponda a um grupo extremamente minoritário no interior da produção da psicologia nacional, o que talvez explique, ao menos em parte, as dificuldades desta tradição, inclusive, naquilo que constitui algo elementar, como a assimilação da massa crítica produzida sobre psicologia e marxismo no âmbito internacional.

Apontar essas debilidades não significa, de forma alguma, desdenhar das obras produzidas e do esforço despendido por esta tradição. Trata-se, apenas, de sinalizar as enormes

dificuldades que a referida tradição tem encontrado para dar respostas aos desafios contemporâneos. Evidentemente, não se pode deixar de levar em conta, também, que as universidades enfrentam uma crise de significado histórico, bem mais profundo no momento atual.

No que diz respeito à assimilação, no Brasil, da obra dos principais autores da tradição da psicologia marxista internacional, Vigotski foi o autor que teve a maior inserção. Um grande volume de suas obras foi traduzido no país, além do que, a quantidade de artigos, livros, dissertações e teses sobre o seu pensamento é significativamente maior quando comparado com os outros autores, embora haja, em menor proporção, um progressivo movimento de assimilação destes. As primeiras traduções no Brasil de textos de Holzkamp (2016; 2018), e da *Crítica dos fundamentos da psicologia*, de Politzer (2022), é bastante recente. E, apesar de existirem algumas traduções avulsas anteriores, o primeiro livro com uma coletânea de textos de Martin-Baró (2017), por exemplo, só veio a ser publicado no Brasil em 2017.

Lucien Sève representa mais uma dentre as distintas leituras no interior desta tradição marxista na psicologia; no entanto, sua obra não encontrou, até então, uma boa acolhida em solo brasileiro. Esta tese faz parte do movimento de progressiva assimilação de outros autores para além de Vigotski.

A opção pelo estudo da obra de Sève partiu do interesse de aprofundar os estudos acerca das relações entre psicologia e marxismo. Além disso, algumas indicações do professor José Paulo Netto (2015) sobre a fecundidade da obra do autor foi um importante estímulo. Embora Netto não seja um autor oriundo da psicologia, ele é um notório estudioso da obra de Marx e da tradição marxista. Essa indicação estimulou a leitura esparsa de alguns textos de Sève, o que

acabou por levantar a suspeita de que a obra do autor poderia ter contribuições a serem resgatadas.

Nosso intuito, no entanto, não foi o de realizar uma exegese do pensamento de Sève, mas uma reflexão crítica buscando identificar se algo, em sua obra, poderia contribuir para pensar a relação entre psicologia e marxismo no Brasil.

Sua obra mais famosa, *Marxismo e Teoria da Personalidade* foi publicada, pela primeira vez, na França, em 1969, há mais de 50 anos. Nossa interrogação inicial dizia respeito à validade da obra atualmente, se esta ainda tinha algo a nos dizer em sua forma de articular marxismo e psicologia, a sua Teoria da Personalidade e as categorias desenvolvidas no referido estudo, se ainda poderiam ajudar a iluminar ou refletir os desafios do momento presente.

A ênfase no último ponto, acerca da validade das categorias, é essencial, uma vez que, o que procuramos evitar foi justamente o procedimento comum de utilizar um determinado autor ou autora como base teórica, e ficar orbitando em torno de seu pensamento, buscando pensar a realidade nacional a partir de categorias que, muitas vezes, não são as mais adequadas, isto é, não alcançam verdadeiramente nossas questões centrais.

Partindo de um movimento oposto, a pretensão foi interrogar o pensamento de Sève, buscando identificar se ele contribui para pensar a nossa realidade histórica. O acento, portanto, está posto no contexto nacional. A investigação tem como objetivo encontrar algum ponto de encontro entre Sève e os desafios da psicologia marxista no momento presente.

Apesar do salto arriscado, o diálogo com o pensamento de Sève empreendido nesta tese, ora concordando, ora questionando o autor, parece apontar para alguns caminhos que possibilitam repensar a tradição da relação entre a psicologia e o marxismo no Brasil, apontando para novas rotas.

Um ponto absolutamente fundamental é a articulação que faz Sève entre psicologia e ciências sociais, atrelando de forma irremediável os destinos da primeira à segunda, e também, a articulação entre formação social e individualidade. Tais formulações de Sève têm uma série de implicações para refletir sobre a psicologia marxista no Brasil.

O primeiro ponto que podemos enfatizar é a identificação de um desencontro entre a tradição da psicologia marxista no Brasil e a tradição crítica das ciências sociais, que contribuiu para a constituição de uma sólida interpretação da realidade nacional. Em poucos momentos, encontramos um efetivo diálogo da psicologia com esta tradição, e poucos passos foram dados no sentido de situar a psicologia em seu interior.

Dante Moreira Leite (2017), em seu trabalho clássico e mais importante, *O Caráter Nacional Brasileiro: história de uma ideologia*, chega a estabelecer um diálogo vivo com determinada tradição de intérpretes do Brasil, mas em sentido negativo, isto é, ele faz uma crítica das interpretações que buscavam identificar um suposto caráter nacional, que demonstrassem o brasileiro como um todo, ignorando as contradições das classes sociais. Leite rechaça e aponta as teorias do caráter nacional como ideológicas. No último capítulo de sua obra, Leite (2017) aponta para uma série de autores que estão começando a analisar profundamente a realidade brasileira, superando a ideologia do caráter nacional. Entre os autores mencionados no texto estão Caio Prado Júnior, Florestan Fernandes, Antonio Candido.

No caso de Silvia Lane (1989), é nítido que a autora projeta desenvolver uma psicologia social volta para pensar a realidade brasileira e latino-americana, contudo, não promove a apropriação do acúmulo produzido por uma rica tradição das ciências sociais no Brasil. Lane (1989) acaba ficando restrita à psicologia, e busca refletir a partir das categorias da própria

ciência psicológica da época, ao invés de empreender um estudo profundo da realidade brasileira, com vias a formular e elaborar possíveis categorias de uma psicologia nacional.

Ao que parece, com o desenvolvimento da psicologia nacional, a tendência predominante foi a constituição de um campo autônomo de debate. Neste movimento de consolidação, a psicologia marxista acabou voltando-se em demasia para questões internas da ciência psicológica, o que é algo perfeitamente legítimo. Algumas das preocupações fundamentais do campo da psicologia têm sido as consolidações enquanto ciência e profissão, e a crítica de seu desenvolvimento e atuação profissional dos psicólogos nas mais diversas áreas de trabalho. No entanto, parece não ter sido muito explorada a possibilidade de pensar a psicologia como um campo de saber no interior das ciências sociais, o que possibilitaria refletir o papel da psicologia marxista no estudo da realidade brasileira.

Em alguns importantes estudiosos da obra de Marx e Engels, como Florestan Fernandes (2012) e Octávio Ianni (2021), encontramos indicações que vão nesta direção. Na análise que ambos apresentam do projeto de cientificidade marxiana, a psicologia surge com legitimidade entre as ciências sociais. É demonstrada não como ciência autônoma, mas sim à forma de uma faceta importante da totalidade social, sem a qual esta não poderia ser apreendida.

Para Fernandes (2012), não raramente sociólogos, historiadores, antropólogos, cientistas políticos, psicólogos etc., mesmo quando marxistas, não conseguem escapar ao processo de fragmentação e especialização, fortemente induzido pela própria estrutura das universidades. Fragmentação esta que é estranha à obra de Marx e Engels, que sempre defenderam uma concepção unitária, na qual a história representa uma ciência de síntese. Quanto ao real significado da Ciência da História, ele aponta que esta não se limita a uma visão estática de história, mas uma concepção ampla, que apanha várias facetas da realidade entre as quais a

psicologia, a economia, a sociologia. Fernandes (2012) chama atenção, ainda, para a novidade dessa concepção, que era avançada para a sua época como ainda o é e permanece sendo pouco compreendida mesmo em nossos dias.

(...) De um golpe, eles [Marx e Engels] eliminaram o arraigamento estático da história, que excluía o sujeito-investigador do circuito histórico e convertia o passado em um santuário de arquivos e documentos. Essa nova História, que é Psicologia em uma face, Economia e Sociologia em outra, era tão avançada para a sua época – e para a nossa – que ainda hoje não foi inteiramente compreendida e aceita como o grande marco da instituição da História como ciência. (Fernandes, 2012, p. 25)

Outro importante cientista social brasileiro, Octávio Ianni, apresenta a proposta fundamental da dialética marxiana como: “compreender a realidade social em termos de uma dialética de dependência recíproca” (Ianni, 2001, p. 143). Neste sentido, não existiria fato social ou pessoa que fosse autônoma e pudesse ser explicado por si mesmo. Todos os fatos econômicos, sociais, culturais, psicológicos etc. só podem se apreendidos e explicados “na medida em que se compreende a trama das relações nas quais estes fatos se inserem” (Ianni, 2001, p. 143). Os próprios fatos psicológicos, que, em sua aparência são tomados como estritamente individuais, também só são verdadeiramente desvelados na medida em que é revelada a trama das relações em que estão inseridos.

De tal forma, a psicologia também tem algo a dizer acerca da realidade nacional, da nossa “matéria brasileira”. Por matéria brasileira, estamos nos referindo a uma noção do crítico literário marxista Roberto Schwarz, que sintetiza um longo esforço teórico de toda uma tradição do pensamento nacional de apreender a complexidade da dinâmica da realidade brasileira.

Schwarz define a matéria brasileira da seguinte forma:

Um conjunto de relações altamente problemático, originário da Colônia, solidamente engrenado, incompatível com o padrão da nação moderna, ao mesmo tempo em que é um resultado consistente da própria evolução do mundo moderno, a que serve de espelho ora desconfortável, ora grotesco, ora utópico (nos momentos de euforia). A tenacidade desta estrutura é ponto assentado de nossa historiografia social. (Schwarz, 2019, p. 161-162)

Trata-se, portanto, do esforço de entender o que nos constitui, de desvendar a nossa problemática formação nacional e como nos tornamos o que somos hoje. E, no caso da perspectiva da personalidade, ou da individualidade, trazida por Sève, a grande questão é o estudo da constituição dos indivíduos em nossa formação social, isto é, nas condições da periferia do capitalismo.

Em Sève (1981), a análise social e dos indivíduos é indissociável. Os indivíduos são uma dimensão do ser social e só podem ser realmente apreendidos a partir de uma análise da realidade social. E, de outro lado, o estudo dos indivíduos também nos fornece uma determinada compreensão da realidade social.

Desse modo, a psicologia pode ser entendida não mais como uma ciência que estuda o ser humano isolado da sociedade, mas sim um indivíduo social. Assim, a psicologia pode ser entendida como parte de uma teoria social mais ampla, que tem como objetivo a análise social em uma perspectiva crítica.

A articulação entre a psicologia e a tradição crítica das ciências sociais implica em colocar a psicologia em face de nossas grandes questões, da complexidade de nossa matéria brasileira. Dentro de nossa tradição de estudo da realidade nacional, há uma, em particular, cujo diálogo pode ser muito fecundo para o estudo do indivíduo social, trata-se da crítica literária, tal como foi formulada por Antonio Candido. Isto se deve à aproximação entre arte e

individualidade. Conforme Lukács (2009), uma importante distinção entre a arte e a ciência é que, enquanto a ciência estuda o real a partir de categorias abstratas, a arte o faz por meio de individualidades concretas, que são as personagens.

As personagens literárias são o tipo que sintetizam determinados conflitos sociais de uma época histórica em individualidades concretas. O estudo dos indivíduos se assemelha a tal na medida em que procura investigar os conflitos sociais sintetizados na vida destes indivíduos. A arte possui uma finalidade estética enquanto o objetivo do estudo da Psicologia tem fins teóricos e analíticos. São modos de proceder bastante distintos, no entanto, entendemos que a partir de Sève, é possível pensar um diálogo fecundo entre ambos. Este diálogo é algo que procuramos explorar melhor nessa tese.

Estrutura da Tese

A tese foi estruturada da seguinte forma: no primeiro capítulo, buscamos realizar um mapeamento da recepção da obra de Sève no Brasil. Buscamos analisar tanto os livros e artigos de Sève publicado no Brasil, quanto os artigos, capítulos de livros e teses escritas por autores brasileiros sobre a sua obra, ou que utilizam as suas ideias como referência central de análise.

No segundo capítulo, tendo em vista que, em grande medida, Sève ainda é um autor bastante desconhecido em solo nacional, procuramos realizar uma breve biografia do autor. Trata-se, contudo, de uma biografia que tem como intuito tão somente apresentar o autor de forma muito geral. Procuramos dar atenção especial ao lugar ocupado pela obra *Marxismo e Teoria da Personalidade* em sua produção intelectual. Neste ponto específico, procuramos traçar uma análise mais cuidadosa da relação de Sève com a psicologia e o seu percurso até a escrita da referida obra.

No terceiro capítulo, procuramos contextualizar alguns aspectos importantes da relação de Sève com a Psicologia e com Marxismo, que são determinantes para o livro *Marxismo e Teoria da Personalidade*. No caso da psicologia, o diálogo central de Sève é com a obra de Politzer. Pode-se dizer que Sève é um continuador da tradição da psicologia marxista francesa inaugurada por Politzer, uma vez que ele se apropriou das principais contribuições politzerianas, elaborando conceitualmente a partir destas.

No caso da relação de Sève com o marxismo francês de sua época, algo também analisado no terceiro capítulo, há um confronto de ideias. A Teoria da Personalidade de Sève é formulada em constante tensionamento com as ideias de Roger Garaudy e Louis Althusser. O principal ponto do embate de Sève com os referidos autores é a relação entre marxismo e humanismo.

Nos quarto e quinto capítulos, adentramos mais propriamente na análise do livro *Marxismo e Teoria da Personalidade*. No capítulo quatro, procuramos reconstituir o estudo que Sève (1981) realiza da obra de Marx, buscando identificar a concepção de *ser humano* da filosofia marxiana. Para isto, ele analisa três momentos da evolução do pensamento de Marx: 1) *A Ideologia Alemã* (1845-1846); 2) Os escritos econômicos de 1857-59, o que inclui os *Grundrisse* e a *Contribuição à Crítica da Economia Política*; 3) *O Capital*, os 3 livros que foram publicados entre 1868 e 1894.

No capítulo cinco, buscamos, no primeiro momento, identificar e analisar as principais contribuições da obra de Sève para o estudo da relação entre marxismo e psicologia no Brasil. Algumas das principais contribuições que identificamos foram aquelas que permitem articular a Teoria da Personalidade aos estudos da formação social brasileira. Tal perspectiva abre uma via de profunda articulação entre a psicologia e uma importante tradição das ciências sociais no Brasil, que possibilitaria constituir uma psicologia que tivesse como desafio central contribuir, junto com as ciências sociais, para o desvendamento da realidade brasileira, mais precisamente, a partir de uma perspectiva de análise dos indivíduos na periferia do capitalismo.

Na segunda parte do quinto capítulo, procuramos desenvolver algumas ideias levantadas na primeira parte. Algo que buscamos explorar foi a contribuição da literatura e da crítica literária para o estudo dos indivíduos. Seguindo uma ideia de Lukács (2009) de que a literatura tem a capacidade de sintetizar em personagens típicos as contradições fundamentais de uma época social, a tentativa neste capítulo foi de analisar como os personagens típicos da nossa literatura podem ser muito úteis para o estudo dos indivíduos, a partir da perspectiva que estamos propondo, tendo como pressupostos a obra de Sève. Para tal, tomamos o ensaio *A poesia envenenada de Dom Casmurro* (1997) do crítico literário Roberto Schwarz, no qual autor analisa

a obra *Dom Casmurro* (1899) de Machado de Assis. Na análise de Schwarz do romance, os tipos sociais apreendidos por Machado de Assis são reveladores da dinâmica social (1997). Em uma análise que articula sociologia, história, forma literária e personagens típicos, aspectos profundos da realidade brasileira se revelam. Nosso objetivo foi o de tentar discutir como a psicologia pode se valer de tal perspectiva analítica para realizar estudos sobre os indivíduos na periferia do capitalismo, no atual momento histórico.

Por fim, a tese que procuramos defender neste trabalho é a de que as ideias de Sève ainda tem grande potencial a ser explorado no Brasil. A sua Teoria da Personalidade, ao articular teoria social e teoria do indivíduo, fornece importantes contribuições para, em nosso país, pensarmos uma psicologia profundamente vinculada à tradição de estudos da realidade nacional. Em suma, o que defendemos, aqui, é que as ideias de Sève abrem caminho para um estudo da sociedade que permita apreender o indivíduo e, por sua vez, um estudo do indivíduo, que possibilite entender a sociedade.

Objetivos, Método e Procedimentos

Nosso **objetivo principal** da tese é, a partir de um diálogo com os conceitos e proposições de Sève, procurar identificar algumas contribuições para o estudo da psicologia e marxismo no Brasil, e, a partir daí, buscar desenvolver um percurso para estudo da individualidade na periferia do capitalismo.

Quanto aos **objetivos secundários**, buscaremos: 1) traçar uma biografia de Sève para apresentar o autor; 2) identificar as categorias formuladas por Sève no livro *Marxismo e Teoria da Personalidade* (1981) que ainda nos parecem válidas para pensar questões atuais; 2) estabelecer um diálogo entre as ideias de Sève e a tradição dos estudos sobre a realidade brasileira; 3) articular a análise de personagens típicos da crítica literária com a análise dos indivíduos sociais.

Quanto ao **método e aos procedimentos**, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, que tem como fonte principal a obra de Sève, *Marxismo e Teoria da Personalidade*. O estudo consistiu na leitura integral da obra em sua tradução em português de Portugal (Sève, 1979), e também, a consulta, em alguns momentos, da tradução em espanhol publicada na Argentina (Sève, 1972). A partir da leitura crítica da obra, procuramos identificar categorias e ideias apresentadas pelo autor que nos pareceram manter uma atualidade ainda hoje para pensar a psicologia no Brasil. Em seguida, nosso intuito foi o de pensar as ideias de Sève a partir do contexto da formação nacional brasileira, e do diálogo com a nossa tradição crítica de estudos da realidade nacional. O resultado foi a tentativa de desenvolver um caminho para pensar o estudo do indivíduo na periferia do capitalismo, a partir de uma perspectiva marxista da psicologia. O método utilizado foi o da dialética materialista formulado por Marx e Engels.

1 A Recepção de Lucien Sève no Brasil

A recepção da obra de Sève no Brasil foi, até o presente momento, uma recepção bastante limitada e parcial, as suas ideias não encontraram uma ampla acolhida em nosso país. Ainda que, de forma bastante limitada, os primeiros passos para a introdução do pensamento de Sève no Brasil foram dados.

Tendo isto em vista, o primeiro capítulo da tese teve como objetivo mapear a recepção de Sève no Brasil, com o intuito de identificar o quanto esta já avançou realmente e o quanto precisa avançar.

Este mapeamento foi dividido em duas partes. Na primeira, procuramos rastrear os livros e artigos produzidos por Sève que foram publicados no Brasil; na segunda parte, nos dedicamos à produção nacional de artigos, capítulos de livros, teses e dissertações produzidas sobre o seu pensamento no Brasil.

Os trabalhos da literatura nacional sobre Sève analisados aqui, foram localizados através de três plataformas de pesquisa: o portal de periódicos da CAPES; a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações; e, o Scielo. “Lucian Sève” foram as palavras-chave utilizadas para localizar os textos; e, também, selecionamos o idioma da pesquisa em português.

Por meio da pesquisa realizada na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, identificamos um total de nove trabalhos. Destes, apenas três realmente se referiam a Lucien Sève: duas teses e uma dissertação. A partir da leitura dinâmica, excluímos uma das teses, porque, apesar de Sève ser uma referência importante, o tema geral da tese fugia dos nossos objetivos. Posteriormente, também excluímos da análise a dissertação, uma vez que localizamos um artigo que a sintetizava.

No Portal do Periódico da Capes, identificamos um total de oito trabalhos, sendo cinco artigos, uma resenha, um memorial do falecimento de Sève e um artigo do próprio Sève. Dos artigos, após uma leitura dinâmica, excluimos dois deles, por tratarem de uma parte obra de Sève que fugia da psicologia e tratava de questões mais específicas, como a sua leitura sobre bioética e também acerca dos *Manuscritos econômico-filosóficos* ([1844] 1932), de Karl Marx.

Descartamos, também, a resenha e o memorial da análise.

Por fim, as buscas realizadas na plataforma Scielo encontraram dois resultados; no entanto, os artigos localizados foram os mesmos que já tinham aparecido na pesquisa no Portal de Periódicos da Capes.

Dessas busca foram selecionamos então quatro trabalhos: uma tese (Vicente, 2006), e, três artigos: (Martins, 2004); (Euzébios, Filho & Guzzo, 2013); (Jesus & Costa, 2017). Além destes, acrescentamos um capítulo de livro (Ruiz, 2012), que já era de conhecimento prévio a partir de leituras preliminares ao próprio início da tese.

1.1 A Tradução de Sève no Brasil

Até onde pudemos constatar, o único livro de Sève editado no Brasil foi uma conferência publicada na França em 1974, pela editora Éditions Sociales, com o título de *Analyses marxistes de l'aliénation*. Em 1975, o livro foi traduzido para a língua portuguesa e publicado em Portugal pela Editorial Estampa, de Lisboa, com o título de *Análises marxistas da alienação*. No Brasil, a obra foi publicada em 1990 pela editora Edições Mandacaru, de São Paulo, com o mesmo título e tradução da edição portuguesa (Sève, 1990a). Neste pequeno livro, Sève se debruça sobre a concepção de alienação de Marx, tal como foi desenvolvida em sua obra madura.

No que diz respeito aos artigos e capítulos de livros escritos por Sève e traduzidos e publicados no Brasil, o número é um pouco maior, identificamos um total de cinco publicações.

A primeira publicação de Sève no Brasil se deu em 1968, numa coletânea de textos sobre estruturalismo e marxismo publicada pela editora Zahar, em livro de mesmo nome (*Estruturalismo e Marxismo*). No artigo presente na obra, intitulado *Método estrutural e método dialético*, Sève procurava demonstrar a inconciliabilidade entre ambos os métodos. Trata-se de um texto polêmico, uma vez que, com a ascensão do estruturalismo na França, houve tanto tentativas de conciliar o marxismo e o estruturalismo, quanto a defesa de uma radical oposição entre ambas as correntes de pensamento (Sève, 1968).

Note-se que, nesse momento, Sève ainda não havia publicado *Marxismo e Teoria da Personalidade*, obra que o tornaria um autor conhecido fora da França. A publicação desse artigo se deve ao fato que, a partir, sobretudo, de 1968, o estruturalismo se tornou uma corrente relevante no meio intelectual brasileiro (Coutinho, 2010). A partir de então, houve um crescente interesse pela tradução dos livros publicados na França sobre o tema. A primeira aparição de Sève, no Brasil, está ligada a uma polêmica filosófica, e não com questões de psicologia ou personalidade.

O segundo texto foi publicado em 1980 pela editora Civilização Brasileira, uma importante editora, que foi fundamental para a divulgação do pensamento marxista no Brasil. Na edição 21, da revista *Encontros com a Civilização Brasileira*, foi publicado o artigo *Psicanálise e materialismo histórico*⁵ (Sève, 1980). Neste artigo, Sève tenciona as tentativas de articular o pensamento de Karl Marx e Sigmund Freud, procurando demonstrar que os fundamentos das ideias de cada autor mais os opõem do que os aproximam.

O terceiro texto foi publicado em 1989, pela editora Vértice, numa coletânea intitulada *Elementos para uma teoria marxista da subjetividade*. O capítulo escrito por Sève,

⁵ Em 1990 esse texto foi publicado junto com uma coletânea de texto sobre psicanálise e marxismo intitulada *Para Uma Crítica Marxista da Teoria Psicanalítica* (Sève, 1990b). Assim como o livro *Análises marxistas da alienação*, esse livro também foi publicado pela editora Edições Mandacaru, a partir de uma edição de Portugal.

Personalidade em gestação, faz uma síntese e balanço da Teoria da Personalidade que ele havia desenvolvido e apresentado duas décadas antes, no livro *Marxismo e Teoria da Personalidade* (Sève, 1989).

O quarto texto foi em 2001, um artigo publicado na Revista *Novos Rumos*. O texto é intitulado *A questão do comunismo*. Neste artigo, Sève busca resgatar a essência da concepção de comunismo presente na obra de Marx e Engels, e defende a sua atualidade.

O quinto texto é de 2019, publicado pelo Instituto Lukács, no Anuário do Instituto. Trata-se do texto *Emancipação social e livre desenvolvimento de cada um* (Sève, 2019) no qual Sève discute a relação entre emancipação do indivíduo e emancipação humana geral passando por obra de Marx como *A questão judaica*, *A ideologia alemã*, *Grundrisse*, entre outras.

O sexto e último artigo foi publicado em 2021, no blog Katharsis, um artigo sobre Vigotski e Marx intitulado *Onde está Marx nas obras e no pensamento de Vigotski?* (Sève, 2021) no qual Sève procura combater os autores que defendem que Vigotski não era realmente marxista. No artigo Sève demonstra como o marxismo é um elemento fundamental na obra do autor bielorrusso.

Entre a publicação do primeiro artigo de Sève no Brasil, em 1968, e o último, em 2021, decorreram 53 anos e foram publicados apenas cinco textos, um número bastante reduzido. Outra coisa que chama a atenção é o fato de que a tradução de Sève se deve muito mais à importância do seu trabalho para o pensamento filosófico marxista, como um todo, do que por sua intervenção na psicologia. No que diz respeito à tradição da psicologia marxista no Brasil, pouco foi feito efetivamente para a recepção da obra do autor.

Embora fuja do escopo do capítulo, que se restringe a mapear a recepção de Sève no Brasil, acreditamos que pode ser de alguma valia indicar a existência de outras obras do teórico

disponíveis em língua portuguesa, no caso, obras que foram traduzidas e publicadas em Portugal. Ainda que não seja fácil o acesso às obras de Portugal no Brasil, é possível localizá-las em sebos.

Em 1975, foi publicada a primeira tradução de um livro de Sève em Portugal, *Análises Marxistas da Alienação* (Sève, 1975), lançado pela Editora Estampa. Em 1979 foi lançada uma edição da sua obra mais célebre, *Marxismo e Teoria da Personalidade* (Sève, 1979), dividida em 3 tomos. Em 1997 o Instituto Piaget publica *Para uma Crítica da Razão Bioética* (Sève, 1997), livro no qual Sève faz uma síntese de suas reflexões acerca da questão da bioética. E em 2001 foi publicado pela Editora Campo das letras, *Começar pelos fins: A nova questão comunista* (Sève, 2001) uma análise política de Sève do significado do comunismo na virada do século.

Além desses livros também foram publicados alguns artigos como *Sobre o estruturalismo* (Sève, 1972), publicado em 1972 na coletânea *Problemas filosóficos*, da editora Prelo. Em 1975, é publicado *Psicanálise e materialismo histórico* (Sève, 1975b), publicado na coletânea *Para Uma Crítica Marxista da Teoria Psicanalítica*.

No caso das publicações de Sève em Portugal é notável que, na década de 1970, houve grande interesse na obra do filósofo francês, quando foram publicados, em sequência, dois livros e dois artigos de sua autoria. O pensador apenas voltou a ser publicado esporadicamente em dois momentos: uma obra no final dos anos 90, e outra no início dos anos 2000.

Uma possível explicação para o interesse pela obra de Sève na década de 70 foi o impacto internacional causado pela publicação de *Marxismo e Teoria da Personalidade*, em 1969, na França. O texto foi traduzido em vários idiomas, e Sève se tornou um autor conhecido internacionalmente. É possível que tal impacto tenha gerado interesse pela tradução de outras obras.

1.2 A Literatura Nacional sobre Sève

Ao que tudo indica, a primeira referência a Sève, no Brasil, ocorreu durante a década de 1980. Mais especificamente, em 1984. Maria Helena de Souza Patto, em seu livro *Psicologia e Ideologia: uma introdução crítica à psicologia escolar*, faz uma breve referência ao texto de Sève, *Psicanálise e materialismo histórico*.

Em 1990, Sève apareceria novamente em um artigo de Angel Pino Sirgado, intitulado *A corrente sócio-histórica de psicologia: fundamentos epistemológicos e perspectivas educacionais*, que trata acerca da Psicologia Sócio-Histórica (ou Psicologia Histórico-Cultural, denominação mais utilizada atualmente), cuja principal referência é Vigotski. A citação a Sève, no artigo, teve como objetivo contrapor-lo a Vigotski, indicando uma evidente superioridade do segundo, contudo, sem maiores aprofundamentos a respeito.

Entretanto, é possível afirmar que as bases sobre as quais se ergue a construção teórica desta corrente psicológica [a Psicologia Sócio-Histórica], constituem o que há de mais sólido na filosofia de Marx e Engels, e não têm nada a ver com o uso abusivo do marxismo-leninismo que encontramos em alguns autores, como é o caso do filósofo francês L. Sève (Sirgado, 1990, p. 63).

Em 1995, Silvia Lane faz uma breve menção ao nome do Sève e ao livro *Marxismo e Teoria da Personalidade* no texto *Avanços da Psicologia Social na América Latina*, publicado no livro *Novas veredas da Psicologia Social* (Lane, 1995).

As primeiras referências a Sève no Brasil, mesmo tendo origem a partir de autores importantes na história da psicologia nacional, além de indicarem a existência do autor trazem poucas contribuições efetivas para entender o seu pensamento.

Tomando em consideração, para análise, apenas os trabalhos de autores brasileiros em que as ideias de Sève são realmente discutidas, é possível identificar um total de três artigos, um capítulo de livro e uma tese de doutorado.

Dois dos artigos têm como tema a personalidade numa perspectiva marxista, e Sève aparece como um dentre outros autores que contribuíram neste debate, o que não favorece uma aproximação mais cuidadosa das suas formulações (Martins, 2004; Euzebio & Guzzo, 2013).

O terceiro e último artigo é de 2017, intitulado *Impactos do racismo na subjetividade de indivíduos negros*, sendo o trabalho mais recente sobre Sève publicado no Brasil, e que trata dos impactos do racismo na subjetividade de indivíduos negros (Jesus; Costa, 2017).

O capítulo de livro escrito por Ruiz, como dito anteriormente, é totalmente voltado para o pensamento de Sève, e busca discutir algumas questões sobre personalidade e indivíduo que aparecem no livro *Marxismo e Teoria da Personalidade*.

Por fim, a tese de Vicente (2005), busca utilizar as contribuições da Teoria da Personalidade de Sève como fundamentação para um estudo, no qual busca analisar a prática profissional dos assistentes sociais a partir da trajetória biográfica de algumas profissionais da área.

Vemos, assim, que as ideias de Sève só vão começar a ser realmente discutidas no Brasil a partir dos anos 2000 e, ainda assim, de forma muito fragmentada, sem uma articulação ou diálogo entre os trabalhos.

Optamos por organizar a exposição começando pela análise dos artigos, em seguida, pelo capítulo de livro, terminando pela tese de dissertação, ao invés de utilizar como critério a ordem cronológica das publicações.

Dos materiais que vamos comentar, o primeiro é o artigo de Ligia Márcia Martins, publicado em 2004, intitulado *A natureza histórico social da personalidade*. O artigo tem como objetivo analisar o processo de personalização nos marcos do materialismo histórico-dialético tendo por base as contribuições teóricas de dois autores, Aleksei Leontiev e Lucien Sève. A autora destaca que, em ambos os autores, encontramos um sólido arcabouço teórico acerca da personalidade, que era pouco explorado na psicologia e em outras áreas (Martins, 2004).

O artigo tem o mérito de apresentar algumas das contribuições de Sève para pensar a personalidade como a sua essência social e os impactos deletérios da sociedade burguesa para o desenvolvimento dos indivíduos. Também, indica alguns pontos de diálogo entre Sève e Leontiev (Martins, 2004).

No entanto, o artigo não distingue bem as especificidades de cada autor e as divergências entre eles. Ainda que ambos tenham como norte comum o marxismo, os autores partem de distintas tradições, que possuem apreensões diferenciadas da psicologia e do marxismo. Ao não caracterizar bem essas especificidades, são perdidos elementos importantes para uma compreensão mais ampla do pensamento dos autores.

O segundo artigo, de autoria de Antonio Euzébios Filho e Raquel Guzzo (2013), é intitulado *Marxismo e Teoria da Personalidade: uma análise do sujeito histórico*. Trata-se de um trabalho que busca realizar breve descrição de alguns fundamentos teóricos sobre a personalidade a partir do materialismo histórico-dialético. O artigo busca analisar principalmente as contribuições de Vigotski, Wallon e Sève (1981).

O artigo, semelhante ao anterior tem o mérito de apresentar algumas contribuições de autores marxistas que se debruçaram sobre a personalidade e parte do mesmo procedimento de apresentar esses autores de forma mais ou menos indiferenciada.

Os autores do artigo, contudo, deixam bastante claro que mesmo se valendo das contribuições de Sève eles não estão tomando a especificidade do pensamento dele, a personalidade concreta, indicando assim ao menos uma das divergências de Sève com os outros autores analisados no artigo:

Antes de prosseguir, é importante fazer uma ressalva deixando claro que não estamos tratando daquilo que Sève caracterizou de “personalidade concreta” (Sève, 1979, p. 436), ou seja, de uma individualidade específica implicada em um contexto específico. Limitamo-nos, neste artigo, a uma compreensão abstrata da personalidade, isto é, buscamos aplicar alguns princípios do materialismo histórico e dialético para uma compreensão teórica sobre a personalidade (Euzébios Filho; Guzzo, 2012, p. 52).

Temos assim que a forma da análise da personalidade desenvolvida por Sève não é o central no artigo, mas ainda assim é um artigo importante por discutir algumas das ideias de Sève sobre personalidade como a importância do estudo das relações sociais para o entendimento do desenvolvimento da personalidade.

O terceiro artigo foi escrito por Laís Gonçalves de Jesus e Mônica Rodrigues Costa, é intitulado *Impactos do racismo na subjetividade de indivíduos negros*, e foi publicado em 2017. O objetivo central das autoras era o estudo dos efeitos do racismo nos indivíduos negros e para isso recorreram às ideias de Sève justamente por permitir articular o estudo da subjetividade a uma análise social mais ampla (Jesus; Costa, 2017).

No artigo, as autoras buscam caracterizar o racismo como estruturante das relações sociais no Brasil e, a partir de uma análise da formação social brasileira, elas historicizam o racismo no país, buscando encontrar suas determinações sociais mais profundas, e que são a base para entender como este é exercido pelos indivíduos. Para uma análise social do racismo, elas

recorrem a autores importantes da tradição marxista, como Clóvis Moura, Florestan Fernandes, Octavio Ianni, entre outros (Jesus; Costa, 2017).

Na tentativa de compreender o racismo contemporâneo no Brasil e os seus efeitos na subjetividade das pessoas negras, as autoras recorrem a Sève, justamente porque a sua elaboração teórica permite vincular o estudo da subjetividade das pessoas negras a uma análise social mais ampla do racismo. Além disso, as análises de Sève sobre como as relações sociais podem se tornar um entrave para o desenvolvimento da personalidade dos indivíduos aplica-se bem para o estudo de como o racismo é nocivo para o desenvolvimento das pessoas negras (Jesus; Costa, 2017).

Para o estudo, as autoras utilizaram relatos coletados de uma comunidade virtual da rede social Facebook, denominada “Senti na Pele”. Foram selecionados e utilizados 22 relatos (12 de mulheres e 10 de homens) sobre vivências de racismo (Jesus; Costa, 2017).

Os resultados apontaram para três aspectos dos impactos do racismo: 1) "Silenciar o sofrimento"; 2) "Negar o corpo, a descendência africana e negra e desejar embranquecer-se"; 3 "Resistir de diversas formas: com silêncio, com o engajamento em movimentos sociais, com o corpo, com o relato no Facebook, com violência” (Jesus; Costa, 2017, p.326).

O artigo traz contribuições interessantes para o estudo de Sève, sobretudo pelo uso de suas ideias para uma análise concreta do problema extremamente relevante e atual do racismo, no entanto, a escolha de relatos de Facebook como fonte principal da pesquisa parece não ter fornecido elementos para análise mais profunda dos impactos do racismo nos indivíduos.

O texto seguinte é o de Erasmo Miessa Ruiz (2012), intitulado *Algumas considerações sobre o indivíduo e a personalidade em Lucien Sève*. Por se tratar de capítulo de livro, ao invés

de um artigo, o autor tem liberdade significativamente maior pra discorrer sobre o assunto, o capítulo possui 43 páginas.

Dos escritos sobre o pensamento de Sève, o texto de Ruiz é seguramente, até então, o que mais se aprofundou na discussão das ideias sobre personalidade desenvolvidas pelo autor, publicado no Brasil. O fato de que o referido capítulo dispõe de uma quantidade significativamente maior de páginas do que um artigo e, além disso, ser totalmente dedicado ao pensamento de Sève, certamente contribui bastante para tal aprofundamento (Ruiz, 2012).

Num primeiro momento, o texto de Ruiz faz uma análise cuidadosa do primeiro capítulo do livro de Sève. Neste capítulo, Sève busca apresentar os principais motivos que justificariam o estudo da psicologia, e mais especificamente, da personalidade, a partir das bases teóricas do marxismo. Para Sève, o método desenvolvido por Marx e Engels possibilitaria desenvolver a psicologia para que esta atingisse a maturidade científica (Ruiz, 2012).

Num segundo momento, Ruiz tece uma série de críticas ao que entende como limites da formulação da Teoria da Personalidade de Sève. Se ele parece estar totalmente de acordo com as justificativas apresentadas por Sève para a formulação de uma psicologia com base no marxismo, por outro lado, não parece estar igualmente de acordo com o modo pelo qual Sève elabora a articulação entre a Teoria da Personalidade e o marxismo (Ruiz, 2012).

Há dois pontos fundamentais da crítica de Ruiz a Sève, são estes: em primeiro lugar, a falta de categorias mediadoras entre os indivíduos e as relações sociais; em segundo lugar, um certo economicismo que decorreria, justamente, da falta de mediações nas análises (Ruiz, 2012).

Até certo ponto, parecem-nos legítimas as críticas de Ruiz que, por vezes, as análises de Sève transpõem diretamente categorias econômicas para a Teoria da Personalidade, sem maiores mediações. No entanto, outras críticas de Ruiz às análises de Sève acabam por se contrapor à

própria noção marxista de *determinação econômica*, e defendem uma liberdade individual que se sobressairia a qualquer determinação. Neste aspecto, a análise de Sève dos limites da liberdade nos marcos da ordem social burguesa nos parece bastante consistente.

No geral, a análise de Ruiz busca indicar pontos em que a análise de Sève contribui para pensar a articulação entre psicologia e marxismo, bem como alguns dos limites da perspectiva do autor.

Cabe destacar também que, embora Ruiz faça uma análise mais ampla do livro de Sève, ainda assim, não consegue abarcar em profundidade as principais categorias desenvolvidas pelo autor.

Por fim, o último trabalho analisado aqui é a tese de doutorado de Damares Pereira Vicente, intitulada *O tempo do trabalho: mediações subjetivas no trabalho de assistentes sociais*.

Chama a atenção o fato de que esta tese tenha sido elaborada em um programa de pós-graduação em Serviço Social, e não em Psicologia. Também, é importante destacar o pioneirismo da autora, uma vez que a tese foi defendida em 2005. Nesse momento, o único trabalho que havia se debruçado sobre a obra de Sève tinha sido o artigo de Martins (2004), que foi publicado no ano anterior.

A tese dedica um capítulo para a análise da Teoria da Personalidade de Sève, passando, também, por algumas das contribuições de George Politzer, autor fundamental que antecede a Sève, e forneceu algumas das bases teóricas que seriam posteriormente desenvolvidas por Sève com muita originalidade.

A tese de Vicente contribui ao apresentar algumas das ideias de Sève sobre personalidade, mas o ponto mais importante da tese é a proposta de tentar pôr em prática as

formulações da Teoria da Personalidade do autor. Com isso, a autora acabou por levantar uma questão central na sua tese.

O fato é que Sève não concluiu uma Teoria da Personalidade, seu intuito sempre foi o de fornecer elementos para ulterior desenvolvimento da ciência da personalidade, algo que efetivamente nunca aconteceu. Também, não encontramos no referido autor um estudo prático a partir da análise concreta de uma biografia, da formação da personalidade de algum indivíduo. Em *Marxismo e Teoria da Personalidade* não há um estudo específico ou indicações mais concretas de como desenvolver uma pesquisa de tal natureza.

Vicente (2005), em sua tese, não procura discutir em profundidade ou avançar nas formulações teóricas de Sève, mas, a partir das indicações deixadas pelo autor, buscou colocar em prática o estudo da personalidade. Como não há indicações concretas, a própria autora se apropria das indicações gerais de Sève, tomando a liberdade de desenvolver, ao seu modo, um modo de análise. O resultado foi um interessante estudo, que buscou entender as contradições da profissão do serviço social, partindo da trajetória biográfica de cinco profissionais.

Vicente acabou demonstrando, ao debruçar-se sobre a biografia das profissionais do serviço social, que uma série de valores fornecidos pela sociabilidade destas, como o humanismo cristão e a centralidade da família, acabavam sendo incorporados no cotidiano da atuação profissional a partir de uma síntese complexa, sendo o que dá sentido à atuação destas (Vicente, 2005).

Além disso, as biografias também apontaram para elementos históricos da geração de assistentes sociais formadas durante a ditadura militar, como os currículos precários, as bibliografias escassas, a visão romântica da profissão etc. A análise de Vicente consegue articular bem elementos biográficos e condições sociais para uma análise das contradições da

profissão do serviço social (Vicente, 2005). Por fim, a tese de Vicente oferece importantes contribuições para se apropriar do pensamento de Sève e desenvolvê-lo para estudos concretos.

Observando a cronologia das publicações, temos o seguinte: Martins (2004); Vicente (2005); Euzebio e Guzzo (2009); Ruiz (2012); Jesus e Costa (2017). O que é possível constatar é que as publicações sobre Sève no Brasil são esporádicas, e indicam um interesse pontual na obra do autor, uma vez que não há maiores desdobramentos destes trabalhos ou outras investigações sobre o seu pensamento. Além disso, não existe qualquer diálogo entre as publicações, cada pesquisa parte do zero para a leitura de Sève e não há mais desdobramentos dos resultados atingidos.

Algo que merece atenção é o fato que, nos trabalhos do serviço social, houve um interesse maior para a obra de Sève do que nos trabalhos da psicologia. Apesar da formação das autoras não ser da área, houve uma melhor apropriação e possíveis desdobramentos com as ideias do autor. Talvez, isto indique que há uma demanda por articulações mais profundas entre psicologia e ciências sociais, algo que a psicologia não tem dado conta, promovendo o ímpeto de pesquisadores de ciências diversas para elaborar tentativas de articulação.

Como procuramos demonstrar acima, a recepção de Sève no Brasil, até o presente momento, foi bastante modesta. Tanto no que diz respeito à publicação de sua obra no país, quanto à produção de trabalhos nacionais que abordam o seu pensamento; os passos iniciais foram dados, mas ainda há significativas lacunas. A falta de publicações recentes e a dificuldade de acesso das traduções dificultam a circulação das ideias do autor em território nacional.

2 Elementos Biográficos

Uma vez que Lucien Sève é um autor bastante desconhecido no Brasil, neste capítulo, nos dedicaremos a apresentar alguns de seus elementos biográficos. Entendemos que contextualizar a vida de um autor é aspecto fundamental para a melhor compreensão do seu pensamento.

Este capítulo se divide em duas partes, na primeira, buscamos apresentar um esboço biográfico geral da vida de Sève, procurando destacar a produção teórica e a sua intervenção política. Na segunda parte, reconstituímos alguns momentos decisivos de sua trajetória, que culminam na escrita do livro *Marxismo e Teoria da Personalidade*.

A decisão por uma exposição separada dos dois momentos teve como objetivo principal isolar e demarcar os aspectos biográficos da segunda parte, de modo que eles não ficassem dispersos na biografia como um todo de Sève, que é apresentada na primeira parte.

Antes de iniciar, é preciso indicar que destacamos indicações biográficas muito gerais e limitadas, uma vez que não era objetivo nosso elaborar minuciosa biografia, levando em consideração, ainda, que não dispomos de material bibliográfico suficiente para tal finalidade. Além disso, é importante sinalizar para a parcialidade das fontes. A maior parte do material utilizado adveio de textos escritos poucos após a morte de Sève por amigos do filósofo, logo, os aspectos mais positivos do biografado foram os que mais se destacaram. Postas estas ressalvas, acreditamos que, apesar dos limites, o capítulo cumpre o objetivo de uma contextualização da biográfica.

2.1 Um Esboço Biográfico de Sève

Lucien Sève nasceu em 09 de dezembro de 1926, em Chambéry, na França, e faleceu em 23 de março de 2020, em Clamart, também na França, vítima da pandemia da Covid-19.

Seus pais, André Sève e Adrienne Sève, trabalhavam gerindo uma pequena editora de cariz secular, especializada na publicação de obras destinadas para escolas de ensino primário, incluindo os documentos EDSCO - *Editions Scolaires* (um importante material de uso escolar na França). Ambos situavam-se politicamente à esquerda, e eram simpatizantes do comunismo, tanto que, em 1954, o casal aderiu ao Partido Comunista Francês (PCF) (Girault, 2020).

O interesse pelos livros e a convicção comunista parecem ter sido elementos que Sève herdou da criação de seus pais, que se tornaram primordiais durante toda a sua vida, pois ele jamais abandonaria tais interesses.

Quanto à formação educacional, Sève completou os estudos primários e secundários no Liceu de Chambéry, e ingressou como *Khâgne*⁶ no Liceu *Parc*, em Lyon (Ródano). Entrou na *École Normale Supérieure da rue d'Ulm*, em 1945, aos 18 anos de idade (Girault, 2020).

É importante destacar que esse período de formação inicial do autor são anos bastante conturbados do ponto de vista político e social, tanto na Europa, como na França em particular. Lembremos que, entre os anos de 1939 e 1945, a Europa vivia toda a turbulência da Segunda Guerra Mundial, e mesmo antes disso, os anos que antecederam a Segunda Guerra foram de constante tensão.

No caso da França, cabe lembrar que o país viveu momentos dramáticos durante este período bélico, chegando a ser territorialmente ocupada pelo exército nazista entre os anos de 1940 e 1944.

⁶ *Khâgne* é um termo que faz referência à classe mais avançada do Liceu que se prepara para o concurso de ingresso na *École Normal Supérieur*, seção *Lettres*, isto é, para a entrada em uma “grande escola” na área das Ciências Sociais e Humanas (Faguer, 2015).

Quando do início da Segunda Guerra, Sève tinha 12 anos de idade, e ao seu término, contava com 18 anos. Isto significa que boa parte da sua adolescência e também a formação escolar foram marcadas pela conjuntura europeia. De modo análogo, estes também foram momentos vitais para o Partido Comunista Francês.

O PCF foi a principal liderança da Resistência Francesa contra a ocupação nazista e, em decorrência disto, e da importância da URSS para a vitória contra a Alemanha de Hitler, no imediato pós-guerra o PCF gozou de enorme prestígio. Se, em 1936, o Partido tinha conseguido eleger 72 deputados, nas eleições de 1945 elegeu 161 deputados, mais que duplicando o saldo de 1936, tornando-se assim o maior Partido parlamentar, conseguindo 05 assentos no governo francês (Alvarenga, 2017).

Foi em tal contexto histórico, social e político que Sève, em 1945, entrou na *École Normale Supérieure*, e como bem lembrou Roubaud-Quashie (2020), semanas antes deste ingresso na *École*, em agosto do mesmo ano, as bombas nucleares lançadas pelos Estados Unidos tinham explodido em Hiroshima e Nagasaki, no Japão, e os comunistas estavam no governo pela primeira vez na França. Contudo, até 1950, Sève não entrará no PCF.

Em 1949, aos 23 anos de idade, Sève conclui a formação em filosofia, e logo em seguida é nomeado professor do Liceu Francês de Bruxelas. No entanto, em uma conferência organizada pela Embaixada da França, por se referir ao marxismo, mais especificamente, à figura de Lênin, de forma favorável, é demitido em maio de 1950, e transferido para o Liceu de Chaumont (Alto Marne). Já estamos, aqui, no período da Guerra Fria e da perseguição aos comunistas (Girault, 2020).

Neste episódio, vemos que Sève, embora ainda não tivesse se filiado ao PCF, já era um marxista convicto, disposto a pagar um alto preço para defender suas convicções. De acordo com

Garo (2020), este momento, bem como o percurso intelectual e militante de Sève, o impediram de seguir uma carreira acadêmica, o que teria sido motivo de duradoura amargura para ele.

Em setembro de 1950, Sève decide se juntar ao Partido Comunista Francês, com o qual simpatizava desde os tempos de estudante na *École Normale Supérieure*. Rapidamente, ele assume várias funções no Partido. Em novembro de 1950, torna-se membro da Comissão Ideológica da Federação Comunista; em 06 de maio de 1951, junta-se ao secretariado da Federação Comunista de Haute-Marne, como chefe de propaganda; no mesmo ano, participa do Festival Mundial da Juventude, em Berlim Oriental; em 1952, torna-se secretário departamental do movimento, por breve período (Girault, 2020).

Em abril de 1952, Sève se casa com Françoise Guille⁷, uma estudante comunista, filha de Jean Guille, um diretor de escola secundária e líder comunista, que logo seria demitido por defender o comunismo, rebaixado do cargo de diretor (a perseguição aos comunistas na França foi intensa nos anos da Guerra Fria) (Girault, 2020).

Em abril de 1953, Sève tem uma breve passagem pela política institucional, quando se candidata e é eleito vereador de Chaumont, porém, é uma experiência de curta duração. Ele acabou tendo que renunciar em setembro do mesmo ano, em decorrência de uma transferência profissional, supõe-se, por influência do prefeito (Girault, 2020).

Com a transferência, Sève é nomeado para o Liceu de *Talence* (subúrbio do sul de Bordeaux) em outubro de 1953. Em maio de 1954, torna-se membro da Comissão da Secção Comunista de Bordeaux e, em 1956, é designado para se tornar membro da Comissão Federal (Girault, 2020).

⁷ Françoise Sève estudou russo e se destacou como uma importante tradutora, sendo responsável pela tradução direta do russo para o francês de obras de Lênin e Vigotski. A primeira tradução completa de *Pensamento e Linguagem* para o Francês foi realizada por ela e publicada em 1985. Com Sève, ela teve dois filhos e faleceu em 2011 (Girault, 2020).

Nesse período Sève participou também da criação de uma universidade operária em Bordeaux e foi ativista da associação França-URSS, sendo secretário departamental entre 1954 e 1957 e membro da comissão nacional em 1954 (Girault, 2020).

Além de ser um ativo militante comunista desde 1950, algo que vai permanecer constante em sua biografia, nesta década, se dá o fato de Sève começar a escrever e publicar os seus primeiros textos. A escrita e publicação de obras torna-se algo ininterrupto até o final da sua vida.

A primeira obra publicada por Sève sai em 1954; trata-se, na verdade, de um conjunto de textos escolares para os documentos EDSCO (aqueles mesmos que os seus pais editavam) sobre variados temas como ciência, moral e também literatura, mais exatamente sobre o livro *Guerra e Paz*, de Liev Tolstoi (Girault, 2020).

Em 1956, Sève apresentou, para os mesmos documentos EDSCO, uma série de textos sobre o secularismo, sob o título *L'École et la laïcité, anthologie commentée des grands textes laïques* (*A escola e o secularismo*, uma antologia comentada dos principais textos seculares), publicação que foi elogiada pelo Sindicato Nacional dos Professores. Em 1959, publicou mais um volume pela EDSCO, dessa vez sobre Instrução Cívica (Girault, 2020).

A primeira leva de escritos de Sève, pela própria natureza do material a que se destinavam (os documentos de escolas EDSCO) são materiais eminentemente didáticos. Ainda não são os escritos marxistas pelos quais Sève irá se destacar pouco mais tarde.

Em outubro de 1957, o autor é transferido novamente, desta vez, para lecionar filosofia na Escola Secundária Saint Charles, em Marselha (Bouches-du-Rhône) na qual permanece até 1970, quando abandona o trabalho de professor para dedicar-se integralmente às atividades do Partido (Girault, 2020).

Em Marselha, Sève organizou uma série de conferências sobre marxismo e filosofia da ciência, apresentadas na Universidade Nova de Marselha. Em dezembro de 1957, se torna membro do comitê editorial da *La Nouvelle Critique: revue du marxisme militant*, a revista do PCF, que circulou entre 1948 e 1980, na qual ele também vai começar a publicar artigos.

Em 1959, participa ativamente do Comitê Maurice Audin, um comitê de denúncia das torturas e violências cometidas pelo exército francês na Argélia, durante a Revolução Argelina (1954-1962), pela independência do domínio colonial da França (Girault, 2020).

Em 1960, Sève, com 33 anos, enfim publica o seu primeiro livro marxista. Trata-se da obra *La Différence, deux essais: Lénine, philosophe communiste; sur “La Somme et le reste” d’Henri Lefebvre* (*A Diferença, dois ensaios: Lênin, filósofo comunista; Sobre “A soma e o resto” de Henri Lefebvre*); é, pois, uma obra claramente marcada por polêmicas teóricas e políticas. O livro é composto pelos dois ensaios citados, no primeiro, Sève destaca os méritos teóricos e políticos de Lênin, enquanto que, no segundo, polemiza com o livro recém-publicado por Henri Lefebvre, *La Somme et le reste* (publicado no ano anterior, 1959), e faz um balanço crítico da sua trajetória intelectual e política. A diferença anunciada no título do livro de Sève é justamente a contraposição que ele faz entre os métodos de pensamento e as atitudes políticas de Lênin e Lefebvre, celebrando o primeiro e denunciando a vacilação do segundo (Girault, 2020).

Cabe destacar que Lefebvre, à época, já era um grande filósofo, quase sexagenário, e não fazia muito tempo (1958), havia sido expulso do PCF, partido ao qual havia dedicado 30 anos de militância. As razões da expulsão foram suas críticas ao dogmatismo e ao stalinismo do PCF (Soto, 2013). Exatos 20 anos depois desses ataques, em 1980, Sève faria uma autocrítica, reconhecendo como injustificável a sua posição na época de tentar justificar filosoficamente uma expulsão do Partido (Garro, 2020)

Em 14 de maio de 1961, durante o 16º Congresso do PCF, Sève ingressou como suplente no Comitê Central, e torna-se, por fim, titular em 1964.

Ao longo da década de 1960, Sève esteve no centro de acaloradas discussões sobre a desestalinização do PCF. Na época, uma das propostas levantadas foi a de Roger Garaudy, que defendia que a superação do dogmatismo ao qual o PCF enredou-se na época do stalinismo, se daria por meio de um marxismo aberto ao diálogo com as diversas correntes filosóficas, sobretudo com os cristãos de esquerda. Sève, por outro lado, se contrapôs à posição de Garaudy; para ele, esta superação passava por uma redescoberta do pensamento de Marx e o desenvolvimento criativo do marxismo, não por uma postura eclética. Tais posições foram publicamente defendidas por Sève no livro que ele publicou em 1962, *La philosophie contemporaine et sa genèse de 1789 à nos jours (Filosofia contemporânea e a sua gênese desde 1789 até o presente)*. (Girault, 2020).

Nesse período, o PCF foi palco de uma série de polêmicas internas acerca da direção política que o partido deveria tomar. Um dos mais importantes foi o debate acerca do humanismo, que Sève foi um dos atores juntamente com Garaudy e Althusser, entre outros. No capítulo seguinte, comentaremos tal questão com maiores detalhes, uma vez que terá uma importância direta para contextualizar a escrita do livro *Marxismo e Teoria da Personalidade*.

Em 1964, Sève publicou na revista *L'École et la Nation*, um importante artigo, intitulado *Les "dons" n'existent pas (Os dons não existem)*, no qual questiona a ideia de que as diferenças no desempenho escolar dos estudantes estariam relacionadas a capacidades inatas dos mesmos, onde alguns nasceriam mais propensos para as habilidades intelectuais, enquanto outros às habilidades braçais. Sève defende que o favorecimento ou não da aprendizagem era determinado pelas próprias condições familiares e escolares. O artigo teve o mérito de suscitar intensos

debates entre os professores e pôr em descrédito a ideologia dos "dons" que justificavam políticas escolares discriminatórias para estudantes oriundos da classe trabalhadora (Bonnéry, 2020; Girault, 2020).

Sève publica *Marxismo e Teoria da Personalidade*, sua obra mais conhecida, em 1969. Sem dúvida, tal obra foi responsável por tornar o autor um filósofo conhecido, pois foram 05 edições publicadas e a tradução realizada para 20 idiomas, contudo, isto não impediu que o pensador fosse um autor marginalizado (Girault, 2020). Na seção seguinte, faremos uma análise mais detalhada da biografia de Sève em relação à escrita deste livro, mais precisamente, vamos reconstituir os momentos decisivos que culminaram em sua publicação, isto é, a relação de Sève com a psicologia e o problema da individualidade à luz do marxismo.

Em 1970, o autor decide largar o emprego como professor do Liceu para dirigir a editora teórica e política do PCF, a Editions Sociales. No que diz respeito à sua postura editorial, o objetivo central foi tornar a Editions Sociales uma editora política moderna. Apesar de a editora ser importante desde a fundação, em 1927, para a divulgação do pensamento comunista na França, até então, o seu catálogo privilegiava a propaganda de ação cultural. A inovação da proposta de Sève foi a de torná-la uma "casa comum" para os comunistas, um instrumento, ao mesmo tempo, de intervenção e de teoria (Hage, 2020).

Uma de suas primeiras preocupações editoriais foi o projeto de lançar a edição completa das obras de Marx e Engels, em uma tradução mais rigorosa do que as que se dispunham até então em língua francesa, o que demonstra muito da preocupação de Sève com o texto marxiano (Hage, 2020). Este projeto de tradução segue até os dias de hoje, o GEME: *Grande Édition des œuvres de Marx et d'Engels en français* (Grande Edição das obras de Marx e Engels em francês) (Garó, 2020). Ainda que a Editions Sociales fosse uma editora do Partido, para Sève,

esta não deveria ficar encerrada em si mesma e ao PCF, mas deveria ter uma abordagem autônoma e amplamente aberta e democrática quanto à diversidade de visões no interior do comunismo (Hage, 2020).

A editora também aderiu a uma abordagem interdisciplinar acolhendo filósofos, sociólogos, historiadores, economistas, psicólogos, abrindo as portas para a publicação de jovens pesquisadores de todas as áreas, que faziam debates influenciados pelo marxismo (Girault, 2020; Hage, 2020).

Também houve uma preocupação com a tradução de autores clássicos e diversos da tradição marxista, como Rosa Luxemburgo, Leon Trotski, Antonio Gramsci, e até mesmo uma antologia crítica de Stalin. E também com a divulgação da obra de importantes filósofos franceses, não deixando de fora nem autores com quem o próprio Sève havia polemizado anos antes como Henri Lefebvre e Louis Althusser (Girault, 2020; Hage, 2020).

Esse trabalho como diretor de uma editora aproxima Sève com aquele que havia sido o trabalho dos próprios pais. Esse período teve uma duração de 12 anos, contudo, chegou ao fim em abril de 1982, quando Sève decide deixar a editora no momento em que percebe que estava perdendo autonomia de escolha das publicações. Para Sève, eram resquícios do stalinismo organizacional que persistia no topo do PCF (Girault, 2020; Hage, 2020).

Em 28 de setembro de 1979, o gabinete político do PCF nomeou-o vice-diretor do Instituto de Pesquisas, que tinha como objetivo reunir todas as pesquisas inspiradas no marxismo, sem exclusão política. Sève, então, organizou seminários que deram origem a dois livros editados por ele. O primeiro foi sobre ciências humanas e individualidade: *Je – Sur l’individualité* (*Eu - sobre a individualidade*), lançado em 1987. O segundo foi sobre a dialética

nas ciências naturais, *Sciences et dialectiques de la nature* (*Ciência e dialética da natureza*), lançado em 1998 (Girault, 2020).

Para Martelli (2020a), a opção de Sève, em 1970, de se tornar um membro permanente do PCF, um revolucionário profissional, não foi isenta de consequências. Ele amargou, por isto, a desconfiança de grande parte dos intelectuais, para os quais tal grau de comprometimento com o Partido implica renunciar a qualquer objetividade pela defesa total e intransigente dos interesses do Partido. Efetivamente, a lealdade de Sève ao Partido, por vezes, o levou a embarcar nos equívocos políticos do mesmo, contudo, isso não fez com que abrisse mão de suas convicções teóricas e, com o passar do tempo, ele foi assumindo uma postura cada vez mais crítica em relação ao partido (Garó, 2020; Martelli, 2020a).

As eleições parlamentares de junho de 1984 foram, para Sève, um forte indicativo da crise do Partido, e marcou um importante ponto de inflexão em sua postura frente a ele. O PCF obteve em torno de 11% de votos, elegendo 10 deputados. Uma queda brusca em relação às eleições anteriores; nas eleições de 1979, o PCF obteve por volta de 20% dos votos, elegendo 19 deputados (Girault, 2020).

A recusa de qualquer autocrítica por parte do Partido levou Sève a propor a necessidade de uma “refundação comunista”, o que não foi bem recebido pela direção e o colocou em uma relação tensa e crítica com o Partido até 2010, quando decide, enfim, abandonar as fileiras do PCF, partido do qual foi militante por 60 anos, sem, contudo, nunca abandonar o comunismo (Girault, 2020).

Em 1983, Sève foi nomeado membro do Comitê Consultivo Nacional de Ética para as Ciências da Vida e da Saúde (*Comité consultatif national d'éthique pour les sciences de la vie et de la santé*) do qual fez parte até 2000. Sève liderou um grupo de debate sobre a noção de

"pessoa humana" e ficou responsável por escrever um relatório que abriu caminho para o desenvolvimento das leis bioéticas de 1994 na França. Dando continuidade às suas próprias reflexões acerca da questão, Sève publicou, em 1994, o livro *Para uma crítica da razão bioética* (Atlan, 2020; Girault, 2020).

No início dos anos 2000, Sève chegou à conclusão de que a sua compreensão do pensamento marxista tinha evoluído bastante desde a década de 1980, e iniciou o seu empreendimento filosófico mais ambicioso, uma tetralogia intitulada *Penser avec Marx aujourd'hui* (*Pensando com Marx hoje*). O primeiro volume saiu em 2004: *Penser avec Marx aujourd'hui I. Marx et nous* (*Marx e nós*); o segundo, em 2008: *Penser avec Marx aujourd'hui II. L'homme?* (*O homem?*); o terceiro, em 2014: *Penser avec Marx aujourd'hui III. La philosophie?* (*A filosofia?*); o quarto volume: *Penser avec Marx aujourd'hui IV. Le communisme?* (*O comunismo?*) seria dividido em duas partes, a primeira saindo em 2019, e a segunda ficando inconclusa em decorrência da morte de Sève.

Cabe pontuar que, conforme Netto (2015), há um substantivo desenvolvimento filosófico-antropológico na obra do último Sève. Ele destaca obras como os dois primeiros volumes de *Marx aujourd'hui*, e, também, *Qu'est-ce que la personne humaine. Bioéthique et démocratie*, uma obra de 2006, como especialmente fecundas neste sentido.

Algumas obras importantes publicadas por Sève, e que não foram mencionadas anteriormente são: *Une introduction à la philosophie marxiste, suivie d'un vocabulaire philosophique*, de 1980; *Structuralisme et dialectique*, de 1984; *Communisme, quel second souffle?*, de 1990; *Commencer par les fins : la nouvelle question communiste*, de 1999; *Aliénation et émancipation*, de 2012; *Pour une science de la biographie, suivi de Formes*

historiques d'individualité, de 2015; e *Une lecture très critique de l'historiographie dominante*, suivi d'un choix de textes de Lénine, de 2017.

Sève falece aos 93 anos, em 23 de março de 2020. Acometido pelo vírus da Covid-19, ele chegou a ser hospitalizado, contudo, pela idade, é classificado como “sem prioridade” para o acesso ao respirador. Sève é, então, praticamente abandonado para morrer em um leito de hospital, sujeito a décadas de uma política neoliberal de saúde criminosa, que deixou os hospitais completamente despreparados para lidar com a pandemia (Garo, 2020).

2.2 Lucien Sève e a Obra *Marxismo e Teoria da Personalidade*

Nesta segunda parte do capítulo, iremos traçar alguns elementos da trajetória biográfica de Sève, que culminaram na escrita e publicação de *Marxismo e Teoria da Personalidade*, em 1969.

Marxismo e Teoria da Personalidade, como o próprio autor afirma, no prólogo do livro, não é uma obra circunstancial, de improviso, mas sim resultado de um longo processo de amadurecimento teórico, até chegar às formulações que apresenta na obra. Sève tinha 42 anos quando foi publicada a primeira edição do livro (Sève, 1979).

Apesar da formação de Sève ser em filosofia, o mesmo revela que sempre teve o desejo de se tornar psicólogo e, foi em parte, por isto, que ele decidiu cursar filosofia em 1945, na *École Normale Supérieure*. Diferente do Brasil, no ensino francês, o curso de filosofia compreende igualmente o estudo da psicologia (Sève, 1979).

O interesse de Sève pela psicologia, durante a sua formação, fica evidente na escolha para o trabalho final do curso, exigido para a formação de professor de filosofia. Sève decide fazer um trabalho na área de Psicofisiologia (Sève, 1979).

Contudo, a experiência do autor com a psicologia durante o curso foi um tanto ambígua. Se, por um lado, ele a descreve como cativante em alguns aspectos, em termos gerais, a define como decepcionante. A psicologia dominante na universidade, apesar de instrutiva em aspectos particulares, em seu conjunto, angustiava o jovem estudante (Sève, 1979; 1989).

O que mais causou estranhamento em Sève foi o fato da psicologia se dedicar a estudos de problemas totalmente despersonalizados, e em praticamente nada com o que tivesse relações concretas com a vida humana real (Sève, 1979; 1989).

Reduzindo a atividade do indivíduo ao funcionamento de seu aparelho psíquico, a ciência da psicologia ignorava os problemas da vida para mergulhar na mania classificatória, quando pretendia ocupar-se da personalidade, limitada, com algumas exceções, a uma insípida combinatória de ‘traços’.

(...) Parafraseando a crítica feita por Marx da concepção hegeliana de Estado, seria possível dizer desta psicologia eternamente exaltadora da personalidade, que ela não deve ser censurada tanto por descrever a essência da vida como ela é, mas por dar-nos aquilo que é como a essência da vida. Ela me parecia incuravelmente conservadora (Sève, 1989, p. 151).

Quanto à psicanálise, para Sève, esta tinha a vantagem de ser bem mais voltada para a existência concreta. Ele viu vários dos conhecidos e colegas, na *École Normale Supérieure*, como Althusser, Anzieu, Laplanche e Foucault, serem seduzidos pela psicanálise (Sève, 1989).

Quanto a Sève, se é verdade que, por um lado, a psicanálise despertava algum interesse, por outro, esta nunca chegou a tocá-lo profundamente. Ele reconhecia seu mérito em desvelar mistérios infantis e a arquitetura dos desejos, contudo, questionava o fato da psicanálise

emudecer diante da complexidade de uma crise de adolescente, e da imensa especificidade da vida adulta (Sève, 1989).

Foi, portanto, à margem do ensino psicológico universitário e, em grande medida, contra a psicologia vigente, que Sève vai se debruçar sobre o estudo da personalidade. É, segundo ele, sobretudo nas obras filosóficas e literárias que irá se embrenhar em busca de respostas que não encontrava na psicologia (Sève, 1979).

Conforme o próprio Sève (1989), em seus anos de estudante, assim como ocorreu com muitos da sua geração, ele havia sido seduzido inicialmente pela obra de Sartre, em seguida, teria abandonado o existencialismo sartreano e se aproximado mais profundamente do comunismo, sem, contudo, abandonar a preocupação com a existência individual.

Em Sartre, Sève havia encontrado uma linguagem teórica para pensar a vida, contudo, começou a se distanciar ao perceber que a fenomenologia da existência sartreana não desembocava nem em uma explicação satisfatória, nem na transformação da vida. Foi, então, por volta dos 20 anos, que Sève chegou à conclusão de que não era possível mudar a vida sem transformar as relações sociais. É a partir daí que ele chega ao comunismo, “com a íntima convicção e o firme propósito de que isso não implicava renunciar à preocupação com a individualidade, mas pelo contrário, levá-la verdadeiramente a sério” (Sève, 1989, p. 151).

Contudo, algo que intrigava Sève nesta época era o fato de não existir uma psicologia marxista, para ele, o “misto de lucidez global e paixão transformadora em relação à vida real” (Sève, 1989, p.153), era o que diferenciava cultura marxista de todas as outras, precisamente isto era o que o atraía no marxismo.

No caminho de construção de uma psicologia marxista, Sève aponta 03 grandes marcos decisivos. O primeiro dos 03 marcos foi o contato com a obra de Georges Politzer. A publicação,

em 1947, de *A crise da psicologia contemporânea* de Politzer, contribuiu para orientar as reflexões de Sève no sentido do marxismo. O que mais interessou a Sève, na obra de Politzer, foi “o facto de que o rigor da sua recusa da psicologia clássica desembocava precisamente na promessa de uma psicologia ao mesmo tempo concreta e científica. Estava de acordo quer com o que Politzer negava quer com o que ele defendia” (Sève, 1979, p. 07).

(...) *La Crise de la Psychologie Contemporaine* foi, para mim, uma iluminação. Na verdade, o que era necessário, realmente, era uma ‘psicologia concreta’, cujos conceitos de base fossem homogêneos ao ‘drama’, isto é, ao que se desenrola em todo o cenário da existência, e cuja trama deveria ser modificada profundamente. Desse modo, como não entender a lição subversiva de Politzer: “A psicologia não detém absolutamente o ‘segredo’ dos fatos humanos, simplesmente porque esse ‘segredo’ não é de ordem psicológica”. A compreensão da personalidade exigia uma ‘conduta indireta’: eis o que não chegava a compreender a psicologia que me era ensinada pelos cursos magistrais e pelos trabalhos práticos da Sorbonne. (Sève, 1989, p.152)

No capítulo seguinte, vamos adentrar em algumas das contribuições de Politzer que foram assimiladas e desenvolvidas por Sève em sua Teoria da Personalidade e, também, os limites de Politzer apontados por Sève (1989).

Para Sève, no caminho marginal de construir uma psicologia a partir do marxismo, a falta de guias tornava o caminho mais árduo. Politzer apenas indicava um caminho, mas não chegou a escrever uma obra em que desenvolvesse a fundo as suas ideias iniciais. Quanto a Henri Wallon, outro marxista francês que desenvolvia estudos na psicologia, Sève (1989) afirma que, na época em que escreveu o seu livro, teve acesso apenas a *L'Évolution psychologique de l'enfant* (1941),

estando o restante da obra de Wallon esgotada e inacessível até os anos 1970 e 1980. E, no que diz respeito à psicologia soviética, Sève afirma que ignorava até a existência.

Vivamente ressentido com as carências da psicologia, empenhei-me seriamente, no início dos anos 1950, a estudar, levado por essa preocupação, as obras econômicas de Marx, sem suspeitas que, vinte e cinco anos antes, um certo Vigotski havia escrito, em sua *Signification Historique de la Crise de la Psychologie*: 'a psicologia tem necessidade do seu Capital - de seus conceitos de classe, de base, de valor ...'. (...). Quanto tempo esses desconhecimentos não fortuitos nos terão feito perder, repetindo os erros mais clássicos e reinventando as contribuições mais avançadas do marxismo no campo da psicologia! (Sève, 1989, p. 152)

Ainda assim, Sève (1989) observa que, mesmo a obra de Wallon e seus discípulos, a de Vigotski e Leontiev, remetem muito pouco à personalidade, ao terreno da biografia. Por mais importantes que sejam esses estudos eles são centrados, sobretudo, nas funções e atividade psíquicas. A pesquisa que Sève procurava desenvolver caminhava para outra direção:

Ora, se os pedaços do puzzle biográfico não são, de certo ponto de vista, mais que algumas funções e atividades psíquicas, não é, contudo, a partir delas, que se forma e assume sentido a história que aí é compota. Existe um abismo entre uma combinação de condutas e uma vida humana. (Sève, 1989, p. 153)

O segundo marco decisivo nas reflexões de Sève sobre a psicologia veio a partir de 1950, com o estudo profundo que realizou sobre a obra de Lênin. Deste estudo, Sève chegou à conclusão de que o que viciava a concepção vulgar do indivíduo era a ideologia burguesa, pois esta naturalizava a atividade psicológica e a personalidade (e, esta naturalização aparecia tanto em forma espiritual quanto materialista) (Sève, 1979).

A partir da leitura de Lênin, Sève julgou discernir os fundamentos de uma psicologia historicamente concreta e revolucionária, em que a vida real do indivíduo era entendida no quadro da interiorização das relações políticas (Sève, 1979).

Como resultado desses estudos, Sève publica dois artigos, “Pavlov, Lenin e a psicologia” (escrito em 1953 e publicado na revista *La Raison*, nº 9-10, de Dezembro de 1954), e “Lenin e a psicologia” (publicado na revista *La Pensée*, nº 54, de Setembro de 1954) (Sève, 1979).

O primeiro artigo foi fruto de uma polêmica com a revista marxista de psicopatologia *La Raison*, que publicou uma edição (nº 4, de 1952) com vários artigos, defendendo a psicologia pavloviana como sendo o alicerce da verdadeira psicologia materialista. Em resposta, Sève enviou para a revista uma longa carta, discorrendo sobre os limites da ciência pavloviana da atividade nervosa. Quanto ao segundo artigo, ele foi fruto da intervenção de Sève em um colóquio sobre Lenin, organizado pela revista *La Pensée* (Sève, 1979).

Por fim, o terceiro momento decisivo no desenvolvimento de Sève, no que diz respeito às suas reflexões sobre psicologia e marxismo, foi a leitura e os estudos profundos, realizado em 1953, de *O Capital*, de Marx. Esta leitura foi realizada sem perder de vista as questões psicológicas que o intrigavam (Sève, 1979).

A partir de tal estudo, Sève passou a entrever um terreno específico no que diz respeito à *psicologia da personalidade* articulada com o materialismo histórico, e a desenvolver alguns conceitos iniciais que, contudo, nunca passaram do estado de rascunhos. Sève julgava, ainda, insuficientes os seus conhecimentos neste momento, tanto em relação à psicologia, quanto, mais ainda, em relação ao marxismo. Seus estudos de psicologia prosseguiram até 1956, sem conseguir avanços maiores (Sève, 1979).

Após chegar neste beco sem saída, Sève dedicou-se a outros estudos, como a crítica às deformações revisionistas do marxismo, e à dialética e à história da filosofia francesa desde o século XIX. Ainda que os referidos estudos o tenham afastado dos problemas referentes à psicologia, a verdade é que tais outras questões a que se dedicava sempre, o remetiam, novamente, à problemática da personalidade; o mesmo pode ser dito em relação ao trabalho de professor de filosofia no Liceu. (Sève, 1979, p.12)

(...) a luta contra as reformulações direitistas do marxismo, assim como a crítica do existencialismo colocavam o problema do psicologismo enquanto a história da filosofia francesa do século XIX, o biologicismo; quanto ao estudo da dialética, à qual comecei a me consagrar com um ardor sempre crescente, representa o preâmbulo epistemológico decisivo para todo e qualquer trabalho teórico que pretenda ter um mínimo de rigor científico. O ensino da Filosofia no Liceu, devido, ao mesmo tempo, ao programa de psicologia que nela se inclui, e à prática psicopedagógica que deve procurar desenvolver, não deixava igualmente de me impelir no mesmo sentido. (Sève, 1979, p.09)

Entre 1962 e 1964, Sève é levado a retomar os debates da psicologia, quando a revista *L'École et la Nation* o solicita um artigo sobre a relação entre pais e professores. Sève decide escrever, então, um artigo sobre a questão dos “dons”, isto é, uma crítica à crença nos dons inatos. Um primeiro artigo bem resumido sobre a questão é publicado em Novembro de 1962, o que desencadeia uma viva repercussão. Após aprofundar ainda mais os estudos, em Outubro de 1964, Sève retoma o debate e publica um longo texto intitulado *Os dons não existem*, onde refuta definitivamente a ideologia burguesa dos dons que defendem o inatismo das aptidões intelectuais, e ignoram os determinantes sociais (Sève, 1979).

Após esses estudos sobre os dons, Sève toma consciência definitiva da importância de enfrentar os problemas da personalidade e da individualidade. O próprio debate marxista da França à época girava em torno de questões como: as ideias do humanismo filosófico, de Roger Garaudy; as discussões sobre o anti-humanismo estruturalista; a questão da superação das deformações dogmáticas do marxismo; reflexões sobre as finalidades humanas do socialismo etc.; problemáticas estas que colocavam na ordem do dia a seguinte questão: o que é o homem? (Sève, 1979).

É então que, no início de 1964, Sève elabora o projeto de um breve ensaio, em que pretendia avançar algumas hipóteses sobre a forma de resolver, em profundidade, a questão do homem a partir do marxismo. No verão do mesmo ano, ele inicia uma primeira redação; contudo, acaba abandonando-a no meio do caminho, por esbarrar em dificuldades teóricas, que não chega a explicitar, além, também, da falta de tempo (Sève, 1979).

No ano seguinte, 1965, foram publicados 03 livros de Althusser e os seus companheiros, onde é apresentada pela primeira vez, de forma sistemática, a interpretação do anti-humanismo teórico de *O Capital*. Para Sève, estas publicações foram fundamentais, porque, ainda que ele discordasse frontalmente das posições defendidas por Althusser e demais autores; ainda assim, tais publicações suscitaram valiosas discussões que obrigaram Sève a reformular suas ideias de forma a dar resposta às questões levantadas (Sève, 1979).

Em 1966, Sève se dedica a elaborar uma segunda redação do livro, que também é interrompida pelas dificuldades encontradas, porém, fornece avanços importantes para o amadurecimento do problema. Da segunda redação, Sève chegou a publicar um trecho, que tratava da obra *O capital* e as suas lições no que diz respeito a uma concepção do homem, em novembro de 1966, na revista *La Nouvelle Critique* (Sève, 1979).

No verão de 1967, Sève retoma o trabalho em uma terceira redação do livro, quase definitiva, que é apresentada numa conferência pronunciada na Universidade Nova de Paris, em março de 1968, sobre a teoria marxista da individualidade humana.

Por fim, houve, ainda, uma quarta e última redação do livro, por outra vez profundamente reformulado. Esta versão final foi escrita entre abril e agosto de 1968 (Sève, 1979).

Marxismo e Teoria da Personalidade, por fim, foi publicado no ano seguinte, em 1969, após cerca de 20 anos de investigações, publicações e sucessivos aprofundamentos de análises. Contudo, Sève, já no prólogo da primeira edição, não deixa de reconhecer as imperfeições e falhas da obra, que justificariam uma quinta redação. Ainda assim, a decisão da publicação, mesmo ciente das limitações, tinha como objetivo submeter o livro à crítica coletiva dos pares. Para Sève, este era um passo fundamental para que pudesse avançar em sua pesquisa.

No prefácio da edição francesa de *Marxismo e Teoria da Personalidade*, de 1981, Sève reitera alguns dos limites do livro. Afirmar estar consciente do envelhecimento da obra em vários aspectos, contudo, ainda sublinha as teses fundamentais expostas no texto, que, segundo o autor, não haviam perdido a atualidade (Sève, 1981).

Outra limitação indicada pelo autor foi a tradução utilizada por ele dos *Grundrisse*, de Marx. A tradução de Dangeville, a única disponível em língua francesa à época, revelou-se de confiabilidade científica insuficiente, as novas traduções demonstraram isso (Sève, 1981).

Quanto à repercussão da obra, apesar das muitas edições na França e das várias traduções, ainda assim, não encontrou muitos interlocutores, mesmo para criticá-la. Cabe lembrar o ano em que obra foi publicada, 1969, e as suas implicações. Os anos após as grandes revoltas de Maio de 1968, na França, mudaram o cenário político e intelectual do país. O Partido

Comunista pagou o preço por sua postura vacilante durante 1968, que foi o desprestígio dos seus intelectuais.

Também no plano intelectual, as revoltas de 1968 tiveram impacto decisivo. O estruturalismo emergiu como uma importante força no meio acadêmico francês, como assinala François Dosse:

Os estruturalistas eram, em sua maior parte, marginais até 1968. A contestação estudantil de maio, a modernização da universidade, a implosão da Sorbonne, vão permitir-lhes realizar a sua desejada penetração no mundo universitário, no qual fazem a sua entrada maciça (...) se existe ambiguidade sobre as consequências do evento de 68, no plano teórico, não é esse o caso no plano institucional: o estruturalismo é o grande beneficiário do movimento de contestação. (Dosse, 1994, p. 161)

O contexto se tornou bastante adverso para qualquer recepção positiva de Sève e de seu livro. Num momento em que as grandes palavras de ordem do estruturalismo eram o fenecimento do homem e do humanismo, a obra de Sève sobre marxismo e personalidade já nascia com um aspecto envelhecido para o pensamento acadêmico do momento.

3 Contextualizando

Neste terceiro capítulo, procuramos contextualizar, historicamente, alguns dos debates teóricos e políticos que são fundamentais para entender a obra *Marxismo e Teoria da Personalidade*. Na primeira parte, buscamos apresentar algumas das principais ideias de Georges Politzer, que influenciaram decisivamente o pensamento de Sève, e são fundamentais à Teoria da Personalidade de Sève.

Como vimos anteriormente, na parte 2.2, Politzer é uma das principais referências de Sève no que diz respeito à forma da articulação entre psicologia e marxismo. E, ainda que Sève considere a abordagem politzeriana insuficiente para resolver a questão, ela foi um importante ponto de partida.

Na segunda parte, procuramos apresentar o debate em torno da questão do humanismo que se deu no interior do Partido Comunista Francês, e que teve Roger Garaudy, Louis Althusser e Lucien Sève como alguns dos principais atores.

O estudo da concepção de homem marxista que Sève faz no livro *Marxismo e Teoria da Personalidade*, embora seja uma análise sistemática da obra de Marx, ainda assim, é atravessada a todo o momento pela confrontação com as posições defendidas tanto por Garaudy, quanto por Althusser que, à época, eram figuras centrais do Partido Comunista e do marxismo francês.

3.1 A Influência de Politzer

Começemos por uma breve biografia de Georges Politzer. Ele nasceu na Hungria, em 1903. Aos 17 anos participou, com fuzil nos ombros, da vitoriosa Revolução Húngara, que culminou com a construção da República Soviética Húngara, que durou de 21 de março até 01 de agosto de 1919. Outro eminente marxista húngaro que também fez parte dessa revolução foi o filósofo György Lukács (Carvalho, 2020; Carvalho et al. 2021).

Após a derrota da revolução, Politzer se exila na França onde conclui os seus estudos de filosofia e se filia ao Partido Comunista Francês. Os primeiros trabalhos de Politzer são dedicados à crítica da filosofia idealista e conservadora de filósofos de dois importantes autores da filosofia francesa: Léon Brunschvicg e Henri Bergson (Carvalho, 2020; Carvalho et al., 2021).

Em 1924, Politzer começa a publicar os seus primeiros artigos sobre psicologia, porém, os trabalhos mais importantes datam de 1928 e 1929. Em 1928, ele publica o livro *Crítica aos fundamentos da psicologia*, que constituía a primeira parte de um trabalho maior. O projeto de Politzer era escrever três volumes, nos quais analisaria criticamente a psicanálise; no primeiro volume, o behaviorismo de Watson; no segundo, a *Gestalt*; e, a fenomenologia no terceiro. Contudo, apenas o primeiro volume foi concluído (Carvalho, 2020; Carvalho et al., 2021).

Em 1929, Politzer publica dois artigos em uma revista que fundou, a *Revue de Psychologie Concrète*: “Psicologia mitológica e psicologia científica”; e, “Para onde vai a Psicologia Concreta”? Ambos seriam posteriormente reunidos no livro intitulado *La crise de la psychologie contemporaine*, lançado em 1947, pela editora *Éditions Sociales* (Carvalho, 2020; Carvalho et al., 2021).

Após a publicação desses dois artigos na revista, Politzer passaria 10 anos sem publicar nenhum trabalho sobre psicologia. Apenas em 1939, ele publica um artigo sobre a psicanálise, mas sem o entusiasmo que emanava em publicações anteriores. Alguns intérpretes, como Rosim (2006) e Roudinesco (1988) atribuem o abandono das pesquisas sobre psicologia e do projeto da crítica aos fundamentos da psicologia a uma inflexão stalinista em seu pensamento, decorrente da sua militância no PCF (Carvalho, 2020; Carvalho et al., 2021).

Entretanto, como observam Carvalho et al. (2021), é importante levar em consideração que as tarefas da militância comunista no contexto da ascensão do fascismo, em princípios dos anos 1930, reorientaram as tarefas intelectuais de Politzer em outra direção, o que o teria impossibilitado de dar prosseguimento ao projeto de desenvolvimento da psicologia concreta.

Em 1940, Politzer passa à clandestinidade quando a França é ocupada pelo exercito nazista e, em fevereiro de 1942, é preso e torturado pela Gestapo. A esposa de Politzer, Maï Marie, também é presa, e logo em seguida enviada para o campo de concentração de Auschwitz, onde faleceu. Em maio de 1942, Politzer foi executado (Carvalho, 2020; Carvalho et al., 2021).

Após essas breves indicações biográficas, vamos apresentar algumas das principais contribuições de psicologia concreta formulada por Politzer (1977), que serão fundamentais para o pensamento de Sève.

Uma das mais importantes novidades introduzidas por Politzer, no terreno da psicologia, foi a insólita noção que ele cunhou de *drama*, e que, para ele, teria tal centralidade a ponto da grande questão da psicologia ser o estudo do *aqui e agora*, dos acontecimentos dramáticos (Politzer, 1977).

Mas, o que seria, afinal, este “drama” de que fala Politzer? Em primeiro lugar, é preciso demarcar que, por *drama*, Politzer não está se referindo à concepção de drama enquanto algo “comovente”. Ele toma o termo em sentido mais “amortecido”, isento de qualquer tipo de “sentimentalismo”; “em suma, no seu significado cénico” (Politzer, 1977, p. 188). O drama do teatro é, portanto, a principal referência de Politzer quando pensa e formula tal termo, mas enquanto uma noção central da sua psicologia concreta, *drama* se refere, simplesmente, aos homens e as condições reais em que eles vivem, os dramas humanos (Politzer, 1977).

Desta forma, a psicologia deveria debruçar-se a encontrar respostas para perguntas como: por que motivo determinado indivíduo comete este ou aquele crime em tal momento? Ou, por que razão um determinado indivíduo parece atormentado por um determinado acidente, enquanto outros conseguem se libertar de situações muito mais difíceis? Trata-se de perguntas que não podem ser respondidas por outras ciências, como a história, a sociologia ou a economia política (Poltzer, 1977). Se, para Poltzer, a história e a sociologia podem ser consideradas ciências dramáticas, o que elas estudam são:

(...) os grandes palcos no meio dos quais se desenrolam os dramas de cada geração e os grandes temas de que estes representam as variações. Mas os acontecimentos dramáticos têm sempre um *hic et nunc* que nem a história nem a sociologia podem explicar (...)
(Poltzer, 1977, p. 104).

Para Poltzer, é exatamente aqui que se encontra a especificidade da psicologia, é precisamente no “aqui e agora” do acontecimento dramático, trata-se, portanto, de apresentar respostas a esta intrigante questão. No drama existiria, então, “matéria para uma ciência original” (Poltzer, 1977, p. 103).

Para elucidar melhor o que está elaborando, Poltzer utiliza como exemplo um casamento. Se, por um lado, é certo que uma pessoa não poderia se casar com outra, caso não existisse o casamento enquanto um título de instituição, por outro lado, a constatação por si só não é capaz de explicar o drama na sua precisão individual, isto é, o porquê de uma determinada pessoa decidir se casar com alguma outra pessoa determinada (Poltzer, 1977).

Outro exemplo apontado por Poltzer é o do crime. Se, por um lado, é verdade que a economia política pode explicar muito bem as razões, na sociedade burguesa, pelas quais devem

necessariamente existir crimes, por outro, ela não pode explicar as razões pelas quais um determinado indivíduo é levado a cometer precisamente um determinado crime (Poltzer, 1977).

É a partir desta compreensão da experiência dramática humana que Poltzer justifica a possibilidade de existência de uma ciência psicológica, pela necessidade de uma ciência que estude a especificidade do drama humano. Esta seria, para ele, a forma de superar a crise na qual a psicologia se via enclausurada. Entender e explicar o drama, as suas determinações seria, então, a grande questão da psicologia (Poltzer, 1977).

Note-se, com isso, que Poltzer desloca toda a problemática da psicologia de sua época. Uma das principais críticas direcionadas por Poltzer à psicologia era o fato desta, em vez de se preocupar com o estudo dos acontecimentos humanos estudava processos mentais como: "representação", "imagens", "instintos". Dessa forma: “A maneira como o drama está dividido pela multiplicidade das personagens individuais e dos acontecimentos dramáticos foi substituída pela psicologia das grandes manifestações da natureza espiritual: percepção, memória, vontade, inteligência” (Poltzer, 1977, p. 109).

Para Poltzer (1977), é precisamente isto o que distingue uma psicologia abstrata da psicologia concreta que ele defende, isto é, uma psicologia voltada não às abstrações, mas ao estudo da concretude dos dramas humanos.

Dizemos que uma psicologia que substitui as histórias de pessoas por histórias de coisas, que suprime o homem para, no seu lugar, elevar processos a actores, que abandona a multiplicidade dramática dos indivíduos e a substitui pela multiplicidade impessoal dos fenómenos é uma psicologia abstracta. (Poltzer, 1977, p. 117)

Outro aspecto central na formulação politzeriana, que vai ser demasiadamente importante para Sève, é o fato de que a análise da psicologia concreta tem como pressuposto fundamental a análise social marxista.

Tomando o exemplo da psicologia do trabalho, Politzer argumenta que entender a relação do indivíduo com o seu trabalho pressupõe uma análise exata desta categoria em geral, de sua natureza econômica, do papel desempenhado por este na organização social etc. Ou seja, são conhecimentos para os quais a análise marxista é indispensável (Politzer, 1977). A análise da relação entre o indivíduo e o trabalho não se resume simplesmente a ela mesma, sendo apenas possível a partir de um exame muito mais amplo e rigoroso das determinações sociais do trabalho.

Para Politzer (1977, p. 204-205):

Os factos psicológicos não são, com efeito, senão os factos humanos, na medida em que estes se relacionam com os indivíduos. A psicologia exige, pois, um conhecimento da determinação que é própria aos factos humanos, considerados em si mesmo e independentemente do indivíduo. Este conhecimento é necessário para poder delimitar o domínio da psicologia e pôr convenientemente os problemas, bem como para conhecer, em pormenores, até mesmo a direção, o alcance e os limites das investigações e considerações psicológicas. Por outras palavras, toda psicologia só é possível encaixada dentro da economia. E, é por isso que ela supõe todos os conhecimentos adquiridos pelo materialismo dialéctico, e deve constantemente apoiar-se sobre eles. É, pois, na verdade, o materialismo que representa a autêntica base ideológica da psicologia positiva.

Nesta citação, temos alguns pontos importantes, um destes, a definição da psicologia concreta de Politzer enquanto o estudo dos fatos humanos que dizem respeito aos indivíduos, à experiência concreta dos dramas humanos.

Outro ponto é o fato de que a psicologia concreta defendida por Politzer é avessa a qualquer tipo de subjetivismo ou psicologização dos fenômenos sociais. A psicologia concreta se opõe completamente a uma concepção de psicologia enquanto ciência autônoma, que se explica por si mesma. Trata-se, na realidade, do contrário, ela depende totalmente dos conhecimentos dos fatos humanos em geral, considerados em si mesmos e, inclusive, independentemente do indivíduo. É justamente por isto que Politzer afirma que a psicologia só é possível inserida dentro da economia, isto é, em termos mais precisos, inserida no interior da teoria social marxiana (Politzer, 1977).

É daí que deriva a célebre formulação de Politzer de que: “A psicologia não detém, pois, de forma alguma, o ‘segredo’ dos factos humanos, simplesmente porque esse ‘segredo’ não é de ordem psicológica” (Politzer, 1977, p. 207).

Uma verdadeira compreensão de fatos humanos exige análise mais abrangente, uma vez que estão, na verdade, submetidos à determinação material mais ampla. Cabe destacar, como alerta Politzer que, por determinação material, ele não se refere apenas ao que diz respeito à matéria (Politzer, 1977).

Em suma, o que Politzer defende é que o marxismo detém o “segredo” para se apreender adequadamente “a estrutura e o funcionamento dos acontecimentos humanos” (Politzer, 1977, p. 206), o determinismo psicológico não é soberano, ele não atua senão subordinado ao determinismo econômico (Politzer, 1977). Porém, tal fator não implica que a economia explique, por si só, os acontecimentos dramáticos, significa apenas que os acontecimentos dramáticos não

podem ser verdadeiramente desvendados sem que se leve em consideração, anteriormente, uma análise social fundamentada na teoria social marxiana (Poltzer, 1977).

A leitura que Sève (1979) faz do projeto da psicologia concreta formulada por Poltzer é a de que a noção de “drama” desenvolvida por ele é a anunciação de uma ciência da biografia, do indivíduo, da personalidade.

Na medida em que Poltzer desloca a psicologia da preocupação com as funções e atividades psíquicas e centra o seu foco de estudo na experiência concreta da vida dos indivíduos, ele abre um caminho para Sève desenvolver o estudo da personalidade, que se tornará o seu grande objeto de pesquisa na psicologia. Além disso, a subordinação da psicologia ao marxismo, tal como indicado por Poltzer (1977), forneceu a base de toda a formulação de Sève, e o levou ao estudo rigoroso da teoria marxista para encontrar respostas para a sua Teoria da Personalidade.

Ainda assim, Sève não deixa de constatar que a psicologia do “drama” esboçada por Poltzer permaneceu no estado de um mero projeto, e que esse tipo de impotência teórica não é obra do acaso. Contudo, ele defende que é importante distinguir um projeto irrealizável, porque teoricamente inconsistente, de um projeto irrealizado, por falta de condições práticas para a sua concretização (Sève, 1979).

Para Sève, algo que chama bastante atenção nos escritos psicológicos de Poltzer, é a oposição entre o papel fundamental do materialismo e da economia política marxista, sempre anunciado por ele, e a quase total ausência de referências precisas aos grandes textos marxistas, que dariam subsídio para pensar a articulação entre teoria do indivíduo e a economia política marxista (Sève, 1979).

Todavia, isto não ocorre por acaso. Os principais textos da psicologia concreta de Politzer foram escritos em 1928 e 1929. Até então, algumas importantes obras de Marx ainda não tinham sido publicadas. Obras como os *Manuscritos econômico-filosóficos de 1844*, *A ideologia Alemã* e os *Grundrisse* começaram a ser publicados a partir de 1932 (Sève, 1979).

Em 1928, Politzer, então um jovem com 25 anos, enfrentava um problema de vasta complexidade, e ainda sem dispor de ferramentas teóricas adequadas. Para Sève, a impossibilidade de acesso a tais textos fundamentais, que poderiam fornecer a base para o desenvolvimento de uma articulação entre psicologia e o marxismo, impossibilitou a concretização do projeto da psicologia de Politzer. Também, não foi possível a este autor retomar posteriormente os estudos, em decorrência da guerra e do seu assassinato, em 1942 (Sève, 1979).

Para Sève, isto explica o porquê de Politzer não ter conseguido levar adiante o projeto da psicologia concreta. Com esta afirmação, também fica evidente o tamanho da importância, segundo o autor das contribuições teóricas da obra de Marx para a psicologia. O capítulo 2, de *Marxismo e Teoria da Personalidade*, no qual Sève faz uma análise rigorosa dos textos marxianos, em grande parte aqueles que foram inacessíveis a Politzer, nos anos de 1928 e 1929, tem lugar central na estrutura de toda a Teoria da Personalidade de Sève. É a base, o alicerce de todo o livro.

No entanto, é importante destacar que a obra de Marx não resolve todos os problemas da Teoria da Personalidade, Sève não procura, em Marx, uma resolução da questão. Para Sève, Marx não é o ponto de chegada, mas o verdadeiro ponto de partida para as suas investigações.

3.2 A Questão do Humanismo e do Marxismo no Interior do PCF

Neste segundo momento do capítulo, vamos contextualizar o importante debate acerca das relações entre humanismo e marxismo, que se deu no interior do Partido Comunista Francês, nos anos 1960, tendo Sève como um dos seus atores. Uma questão chave que atravessou o debate diz respeito à interpretação da obra de Marx e do lugar do humanismo em seu interior.

Ainda que Sève não tenha sido uma figura central neste debate, uma vez que a questão do humanismo ocupa um lugar fundamental na leitura que Sève faz da concepção marxista de *homem* presente em *Marxismo e Teoria da Personalidade*, acreditamos ser necessário contextualizar tal debate, antes de entrar na análise realizada por Sève da obra marxiana.

Além disso, a crítica às posições de Garaudy e Althusser acerca do humanismo, neste debate, é indispensável para as próprias formulações de Sève sobre o tema. Acreditamos que tal elemento também justifique a contextualização do debate realizado nas páginas a seguir.

A polêmica do humanismo no interior do PCF ocorreu em um momento histórico de transição no interior do movimento comunista internacional. Trata-se do impacto do XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PUCS), que ocorreu em 25 de fevereiro de 1956, e no qual foi denunciado o “culto à personalidade” e a repressão sistemática e arbitrária perpetrada pela autocracia de Josef Stalin (Magalhães, 2016).

Sobre a denúncia do “culto à personalidade”, é importante apontar que, por mais que não seja falsa a noção de que havia um culto à figura de Stalin, por outro, ela é insuficiente, uma vez que reduz uma problemática histórica a questões de personalidade (Netto, 1981).

Acerca da questão, Lukács traz considerações luminosas:

Minha primeira reação em face do XX Congresso, quase puramente imediata, refletiu uma preocupação mais do que com a pessoa, com a organização: com o aparelho que

tinha produzido o "culto da personalidade" e o fixara depois numa espécie de incessante reprodução ampliada. Identificava em Stalin o vértice de uma pirâmide que, alargando-se sempre na direção da base, compunha-se de "pequenos Stalins", os quais, vistos de cima, eram os objetos e, vistos de baixo, eram os produtores e mantenedores do "culto da personalidade". Sem o funcionamento regular deste mecanismo, o "culto da personalidade" não teria passado de um sonho subjetivo, de um acidente patológico, e jamais teria podido atingir aquela eficácia social que exerceu durante algumas décadas. Não foi preciso refletir muito para compreender que aquela imagem imediata, sem ser falsa, dava apenas uma idéia fragmentária e superficial acerca das origens, do caráter e dos efeitos de um período histórico importante. Para os homens que pensam e que são verdadeiramente dedicados à causa do progresso, colocava-se, necessariamente, a questão da gênese social do fenômeno. (Lukács, 1977, p.21)

O relatório secreto apresentado no XX Congresso do PUCS por Nikita Krushev, denunciando os crimes da autocracia stalinista, foi um verdadeiro divisor de águas, pois até então, para a militância comunista de todo o mundo, Stalin era visto como “o guia genial dos povos”, “o grande líder do proletariado”, “o quarto clássico do marxismo” (Netto, 1981, p.26).

Após a perplexidade inicial, o desafio que foi posto com tais revelações foi o da tentativa de "desestalinização" dos partidos comunistas e a superação do dogmatismo stalinista. Foi nesse contexto que, nos anos 1960, no interior do Partido Comunista Francês, deu-se uma acalorada polêmica acerca da relação entre humanismo e marxismo (Magalhães, 2016).

Importantes figuras se mobilizaram em torno do debate, entre eles, nomes como o de Roger Garaudy, Louis Althusser, Lucien Sève, Michel Simon, Waldeck-Ro, Louis Aragon. As

duas posições mais importantes e conflitantes no debate eram justamente as defendidas por Garaudy e por Althusser (Magalhães, 2016).

Começemos por algumas notas biográficas dos autores e as suas posições acerca do debate sobre a relação marxismo e humanismo. Roger Garaudy nasceu em Marselha, em 1913, e faleceu em 2012, em Paris. Inicialmente um militante cristão, adere ao marxismo e ao PCF em 1933, sem, contudo, abdicar da sua fé. Durante a Segunda Guerra Mundial foi um ativo militante da resistência antifascista, amargando a prisão em vários campos de prisioneiros políticos entre 1940 e 1943, sendo liberto em 1944 (Netto, 2016).

Entre os anos de 1945 e 1962, terá uma permanente atividade parlamentar como deputado e senador, chegando a ocupar a vice-presidência da Assembleia Nacional Francesa. Na hierarquia do PCF, em 1945, entra no Comitê Central e, nos anos 1950, chega ao núcleo dirigente, a Comissão Política do partido (Netto, 2016).

Enquanto teórico marxista, até 1956 e a denúncia dos crimes de Stalin, Garaudy defendia um marxismo empobrecido pelo dogmatismo stalinista. Após isso, torna-se um teórico importante de prestígio internacional, e o ideólogo oficial do PCF (Netto, 2016).

Na década de 1960, Garaudy se destaca por duas grandes batalhas. A primeira, a luta pela superação do doutrinismo no interior, o que o impedia de realizar uma análise concreta e contemporânea da sociedade francesa. A segunda, a luta pela construção do diálogo entre cristãos e marxistas (Netto, 2016).

No final da década 1960, Garaudy discorda frontalmente da postura vacilante do partido em relação à conjuntura de Maio de 1968, e também da intervenção da União Soviética na Checoslováquia para reprimir a Primavera de Praga. O preço pago por Garaudy foi a sua

expulsão do PCF, em fevereiro de 1970 (Netto, 2016). Cabe lembrar o silêncio e o conformismo de outros marxistas, como Althusser e Sève às posturas do PCF (Netto, 2016).

Nas décadas após a expulsão do partido e afastado do movimento comunista, a incidência do marxista em seu pensamento vai sendo diluída. A obra de Garaudy vai assumindo um caráter multiculturalista e, frequentemente profético-utópico. Ele se converte ao Islamismo em 1982 (Netto, 2016).

Em fins dos anos 1980 e durante os anos 1990, Garaudy protagoniza dois episódios degradantes em sua trajetória. Em 1982, aceitou ser testemunha da defesa no julgamento do criminoso nazista Klaus Barbie, o "Carniceiro de Lyon". E, em 1996, publica o livro *Os mitos fundadores da política israelense*, no qual negava que o Holocausto tivesse realmente ocorrido (Netto, 2016).

No que diz respeito à sua posição no debate sobre o humanismo, para Garaudy, o marxismo seria fundamentalmente um humanismo, mas um humanismo que se distinguiria de todos os que o antecederam, por ser o único capaz de dar ao homem o papel de protagonista da história. Além disso, o fato do humanismo marxista se afastar de qualquer caráter metafísico, sendo dotado de uma concretude inerente, era outro fator que o distinguiu dos humanismos anteriores (Magalhães, 2016). Por suas particularidades, o humanismo marxista era, portanto, para Garaudy, o único apto a propiciar a realização do "homem total", tal como era indicado por Marx nos *Manuscritos Econômico-Filosóficos* de 1844 (Magalhães, 2016).

O principal adversário de Garaudy neste debate foi Althusser. Pierre Louis Althusser nasceu em 16 de outubro de 1918, em Birmandreis, perto de Argel (Argélia) e faleceu em 22 de outubro de 1990, em Yvelines (Matheron, 2008). Em 1937, uniu-se ao movimento da juventude católica, e tinha, no momento, uma concepção de mundo ideologicamente à direita. Em 1939, é

aceito para estudar na *École Normale Supérieure*, mas apenas inicia os estudos após a Segunda Guerra, porque é convocado para lutar, sendo feito prisioneiro na Alemanha, de junho de 1940 a maio de 1945. Althusser retorna da Guerra com a saúde mental severamente abalada, e, até o final da vida, vai ser constantemente hospitalizado (Matheron, 2008).

Em 1948, foi nomeado professor de filosofia na *École Normale Supérieure*, e, em novembro do mesmo ano, entra para o Partido Comunista Francês. Contudo, Althusser nunca exerceu nenhuma responsabilidade nos órgãos do partido, nunca fez parte do Comitê Central, nem do Centro de Estudos e Pesquisas Marxistas ou do conselho editorial de nenhum periódico partidário (Matheron, 2008).

A década de 1950 firmou os anos de estabilização e maturação. Embora a influência de Althusser permanecesse bastante limitada, ele adquiriu uma sólida reputação intelectual. Até então, ele estava muito envolvido na vida interna da *École* (Matheron, 2008). Seu pensamento atingiu a maturidade no início dos anos sessenta. Em 1965, publica duas coletâneas junto aos seus discípulos: *Pour Marx* e *Lire Le Capital*. Estas duas obras garantiram a Althusser instantânea fama nacional e internacional. Dentro do PCF, o althusserianismo se tornou uma corrente específica e oposta à representada por Roger Garaudy (Matheron, 2008).

Os anos setenta foram marcados pela necessidade de uma autocrítica ao teorismo presente nas obras *Pour Marx* e *Lire Le Capital*. Althusser passa a preocupar-se em pensar a articulação entre a política e a teoria (Matheron, 2008).

Na segunda metade da década, Althusser adotou uma postura cada vez mais crítica às teses e práticas do PCF. Em abril de 1978 publicou, no *Le Monde*, três artigos violentos sobre o funcionamento interno do PCF, retomados no volume *O que não pode mais perdurar no Partido Comunista Francês* (Matheron, 2008).

O início da década de 1980 é marcado por uma tragédia que vai encerrar definitivamente a sua vida pública. Althusser, em meio a um surto psicótico, enforca e mata a sua própria esposa, Hélène Rytman, em 16 de novembro de 1980. Declarado inimputável no momento do acontecimento, Althusser foi inocentado pela Justiça e internado no Hospital Psiquiátrico Sainte-Anne, onde permaneceu até 1983. Viveu o resto da vida de forma reclusa, tendo escrito uma autobiografia *O futuro dura muito tempo*, e alguns textos filosóficos que foram publicados após a sua morte (Matheron, 2008).

No quis diz respeito à posição de Althusser sobre o humanismo, para ele, o marxismo seria o oposto disso, constituiria, na realidade, um anti-humanismo teórico, para o qual conceitos como *homem* e *essência humana* não teriam lugar. Na formulação althusseriana, o marxismo deveria ser entendido como uma ciência que se contrapõe a toda e qualquer ideologia (Magalhães, 2016).

Althusser rejeitava firmemente a ideia de colocar o homem como sujeito da história, uma vez que as próprias noções de *homem*, *sujeito*, *homem total*, *fim da alienação*, *liberdade criadora*, *humanismo*, seriam ideológicas, ideias falsas. Para ele, tais noções representavam um retrocesso teórico pré-marxista (Magalhães, 2016).

Para Althusser, entre o “jovem Marx” e o “Marx maduro” havia uma verdadeira ruptura teórica, um corte epistemológico, no qual o pensamento do jovem Marx consistia em uma filosofia que não poderia ser considerada marxista, e, apenas na maturidade é que Marx formula um pensamento realmente científico e plenamente marxista. Para Althusser, o ideal humanista que estava presente no jovem teria sido totalmente erradicado no pensamento maduro de Marx (Magalhães, 2016).

As polêmicas em torno da questão do humanismo estavam atingindo tal grau de animosidade e repercussão, que levou ao PCF à necessidade de debater internamente a questão. Para Garo (2020), o fato do PCF nunca ter aceitado a formação de tendências internas dentro do partido foi um dos principais fatores que o levou à intensificação da politização do debate em torno do humanismo.

Na sessão do Comitê Central do PCF, realizada em Argenteuil, nos dias 11, 12 e 13 de março de 1966, as polêmicas em torno da questão do humanismo se tornaram um dos principais temas de debate (Magalhães, 2016). Contudo, a resolução de sessão de Argenteuil foi paradoxal, uma vez que acabou dissociando completamente teoria e prática, ao afirmar, ao mesmo tempo, a liberdade absoluta de investigação e a total inocuidade estratégica das mesmas. Trata-se, portanto, da defesa de táticas políticas sem bússola teórica ou debates de reflexão teórica, sem consequências políticas. No fim, apesar de indicar a liberdade de pesquisa, a própria resolução defendia uma concepção humanista do marxismo que se aproximava da posição defendida por Garaudy (Garo, 2020).

Como já foi mencionado anteriormente Sève não teve um papel central neste debate, embora tenha participado dele. Além de ser uma figura pública bem menos reconhecida que Garaudy e Althusser, ele assumiu uma posição bastante minoritária e distante das principais ideias em circulação (Girault, 2020).

No debate, Sève posicionou-se contrariamente à abordagem do marxismo humanista feita por Garaudy, e mostrou-se favorável à crítica de Althusser ao “ecumenismo filosófico” dele. Contudo, isso não significava uma adesão à posição defendida por Althusser, que considerava uma leitura não suficientemente rigorosa da obra de Marx, ao defender a existência de um anti-humanismo teórico no pensamento marxiano (Girault, 2020).

Alguns anos mais tarde, em 1969, no livro *Marxismo e Teoria da Personalidade*, Sève retorna ao problema do humanismo marxista, no capítulo em que se propõe a explicitar a concepção de *homem* desenvolvida por Marx ao longo da sua obra. No decorrer deste estudo, incorre em constantes polêmicas com as posições tanto de Garaudy, quanto com as de Althusser, no intuito de explicitar a sua posição, a de que o marxismo é um humanismo científico.

No fundo, toda a polêmica acerca da relação entre marxismo e humanismo é, na verdade, uma polêmica em torno da leitura e interpretação da obra de Marx e da concepção de homem presente nela. Em Garaudy, Althusser e Sève, temos três concepções diversas sobre o real significado da obra de Marx e do lugar (ou não lugar) que o humanismo ocupa nesta.

No caso de Garaudy, após a superação de sua fase stalinista, a intensificação da luta contra o dogmatismo, ao qual ele mesmo se viu enredado anteriormente, o levou a uma completa abertura do marxismo para as várias correntes filosóficas, especialmente com o pensamento católico de esquerda. Nesse ecletismo teórico, o rigor do marxismo de Garaudy foi bastante comprometido. Como observou certa vez Netto (2016), o “marxismo aberto” defendido por Garaudy era mais “aberto” do que “marxismo”.

Althusser, por outro lado, incorre em um tipo diverso de ecletismo, desta vez, com o estruturalismo. Embora Althusser apresente a leitura que faz de Marx como sendo uma redescoberta do “verdadeiro Marx”, na realidade, como apontou Coutinho (2010), o que ocorre é uma releitura de Marx a partir do arcabouço teórico do estruturalismo francês vigente à época.

A leitura que Sève se propôs a fazer de Marx é uma leitura profundamente atenta ao texto e ao método marxiano, evitando, assim, qualquer tipo de ecletismo teórico, que acabaria por deformar o núcleo do pensamento de Marx. O procedimento de Sève não significa tomar a obra de Marx em sentido quase religioso, imune a toda e qualquer crítica, e que possuiria a palavra

final sobre todos os temas de pesquisa. Trata-se, na verdade, de pensar com Marx, pensar a partir de sua obra, mas no sentido levar a cabo as pesquisas que Marx não chegou a realizar para testar hipóteses, desenvolver determinadas intuições, pontuar os erros, e, sobretudo, avançar na pesquisa, tendo em conta o método como o essencial.

Neste sentido, Sève se aproxima de um marxismo ortodoxo, mas não no sentido pejorativo que poderia ter o termo “ortodoxo”, e sim no sentido que o confere Lukács, em *História e Consciência de Classe* (1923), isto é, o da fidelidade ao método marxiano.

(...) Em matéria de marxismo, a ortodoxia se refere antes e exclusivamente ao *método*.

Ela implica a convicção científica de que, com o marxismo dialético, foi encontrado o método de investigação correto, que esse método só pode ser desenvolvido, aperfeiçoado e aprofundado no sentido dos seus fundadores, e que todas as tentativas para superá-lo ou ‘aperfeiçoá-lo’ conduziram somente à banalização, a fazer dele um ecletismo - e tinham necessariamente de conduzir a isso (...). (Lukács, 2003, p. 65)

4 A Concepção Marxista de *Homem*

Uma das contribuições mais fundamentais do livro de Sève é o estudo sistemático da obra de Marx, que aparece de forma mais detida na parte I do 2º capítulo do livro, atravessando diversos momentos da obra. Trata-se de uma leitura atenta aos pormenores do texto marxiano, que Sève demonstra conhecer em profundidade.

Dessa leitura da obra marxiana, o referido autor consegue extrair um rico material, que vai revelar as ideias de Marx que sempre estiveram lá, mas que não costumam ser tão bem examinadas.

O estudo empreendido por Sève tem como intuito uma leitura sistemática e rigorosa para apreender a concepção marxista de homem, de *A Ideologia Alemã* a *O capital*. Conforme o autor, um estudo amplo deste tema exigiria vários volumes, para esmiuçar toda a obra de Marx, então, o que ele propõe é apresentar apenas uma síntese geral (Sève, 1979).

É importante destacar que a forma como Sève trata a obra de Marx para pensar a psicologia, em nada se assemelha àquela criticada por Vigotski (1999), em seu famoso trabalho *O significado histórico da crise na psicologia*. A crítica vigotskiana se dirigia àqueles autores que buscavam encontrar nos clássicos do marxismo respostas para praticamente todas as questões, preterindo, assim, o laborioso trabalho da investigação, prática recorrente no contexto da URSS.

O procedimento de Sève é bem mais complexo, o objetivo não é o de encontrar em Marx as respostas das questões da personalidade. Ele toma Marx não como um ponto de chegada, mas como um ponto de partida de sua investigação. Busca, tanto em sua concepção filosófica como um todo, quanto em suas formulações antropológicas, isto é, a sua concepção de *ser humano*, indicações para a constituição de uma Teoria da Personalidade.

4.1 *A Ideologia Alemã (1845-1846)*

Sève inicia o seu estudo com *A Ideologia Alemã* por entender ser nesta obra que Marx e Engels realizam uma revolução teórica no que diz respeito à concepção do homem. É entre 1845 e 1846 que os autores desenvolvem tal concepção.

A primeira formulação aparece em 1845, no breve manuscrito de Marx intitulado *Teses sobre Feuerbach*. Mais especificamente, na Tese VI, encontramos a seguinte passagem:

‘A essência humana não é uma abstração inerente ao indivíduo isolado. Na sua realidade, é o conjunto das relações sociais’. (Marx como citado em Sève, 1979, p.96)

Isto quer dizer que o ser dos homens, a sua ‘humanidade’ historicamente concreta, não assenta, de forma alguma, nem possui a sua origem diretamente na individualidade humana considerada em geral, mas sim que, segundo o comentário inequívoco de *A Ideologia Alemã*, ‘nessa sùmula de forças de produção, de capitais, de formas de relações sociais, que cada indivíduo e cada geração encontram como coordenadas já existentes’(...) por outras palavras, acima de tudo na formação econômica da sociedade. A IV Tese estabelece, portanto, uma distinção capital entre a essência humana objectiva e a forma da individualidade e afirma o carácter declaradamente secundário da individualidade relativamente à base social objectiva. (Sève, 1979, p. 96)

A Ideologia Alemã ([1845-1846] 1932) é a primeira grande obra que marca o nascimento definitivo de uma nova concepção de mundo. Nela, Marx e Engels fazem um acerto de contas com a filosofia especulativa do seu tempo e dão passos decisivos na fundamentação da dialética materialista.

A crítica fundamental que Marx e Engels dirigem a Ludwig Feuerbach é que este nunca conseguiu apreender os homens reais, que não fossem uma abstração da concepção de homem.

Para os autores, Feuerbach:

Nunca consegue chegar aos homens existentes e que agem realmente, pois ele atém-se a uma abstracção, “o homem”; e não consegue reconhecer o homem “real, individual, em carne e osso” a não ser no sentimento; por outras palavras, não conhece outras ‘relações humanas’ ‘do homem com o homem’ que não sejam o amor e amizade, e ainda por cima, consideradas de um ponto de vista idealista. Não efectua a crítica das actuais condições de vida. [...] Vem a recair, por consequência, no idealismo, precisamente no ponto em que o materialismo comunista vê, simultaneamente, a necessidade e a condição para uma transformação radical, tanto da indústria como da estrutura social. (Marx & Engels como citados em Sève, 1979, p. 113)

Em contraposição ao “homem feuerbachiano”, que abstrai as condições reais de vida dos homens, os autores de *A Ideologia Alemã* reivindicam uma forma materialista e científica de se estudar o desenvolvimento histórico do ser humano (Sève, 1979).

Esta forma de considerar as coisas não é desprovida de pressupostos. Parte de premissas reais e não as abandona, por um instante que seja. Estas premissas são os homens, não isolados e determinados de qualquer forma imaginária, mas sim captados no âmbito do seu processo de desenvolvimento real em condições determinadas, desenvolvimento este empiricamente visível (Marx & Engels como citados em Sève, p. 114).

Para Sève (1979), é precisamente este o sentido do materialismo histórico-dialético, enquanto que a essência da filosofia especulativa é transformar tudo em categorias abstratas do real, e pensar o mundo a partir das abstrações.

Na leitura que Sève faz de *A Ideologia Alemã*, esta aparece como uma longa demonstração do fato de que a história do desenvolvimento das forças produtivas é, ao mesmo tempo, a história do desenvolvimento das forças dos próprios indivíduos.

Sève resgata uma carta de Marx direcionada a Annenkov, datada de 28 de Dezembro de 1846, onde se encontra um sintético resumo das ideias contidas n’*A Ideologia Alemã* que demonstram essa relação entre o desenvolvimento das forças produtivas e o desenvolvimento das forças dos próprios indivíduos:

A partir do simples facto de que toda a geração posterior encontra forças produtivas adquiridas pela geração anterior, que lhe servem como matéria-prima para uma nova produção, forma-se uma conexão na história dos homens, uma história da Humanidade, que será tanto mais a história da Humanidade quanto as forças produtivas dos homens, e, por consequência, as suas relações sociais, tiverem sido desenvolvidas. Consequência inevitável: a história social dos homens nunca passa da história do seu desenvolvimento individual, quer tenham ou não a consciência disso. As suas relações materiais constituem a base de todas as suas relações. Estas relações materiais não passam das formas necessárias no seio das quais as suas atividades material e individual se realizam. (Marx como citado em Sève, 1979, p. 15-16)

Sève (1979) também procura demonstrar como, nessa obra há páginas notáveis de Marx e Engels com comentários acerca da personalidade. Um exemplo é o comentário sobre como a divisão do trabalho na sociedade burguesa conduz o trabalho humano à perda de sentido como “manifestação de si” do trabalhador, o que direciona a grande maioria das pessoas que trabalham a se perceberem “privadas de todo o conteúdo real de vida”, tornando-se “indivíduos abstratos”.

(...) as forças produtivas aparecem como plenamente independentes e separadas dos indivíduos, como um mundo próprio ao lado destes, o que tem sua razão de ser no fato de que os indivíduos, dos quais elas são as forças, existem dispersos e em oposição uns com os outros, enquanto, por outro lado, essas forças só são forças reais no intercâmbio e na conexão desses indivíduos. Portanto, de um lado, há uma totalidade de forças produtivas que assumiram como que uma forma objetiva e que, para os próprios indivíduos, não são mais as forças dos indivíduos, mas as da propriedade privada e, por isso, são as forças dos indivíduos apenas na medida em que eles são proprietários privados. Em nenhum período anterior, as forças produtivas assumiram essa forma indiferente para o intercâmbio dos indivíduos, na qualidade de indivíduos, porque seu próprio intercâmbio era ainda limitado.

De outro lado, confronta-se, com estas forças produtivas, a maioria dos indivíduos, dos quais as forças se separaram e que, por isso, privados de todo conteúdo real de vida, se tornaram indivíduos abstratos, mas que, somente assim, são colocados em condições de estabelecer relações uns com os outros na qualidade de indivíduos. O trabalho, único vínculo que os indivíduos ainda mantêm com as forças produtivas, e com a sua própria existência, perdeu, para eles, toda a aparência de autoatividade, e só conserva sua vida definhando-a. (Marx & Engels, 2007, p. 72)

Em outro momento, Marx e Engels discutem como, a partir do desenvolvimento das forças produtivas, surge a necessidade do “desenvolvimento de uma totalidade das faculdades dos próprios indivíduos” (Marx & Engels, 2007, p. 74), isto é, os trabalhadores sentem a necessidade de ter uma vida mais rica, de se apropriar das conquistas possibilitadas pelo desenvolvimento social. Contudo, isso entra em choque com as relações sociais vigentes, que

excluem os proletários da livre manifestação de si. Esse processo torna a revolução social - num sentido comunista - uma necessidade vital para a classe trabalhadora, pois esta abre a via para que o trabalho se torne livre (autoatividade), e que os trabalhadores possam se desenvolver livremente e se apropriar da produção social. Contudo, essas possibilidades de desenvolvimento humano não são dadas por uma essência abstrata desenvolvida naturalmente, mas sim frutos de um processo social, das possibilidades que emergem a partir do desenvolvimento das forças produtivas (Sève, 1979).

[A apropriação por parte dos trabalhadores das conquistas sociais advindas do desenvolvimento das forças produtivas] só pode ser realizada por meio de uma união que, devido ao caráter do próprio proletariado, pode apenas ser uma união universal, e por meio de uma revolução na qual, por um lado, sejam derrubados o poder do modo de produção e de intercâmbio anterior e o poder da estrutura social e que, por outro, desenvolva o caráter universal e a energia do proletariado necessária para a realização da apropriação; uma revolução na qual, além disso, o proletariado se despoje de tudo o que ainda restava de sua precedente posição social. Somente nessa fase, a autoatividade coincide com a vida material, o que corresponde ao desenvolvimento dos indivíduos até se tornarem indivíduos totais e à perda de todo seu caráter natural; e, assim, a transformação do trabalho em autoatividade corresponde à transformação do restrito intercâmbio anterior em intercâmbio entre os indivíduos como tais. Com a apropriação das forças produtivas totais pelos indivíduos unidos, acaba a propriedade privada. (Marx & Engels, 2007, p. 73-74)

Ainda na mesma direção do parágrafo anterior, há uma passagem em que os autores afirmam que os proletários “devem, se quiserem afirmar-se enquanto pessoas, abolir a sua

própria condição anterior de existência”, e “têm necessidade de derrubar o Estado para tornarem reais as suas personalidades” (Marx & Engels como citados em Sève, 1979, p. 117).

Para Sève, essas passagens de *A Ideologia Alemã* são importantes indicações para a elaboração de uma teoria científica da personalidade, não se tratando, de forma alguma, de comentários isolados (Sève, 1979).

Em outro momento da obra, há a passagem de uma polêmica contra Max Stiner, em que é, exemplarmente demonstrada, como a tomada em consideração dos homens não é um ponto marginal, mas um elemento essencial para o pensamento de Marx e Engels. A ideia de estudar os homens sem levar em consideração as relações sociais é algo infecundo, tanto os homens quanto as relações sociais e a luta de classes se tornam incompreensíveis.

Na citação seguinte, os autores comentam criticamente o pensamento de Stirner, uma vez que, para eles:

Há, por um lado, a ‘transformação da situação’ e por outro, os ‘homens’ e estes dois aspectos são completamente distintos. [Ele] nem sequer pensou, por um momento que fosse, em que a ‘situação’ sempre foi precisamente a situação desses homens, e que nunca foi possível transformá-la sem que os homens se transformassem igualmente, bem como que, para chegar a tal, haja necessidade de que se sintam ‘descontentes consigo mesmo’ na sua anterior situação. (Marx & Engels como citados em Sève, 1979, p. 117)

Dessa forma, em *A Ideologia Alemã*, já se encontra antecipadamente a formulação célebre do *Manifesto Comunista*, de que a “burguesia cria o seu próprio coveiro”. O proletário, que tem, como qualquer outro homem, a tendência para satisfazer as suas necessidades pessoais, e que nem sequer pode satisfazer aquelas que têm em comum com

os outros homens, ele, a quem a necessidade de trabalhar catorze horas por dia acaba por rebaixar, em suma, ao nível da besta de carga, e a quem a concorrência transforma num objeto e numa mercadoria, ele, que se vê expulso da sua posição de simples força produtiva, a única que lhe resta, por outras forças produtivas mais poderosas – este proletário tem, por isso mesmo, a missão real de alterar totalmente as suas condições de vida. (...) Os indivíduos da época actual são obrigados a abolir a propriedade privada. (Marx & Engels como citados em Sève, 1979, p. 118)

A partir dessas leituras de *A Ideologia Alemã*, Sève procura demonstrar que Marx e Engels superam toda e qualquer concepção abstrata do homem e o que emerge em seu lugar é uma nova concepção de homem, o homem enquanto “indivíduo social historicamente determinado” (Sève, 1979, p. 118). E, dessa forma, o marxismo abre caminho para o desenvolvimento de uma antropologia não especulativa, cuja *VI Tese sobre Feuerbach* é a sua pedra angular (Sève, 1979).

A nova concepção do homem também tem implicações diretas para a teoria da alienação, uma vez que o processo de alienação só pode ser plenamente desvendado e radicalmente eliminado na medida em que a totalidade dos processos históricos, incluindo os processos da existência pessoal, for apreendida na base da essência humana real, isto é, através do estudo concreto das relações sociais, das suas contradições efetivas e do seu desenvolvimento prático. Dessa forma, a teoria da alienação, tal como aparece nos *Manuscritos de 44*, sem ainda levar em conta, totalmente, esse indivíduo social historicamente determinado, cede lugar a uma teoria realmente científica da alienação, que leve em conta as contradições e condições históricas do desenvolvimento dos indivíduos (Sève, 1979).

Como procura demonstrar Sève (1979), já em *A Ideologia Alemã* aparece, tal como na *VI Tese sobre Feuerbach*, a compreensão do conjunto das condições sociais materiais como sendo a essência humana ‘real’ e ‘base concreta da essência humana’, em suma, em termos extremamente sintéticos, defende que ‘o ser dos homens é o seu processo de vida real’. (Marx & Engels como citados em Sève, 1979, p. 119-20).

Voltando ao tema da alienação tal como aparece em *A Ideologia Alemã*, vejamos as seguintes citações:

Este imobilismo da atividade social, esta petrificação do nosso próprio produto numa potência objectiva que nos domina, escapando ao nosso controle, opondo-se às nossas esperanças, reduzindo a pó os nossos cálculos, é um dos momentos capitais do desenvolvimento histórico até aos nossos dias [...]. Esta ‘alienação’ – para que a nossa exposição se torne inteligível aos filósofos – não pode, naturalmente, ser abolida senão mediante (certas) condições práticas. (Marx & Engels como citados em Sève, 1979, p. 20)

É a análise do desenvolvimento histórico, das condições materiais de vida, que revela o segredo da alienação, da despotencialização dos homens e mulheres que se veem dominados pelos próprios produtos. E a superação dessa condição, a abolição da alienação, só pode advir das transformações das condições materiais de vida (Sève, 1979).

Nesta outra passagem, Marx e Engels criticam Feuerbach, mais exatamente, a sua ideia de que “o ser de um objeto ou de um homem é, igualmente, a sua essência”. Eles se contrapõem da seguinte maneira:

Portanto, se milhões de proletários não se sentem, de forma alguma, satisfeitos com as suas condições de vida, se o seu ‘ser’ não corresponde, de forma nenhuma, à sua

‘essência’, tal equivaleria, segundo a passagem citada, a uma desgraça inevitável, que seria conveniente suportar tranquilamente. Contudo, estes milhões de proletários ou de comunistas possuem uma opinião totalmente diferente a este respeito e eles prova-lo-ão, na devida altura, quando colocarem o seu ‘ser’ em harmonia com a sua ‘essência’, na prática, por meio de uma revolução. (Marx & Engels como citados em Sève, 1979, p. 120-121)

Aqui, os autores demonstram que não existe a equivalência entre ser e essência, uma vez que as condições materiais de vida criam uma forma de vida miserável para os trabalhadores, e também apontam a revolução como uma forma dos trabalhadores criarem as condições materiais condizentes com uma existência. Algo que se pode notar é como autores jogam com a linguagem de Feuerbach, o que fica explícito ao se notar que “ser” e “essência” sempre aparecem entre aspas (Sève, 1979).

Marx e Engels também criticam a forma como a filosofia especulativa, com um vocabulário mistificador, utilizava os termos “humano” e “desumano” relacionando-os a um homem ideal e abstrato. Trata-se de um puro contrassenso, quando se define esses termos historicamente como sendo um produto das condições atuais (Sève, 1979).

A expressão positiva ‘humano’ corresponde a um sistema determinado, dominante em função de certo nível de produção, e a forma de satisfação às necessidades que esse sistema implica, tal como a expressão negativa ‘desumano’ corresponde à tentativa quotidianamente renovada, e suscitada por esse mesmo meio de produção, de negar esta situação dominante e de negar igualmente a forma dominante de satisfazer as necessidades do âmbito do modo de produção existente. (Marx & Engels como citados em Sève, 1979, p. 121)

É por isso que:

O julgamento anti-racional dos filósofos, ao afirmarem que o homem real não é um homem, não passa, de facto, da expressão mais universal e mais genérica da contradição universal que existe, com efeito, entre as necessidades dos homens e as condições em que estes se encontram – é, única e simplesmente, deslocada para o terreno da abstracção. A forma anti-racional desta frase abstracta corresponde perfeitamente ao carácter irracional das relações que existem no seio da sociedade burguesa, onde estas são levadas à sua forma extrema. (Marx & Engels como citados em Sève, 1979, p. 121)

As ricas indicações para uma psicologia da personalidade, que estão contidas em *A Ideologia Alemã* passam, ainda, por comentários sobre as necessidades, os desejos, a paixão, a riqueza intelectual, a concentração do talento artístico em alguns indivíduos e sobre as estruturas das contradições da vida pessoal. Essas análises serão vistas mais à frente.

Para Sève (1979), uma questão importante é que as análises contidas nessa obra não se originam de um simples desdobramento daquelas contidas nos *Manuscritos de 44*. Nas análises de 1845-1846, não se encontram considerações situadas abstratamente no mundo do “homem genérico”, mas, sim, no estudo das relações sociais. Contudo, há, ainda, um grande limite que pode ser observado nessa obra, que é o fato de os conhecimentos econômicos de Marx e Engels ainda não estarem suficientemente evoluídos.

4.2 Estudos de Crítica da Economia Política (1857-1859)

Nesta segunda parte, Sève analisa o conjunto de escritos de crítica da economia política de 1857 a 1859, o que inclui os seguintes textos: *Introdução à Crítica da Economia Política* (1857), *Os Grundrisse* (1857-1858), o fragmento que foi conservado da *Versão Primitiva*⁸

⁸ Deste conjunto de textos, até onde temos conhecimentos, apenas essa versão primitiva da *Contribuição à crítica da Economia Política* não foi ainda traduzida para o português. Na edição francesa utilizada por Sève, a *Versão*

(1858), e a versão definitiva da *Contribuição à crítica da economia política* (1858-1859), sendo este último o único publicado por Marx.

Nos anos de 1857-1859, mais de uma década havia se passado desde a escrita de *A Ideologia Alemã*. Os escritos econômicos de Marx desse momento são textos de autor maduro, que avançou muito em suas pesquisas sobre a crítica da economia política.

Uma primeira diferença pontuada por Sève (1979) entre *A Ideologia Alemã* e o conjunto de textos de crítica da economia política é o fato de que a polêmica contra o humanismo filosófico desaparece quase que totalmente. A crítica ao humanismo abstrato dos filósofos é substituída pela crítica às abstrações em geral e dos economistas políticos em particular. Desta forma, há mais do que nunca uma crítica ao homem abstrato, contudo, o esforço crítico se desloca do sujeito para o predicado (Sève, 1979).

Há, ainda, um elemento fundamental nesse momento do desenvolvimento intelectual de Marx, trata-se do amadurecimento da sua crítica radical à dialética de Hegel enquanto formula uma dialética materialista, que se inicia já nas obras de juventude (1843), mas, é em fins de 1850, que encontra substantivos avanços⁹. Em Marx, a dialética aparece não mais como abstração especulativa que subordina o real à lógica do sistema, como ocorre em Hegel. A dialética materialista de Marx ‘é a reflexão do movimento real no pensamento’, a ‘lógica específica do objeto específico’. (Sève, 1979, p. 128)

Neste conjunto de trabalhos de 1857 a 1859, Marx desenvolve a análise das condições sob as quais é possível conceber uma antropologia científica que rompa com qualquer concepção especulativa. Para isto, é necessário que todas as suas categorias – indivíduo, necessidade,

Primitiva acompanha a versão definitiva da *Contribuição a crítica da econômica política*. A edição utilizada por ele é *Contribution à la critique de l'économie politique*, da editora Éd. Sociales, de 1968.

⁹ O texto sobre *O método da economia política* contido na Introdução dos *Grundrisse*, é um ponto alto neste sentido (Sève, 1979).

trabalho etc. - quer sejam analisadas individualmente, quer dentro das suas correlações no seio da teoria, se apresentem como expressão conceitual do movimento histórico e nunca como generalidades abstratas (Sève, 1979).

Os trabalhos de 1857-1859 impressionam pela riqueza e amplitude das análises e resumos que se encontram, a cada instante, sobre o desenvolvimento histórico dos indivíduos. Aqui, as análises são mais profundas que as encontradas em *A Ideologia Alemã*, contudo, também é possível notar que se debruçam sobre um número de questões mais limitadas, uma vez que os textos estão totalmente voltados para uma rigorosa análise das relações econômicas da sociedade burguesa, por isso a “psicologia” só aparece quando diretamente ligada às relações econômicas (Sève, 1979).

Para Sève, nos *Grundrisse* e na *Contribuição à Crítica da Economia Política*, começa a se esboçar não exatamente uma psicologia científica, mas um “sistema de ciências e de parcelas de ciências que têm por objeto o psiquismo dos indivíduos humanos” (Sève, 1979, p. 136). Dentro deste sistema, a ciência econômica aparece em lugar central, uma vez que Sève atribui a esta o “dever e poder de constituir, independentemente de toda e qualquer pretensa ‘psicologia’, uma teoria das formas históricas da individualidade” (Sève, 1979, p. 136-137).

Esta teoria das formas históricas da individualidade englobaria questões como:

- 1) ‘formas das necessidades, da atividade produtiva, do consumo no âmbito da sua determinação social’;
- 2) ‘formas de individualidade implicadas pelas relações sociais, por exemplo, o banqueiro, aquele que tem uma profissão liberal, o capitalista’;
- 3) ‘formas das contradições gerais da existência individual correspondentes a estas relações sociais’.

(Sève, 1979, p. 137)

Sève destaca que a teoria das formas gerais (no sentido histórico do termo) da individualidade não deve ser confundida com uma teoria do indivíduo concreto, uma Teoria da Personalidade, no entanto, uma Teoria da Personalidade só poderia ser concebida em articulação com esse sistema de ciências do psiquismo humano, assim como com a biologia (Sève, 1979). No entanto, tal noção das formas históricas da individualidade não foi mais bem lapidada e desenvolvida por Sève neste momento, embora seja uma das categorias mais importantes desenvolvidos por ele a partir do diálogo com a obra de Marx.

Passemos para algumas das contribuições dos *Grundrisse* e da *Contribuição à Crítica da Economia Política* no que diz respeito à formulação de uma ciência dos indivíduos. Um primeiro aspecto que chama a atenção é o fato que, na base do materialismo histórico e no âmbito da economia política, indivíduos e relações sociais, conceitualização antropológica e concepção econômica são indissociáveis (Sève, 1979).

Em contraposição à ideia de que a sociedade se constitui de um aglomerado de indivíduos isolados, Marx afirma que “a sociedade não se compõe de indivíduos; exprime a súpula das relações sociais e das condições nas quais estes indivíduos se encontram uns perante os outros” (Marx como citado em Sève, 1979, p. 138). Trata-se de uma formulação muito próxima da *VI Tese sobre Feuerbach*. Esta exclui qualquer possibilidade de psicologização da sociedade e, ao contrário, aponta para a socialização fundamental dos indivíduos. Enquanto seres sociais, os indivíduos não ocupam o lugar de elementos primeiros, são, na verdade, “produtos históricos”. É por isso que a ciência da história é a base para se pensar a ciência do indivíduo, mas, por outro lado, também é impossível fundar uma ciência da história sem fundar, simultaneamente, a teoria da produção histórica dos indivíduos (Sève, 1979).

Nos *Grundrisse*, há inúmeros exemplos de que todo processo ou relação econômica coloca em questão, necessariamente, os homens. Todo e qualquer conceito econômico tem como consequência uma faceta antropológica. Marx afirma, por exemplo, que “a força produtiva principal (é) o homem” (Marx como citado em Sève, 1979, p.138). E, todo desenvolvimento das forças produtivas representa, ao mesmo tempo, um desenvolvimento das capacidades humanas. As próprias relações de produção também não passam, no fundo, de relações entre os homens (Sève, 1979).

Trata-se de uma ilusão própria da reificação da sociedade capitalista, o fato de que as relações entre os homens apareçam como relações entre as coisas.

O materialismo grosseiro dos economistas leva-os a tomar as relações sociais de produção dos homens e as determinações que daí advém pelas coisas como sendo outras tantas relações dependentes das propriedades naturais das coisas. Na realidade, este materialismo é um idealismo não menos grosseiro; é mesmo um fetichismo, visto que atribui às coisas relações sociais que lhes seriam inerentes, introduzindo, assim, uma mistificação. (Marx como citado em Sève, 1979, p. 139)

E, também:

O processo de valorização do capital tem essencialmente, por fim, produzir capitalistas e trabalhadores assalariados. É o que a economia política em geral esquece por completo, porque só retém as coisas produzidas. Neste processo, o trabalho objectivado é apresentado, simultaneamente, como não objectivação por parte do trabalhador, como objectivação de um sujeito oposto ao trabalhador e como propriedade de uma vontade estranha: o capital é, portanto, igualmente, e necessariamente, capitalista. [...] A noção de capital implica que as condições objectivas do trabalho, se bem que seja o seu produto,

adquiram a forma de uma pessoa oposta ao trabalho, ou então – o que vem dar no mesmo – surjam como a propriedade de uma pessoa estranha ao trabalhador. O capital implica, portanto, o capitalista. (Marx como citado em Sève, 1979, p. 139-40)

O que se pode concluir de tais citações é a falsidade da afirmação de que, na teoria econômica de Marx, não haveria nenhuma correspondência entre as relações sociais e os homens. Trata-se justamente do contrário, cada aspecto essencial das relações sociais implica diretamente os homens e determina um aspecto, um instante do seu processo de vida (Sève, 1979).

Para Sève, os *Grundrisse* não deixam dúvidas quanto ao fato de que o marxismo possui uma antropologia científica. Isto fica ainda mais evidente em passagens como:

O desenvolvimento do indivíduo social representa o fundamento essencial da produção e da riqueza (...) as forças produtivas e as relações sociais (...) são (...) simples facetas diversas do desenvolvimento do indivíduo social (...) a sociedade, isto é, o homem no âmbito das suas relações sociais. (Marx como citado em Sève, 1979. P. 141)

Os *Grundrisse* fornecem, ainda, em matéria de ciência dos homens reais, todo um conjunto de indicações concretas sobre as bases de uma antropologia, materiais para uma teoria das formas históricas da individualidade humana. O seu princípio consiste em que o indivíduo é um produto da história. Como afirma Marx (citado em Sève, 1979, p. 141), “o homem só se individualiza através do processo histórico”. A partir disso, Sève constata que “todas as categorias por meio das quais se pensa a existência individual devem ser pensadas, em primeiro lugar, a partir das relações sociais que constituem a sua base real” (Sève, 1979, p. 141).

Para exemplificar o que foi dito anteriormente, Sève usa a categoria de *necessidade*. Um primeiro aspecto a se observar é o fato que as formas adquiridas e os modos de satisfação são

determinados por uma forma social correspondente, o que é algo já formulado nos *Manuscritos de 44*. Além disso, e ainda mais importante, é o fato de que a própria essência da necessidade surge a partir da forma social (Sève, 1979). Neste aspecto, os *Grundrisse* vão ainda mais longe que os *Manuscritos de 44*.

O dinheiro não é só *um* objeto do desejo de enriquecimento, mas sim o *seu* próprio objeto. É, essencialmente, o *auri sacra fames*. A paixão das riquezas é muito diferente da sede instintiva de riquezas particulares, tais como vestidos, armas, joias, mulheres, vinho só é possível se a riqueza em geral, enquanto tal se individualiza num objeto particular, em resumo, se o dinheiro existe sob a sua terceira forma. O dinheiro não é, portanto, só o objeto, mas também, a origem da sede de enriquecer. O gosto da posse pode existir sem o dinheiro; a sede de enriquecer é produto de um desenvolvimento social determinado e não é *natural*, mas sim histórico. (Marx como citado em Sève, 1979, p. 142)

Como observa Sève, nesta passagem de Marx, há uma visão extraordinariamente penetrante sobre a mais profunda economia da personalidade, em uma sociedade dominada pelo dinheiro, e que a psicologia vulgar não consegue alcançar (Sève, 1979).

Outras temáticas importantes, que também aparecem nos escritos de 1857-1859, e que são rapidamente indicadas por Sève (1979), são: o trabalho; a liberdade pessoal; os tipos de personalidades engendrados por relações sociais definidas, desde o indivíduo da comuna primitiva ao capitalista e ao proletário moderno, passando pelo cidadão romano e pelo banqueiro medieval; as formas de inconsciência social que acompanham estes tipos de relações. Como é indicado por Sève, há, ainda, uma série de temas tratados por Marx em suas obras, abertos para investigações.

Algo também constatado na leitura dos trabalhos de 1857-1859, é que a *teoria da alienação*, que aparecia nos *Manuscritos de 1844*, não desapareceu sem deixar rastros na obra madura de Marx, como queria Althusser. O que realmente aconteceu é que tal teoria foi reelaborada em um sentido materialista e científico. Desta forma, a alienação, vista a partir da perspectiva da ciência dos homens reais e do seu desenvolvimento histórico, aparece da seguinte forma:

[Na sociedade fundamentada na produção mercantil] o carácter social da atividade e do produto, bem como a participação do indivíduo na produção, são estranhos e coisificados em face do indivíduo. As relações que mantêm são, de facto, uma subordinação a relações que existem independentemente deles, e que advêm do choque entre os indivíduos indiferentes uns aos outros. A troca universal das atividades e dos produtos, que se tornou na condição de vida e na relação mútua entre todos os indivíduos particulares, apresenta-se a estes como sendo uma coisa estranha e independente. (Marx como citado em Sève, 1979, p. 143)

É, em primeiro lugar, no dinheiro, “que se verifica a transformação das relações sociais recíprocas numa relação social fixa, esmagadora, que subjuga os indivíduos” (Marx como citado em Sève, 1979, p. 144).

Mas, origem mais profunda da alienação se encontra no “processo que, de uma forma ou de outra, separa uma massa de indivíduos das suas anteriores relações positivas com *condições objectivas de trabalho*, ao negar estas relações e ao transformar, desse modo, esses indivíduos em trabalhadores livres”. O que se dá é a oposição entre estas condições objetivas de trabalho e os indivíduos. Na medida em que leva ao extremo esse processo histórico contraditório, que tem sua razão de ser na necessidade do capital do aumento

das forças produtivas, o capitalismo também cria a ‘forma extrema de alienação’. (Marx como citado em Sève, 1979, p. 144)

Por outro lado, esse mesmo processo cria, contraditoriamente, a maturação das condições para a sua superação. Marx fala não apenas do processo da alienação, mas também dele. É o que aparece nas quatro citações a seguir:

A limitação do capital consiste em que todo o seu desenvolvimento se efectua de forma antagónica e que a elaboração das forças produtivas, da riqueza universal, da ciência etc. surge como alienação do trabalhador, que se comporta com as condições criadas por ele mesmo como uma riqueza estranha à sua própria pobreza. Mas esta forma contraditória é, em si mesma, transitória, e dá origem às condições reais para a sua própria abolição. (Marx como citado em Sève, 1979, p. 144)

(...)

A produção que se funda no capital cria as condições de desenvolvimento de todas as propriedades do homem social, de um indivíduo tendo o máximo de necessidades, e, logo enriquecido com as mais diversas qualidades, em resumo, de uma criação social tão universal e total quanto possível, porque quanto mais aumenta o nível cultural de um homem, tanto mais ele pode desfrutar. (Marx citado por Sève 1979, p. 144)

(...)

O excessivo trabalho das grandes massas deixou de ser a condição para o desenvolvimento da riqueza geral, tal como a ausência de trabalho de alguns deixou de ser a condição para o desenvolvimento das forças gerais do cérebro humano. A produção baseada no valor de troca esboroa-se desta forma, e o processo de produção material imediato vê-se, também ele, despojado da sua forma mesquinha, miserável e antagónica.

É, então, que tem lugar o livre desenvolvimento das individualidades. (Marx como citado em Sève, 1979, p. 145)

(...)

Mas, de facto, o que será da riqueza, uma vez despojada da sua ainda limitada forma burguesa? Será a universalidade das necessidades, das capacidades, dos prazeres, das forças produtivas etc., dos indivíduos, universalidade esta que terá origem na troca universal. Será o domínio plenamente desenvolvido do homem sobre as forças naturais, sobre a Natureza propriamente dita, bem como sobre a sua própria natureza. Será o integral desabrochar das suas capacidades criadoras, sem outro pressuposto que não seja o anterior fluxo histórico que transforma esta totalidade do desenvolvimento de todas as forças humanas enquanto tal, sem que sejam medidas segundo um escalão preestabelecido. (Marx como citado em Sève, 1979, p. 145)

(...)

Tais passagens remetem, de imediato, às seguintes passagens dos *Manuscritos de 44*: ‘Se vê como o homem rico e a necessidade humana rica tomam o lugar da riqueza e da miséria da economia política. O homem rico é, ao mesmo tempo, o homem que tem necessidade de uma totalidade de manifestação humana vital’. (Marx como citado em Sève, 1979, p. 1)

(...)

Apesar das continuidades entre as ideias de 1844 e 1857 indicarem que não há, de fato, uma ruptura na evolução do pensamento de Marx, também fica evidente que é nos escritos maduros que a dialética real das forças e das relações de produção permitem antecipar racionalmente o futuro desenvolvimento integral dos indivíduos. Em 1844,

esses conceitos ainda não estavam formados, levando à interpretação de que o processo de desalienação aparecia como uma necessidade abstrata naquele momento. As inúmeras formas contraditórias da unidade social não poderiam ser eliminadas por meio de pacíficas metamorfoses. Quanto ao resto, todas as nossas tentativas para levar à desintegração não passariam de donquixotismo, se não tivéssemos encontrado, mergulhadas nas entranhas da sociedade tal como é, as condições materiais de produção e as relações de distribuição da sociedade sem classes. (Sève, 1979, p. 146)

O que fica perfeitamente nítido, neste momento, é que tão somente nas próprias entranhas das contradições da sociedade podem ser encontradas as condições materiais para a superação das atuais relações de produção e distribuição, no caminho de uma sociedade sem classes.

A parteira da nova sociedade e, conseqüentemente, do novo homem social, não pode ser outra senão a luta de classes, o produto das contradições sociais.

As relações de dependência pessoal (inicialmente perfeitamente naturais) são as primeiras formas sociais no seio das quais a produtividade humana se desenvolve lentamente e, em primeiro lugar, em alguns pontos isolados. A independência pessoal, baseada na dependência para com as coisas, é a segunda grande etapa: constitui-se nela, pela primeira vez, todo um sistema geral de metabolismo social, de relações universais, de necessidades diversificadas e de capacidades universais. A terceira etapa é a da livre individualidade baseada no domínio da sua produtividade social e colectiva, bem como das suas capacidades sociais. A segunda cria as condições para a terceira. (Marx como citado em Sève, 1979, p. 146)

Ainda a respeito,

As relações entre o capital e o trabalho assalariado, em que o operário e a atividade produtora se opõem às suas próprias condições e ao seu próprio produto, é um estágio transitório necessário [...]. Esta forma extrema de alienação contém já em si – se bem que sob uma forma alterada, totalmente inversa – a dissolução de todas as condições limitadas da produção e, por outro lado, dá origem às condições ilimitadas da produção, bem como às plenas condições materiais para o desenvolvimento integral e universal das forças produtivas do indivíduo. (Marx como citado em Sève, 1979, p. 147)

4.3 *O Capital* (1867-1894)

Entre os escritos anteriores e a publicação do livro I, de *O Capital*, decorrem quase 10 anos de pesquisas. O livro I é o único publicado durante a vida de Marx, em 1867. Após a sua morte, em 1883, Engels organiza os manuscritos deixados pelo autor para os livros II e III, e os publica, respectivamente, em 1885 e 1894. Vejamos como Sève analisa os avanços que foram alcançados nas formulações de Marx, no que diz respeito à sua concepção antropológica.

Sève (1979) inicia esclarecendo um mal-entendido, desmistificando uma famosa passagem de *O Capital*, que foi interpretada por vários marxistas defensores de uma leitura humanista-especulativa da obra de Marx. Tal passagem supostamente confirmaria a interpretação destes autores da existência de uma essência humana universal no pensamento de Marx. O que Sève procura demonstrar é que, numa leitura atenta, esta mesma passagem demonstra justamente o contrário. A citação é uma nota de rodapé, na qual Marx tece comentários críticos acerca de Jeremy Bentham e a sua *Teoria da Utilidade*:

O famoso princípio de utilidade não é da sua invenção. Ele [Bentham] limitou-se a reproduzir, sem inteligência, o *espírito* de Helvétius e de outros autores franceses do século XVIII. Para sabermos, por exemplo, o que é útil a um cão, temos de estudar a

natureza do princípio de utilidade. Se for pretendido transformar este princípio em critério supremo dos movimentos e das relações humanas trata-se, para começar, de aprofundar a natureza humana em geral, e de lhe captar, posto isto, as modificações próprias a cada época histórica.

Bentham não se deixa embarçar por tão pouco. O mais seca e ingenuamente deste mundo, apresenta como homem-tipo o pequeno-burguês moderno, o merceeiro, e especialmente o merceeiro inglês. Tudo o que se refere a este estranho homem-modelo e ao seu mundo é declarado útil em si e por si. É por esta bitola que mede o passado, o presente e o futuro. (Marx como citado em Sève, 1979, p. 152-153)

Como mostra Sève, a crítica de Marx se dirige ao fato de Bentham sequer ser capaz de aplicar corretamente o método de análise dos filósofos materialistas franceses do século XVIII. Cerca de 20 anos antes, em 1845-1846, n' *A Ideologia Alemã*, Marx e Engels analisaram a Teoria da Utilidade da Filosofia das Luzes (em particular em Helvétius e D'Holbach), e sua redução às banalidades moralizantes em Bentham (Sève, 1979).

Esta aparente tolice, que consiste em reduzir as múltiplas relações que os homens estabelecem entre si à única relação de utilitarismo possível, esta abstracção de aparência metafísica, tem como ponto de partida o facto de que, na sociedade burguesa moderna, todas as relações se encontram praticamente subordinadas e reduzidas à relação monetária única e abstracta, à relação da troca. (Marx & Engels como citados em Sève, 1979, p. 153)

Esta teoria utilitarista acaba por confundir “o burguês” com “o homem em geral” (Sève, 1979, p.44).

Vê-se, a uma primeira análise, que é unicamente das relações reais de troca que mantenho com outros homens que se pode deduzir, por abstracção, a categoria ‘utilitarismo’; não pode deduzir-se nem da reflexão nem da simples vontade; e apresentar, então, estas relações como provas da realidade desta categoria que delas se abstraiu é uma forma de proceder meramente especulativa. Do mesmo modo e com igual legitimidade, Hegel apresentou todas as relações como relações do espírito objetivo.

A teoria de D’Holbach é, portanto, a ilusão filosófica historicamente justificada sobre o papel da burguesia, cujo desabrochar teve precisamente lugar na França, e cuja vontade de exploração podia ser ainda interpretada como vontade de ver os indivíduos desenvolverem-se completamente adentro de trocas libertas dos velhos entraves feudais’. (Marx & Engels como citados em Sève, 1979, p. 154)

No caso de Bentham, este sistema filosófico utilitarista impregna-se de um conteúdo econômico e transmuta-se em simples apologia da ordem existente. Se, nos filósofos franceses, havia ainda um idealismo próprio da burguesia revolucionária, no economista inglês resta a apologia ao burguês.

Este carácter de generalidade, com a desapareição do conteúdo positivo, que se manifesta em Helvetius e em D’Holbach, é fundamentalmente diferente da universidade alimentada por dados concretos que se encontra, pela primeira vez, em Bentham e Mill. A primeira corresponde à burguesia em luta, em vias de desenvolvimento, e a segunda à burguesia triunfante, que completou o seu crescimento. (Marx & Engels como citados em Sève, 1979, p. 154)

A partir disso, Sève oferece uma leitura diversa daquele fragmento de *O capital* que supostamente confirmaria a noção de uma essência humana universal. A seguir, reproduzimos

novamente a citação de Marx criticando Bentham e, entre parênteses, estão os comentários explicativos de Sève:

Se quisermos transferir o princípio (de utilidade) no critério supremo dos movimentos e das relações humanas (por outras palavras, se quisermos raciocinar como filósofos franceses do século XVIII, ao idealizarem especulativamente as relações reais) trata-se, em primeiro lugar, de aprofundar a natureza humana em geral e de lhe captar, posto isto, as modificações próprias de cada época histórica (Noutros termos, trata-se, na lógica, de uma atitude especulativa, de apresentar as relações da sociedade burguesa como correspondendo às exigências de desenvolvimento da ‘natureza humana’).

Bentham não se deixa embarçar por tão pouco. O mais seco e ingenuamente deste mundo (porque nem sequer compreende a função decisiva da ideia abstracta de natureza humana na teoria filosófica que retoma por sua conta) apresenta como homem-tipo o pequeno-burguês moderno’. (Sève, 1979, p. 154-155)

Se os autores que defendem uma interpretação filosófico-humanista chegam ao ponto de atribuir, como pensamento de Marx, justamente aquilo que ele está criticando, não restam dúvidas quanto ao tamanho dos equívocos de tal interpretação (Sève, 1979).

Quanto à questão da ‘natureza humana’ na obra madura de Marx, é importante destacar que esta não desaparece. Em raríssimos momentos, a expressão é usada no sentido ‘qualidade de homem’ ou ‘o fato de ser homem’, mas, na maioria dos casos, encontra-se o substantivo ‘natureza’ ou o adjetivo ‘natural’ designando uma realidade bem definida, ‘a base biológica de toda a existência humana, considerada independentemente dos efeitos que sobre ela tem a socialização’. (Sève, 1979, p. 156)

Já em *A ideologia alemã* aparecem, como o ponto de partida de toda a história, as “bases naturais”, entre as quais: “a compleição corporal dos indivíduos e a relação que, fruto desta, estabelecem com o resto da natureza”, e as “necessidade oriundas da natureza humana imediata” (Marx & Engels como citados em Sève, 1979, p. 156).

Observa-se o mesmo nos *Grundrisse*, onde Marx qualifica o ‘sujeito que trabalha’ das sociedades pré-burguesas de ‘indivíduo natural’, uma vez que ‘a primeira condição objetiva de seu trabalho é a natureza’, que é ‘o seu corpo inorgânico’, tal como possui ‘um corpo orgânico’. Por outro lado, Marx chama de ‘necessidades indispensáveis’ as ‘necessidades de um indivíduo levado ao estado natural’ (Sève, 1979, p. 156).

Em *O Capital*, encontra-se o mesmo sentido, por exemplo, nas análises das ‘necessidades naturais’, que servem para a determinação do valor da força de trabalho, ou, então, no “limite fisiológico externo da jornada de trabalho.” (Sève, 1979, p. 156).

No fim, a natureza humana, para Marx, não se confunde com aquilo que é defendido pelo humanismo especulativo, isto é, “o conjunto das manifestações de vida do homem enquanto ser socialmente desenvolvido” (Sève, 1979, p. 156). A verdadeira concepção de Marx da natureza humana aparece já nos *Manuscritos de 44*, numa forma profunda, mas com uma dialética ainda muito abstrata: “o homem não é apenas um ser natural, mas também um ser natural humano. [...] A história é a verdadeira história natural do homem (voltando a ele).” (Marx como citado em Sève, 1979, p. 156). Apesar da linguagem excessivamente filosófica, o que é dito é que a história é a verdadeira base da concepção marxista de natureza humana, e toda a antropologia científica roda em torno deste ponto, em que Marx foi o primeiro a compreender verdadeiramente (Sève, 1979).

Um pouco depois, em *A Ideologia Alemã*, aparece claramente o princípio do processo que, a partir da produção pelos homens dos seus meios de subsistência, cria-se, ao mesmo tempo, a produção de novas necessidades, “e esta produção de novas necessidades é o primeiro facto histórico” (Marx como citado em Sève, 1979, p. 156-157).

Algo importante destacado por Sève (1979) é que não devemos entender unicamente por “novas necessidades” o fato que desejos possuidores de uma base natural transformam-se com as condições sociais, mas também, que surgem novos desejos “que não devem a sua origem, senão, a uma estrutura social determinada a um modo de produção e troca determinado”, “que se transformaram numa segunda natureza” (Sève, 1979, p. 157). Essa segunda natureza diz respeito a “tudo o que é especificamente humano, no sentido social desenvolvido do termo, é um produto da história e não um dado natural”, incluindo “a superioridade que um indivíduo, enquanto tal, tem sobre os outros” ou a pretensa “solidariedade humana natural” (Sève, 1979, p. 157). Com muito mais razão, “a fim de modificar a natureza humana de forma a leva-la a adquirir aptidão, precisão e celeridade num género de trabalho determinado é necessária toda uma educação que em si mesma se baseia em todo o anterior desenvolvimento social” (Sève, 1979, p. 157).

Trata-se, portanto, de uma ilusão ideológica, o que levou os pensadores burgueses do século XVIII a considerarem o indivíduo “como algo de natural, conforme a sua concepção da natureza humana, não como um produto histórico, mas sim como um dado da Natureza” (Marx como citado em Sève, 1979, p. 157).

Esta é a ilusão que Marx aponta em Thomas Malthus, quando o autor abstrai as leis históricas que dirigem o movimento da população. A história da natureza do homem obedece, é certo, às leis *naturais*; mas é preciso não confundir, apesar disso, as leis puramente naturais do homem, a certo nível histórico, com o desenvolvimento das forças

produtivas, determinado pelo seu próprio processo histórico. O homem – natural – de Malthus, abstraído da Humanidade historicamente determinada, só existe na sua cabeça (...) (Marx como citado em Sève, 1979, p. 157-158).

Depois de pontuar os limites da leitura humanista especulativa de *O capital*, Sève (1979) também questiona a leitura anti-humanista, para a qual o ‘homem’ e toda e qualquer preocupação humanista teriam desaparecido completamente nas obras do Marx maduro.

O que Sève observa, na verdade, é que a obra prima de Marx é uma demonstração insistente, ao mesmo tempo apaixonada e rigorosa, do caráter intrinsecamente desumano do capitalismo. “O capitalismo ataca o indivíduo nas próprias raízes da sua vida”, manifesta “uma sede vampiresca pelo sangue vivo do trabalho”, opera “a mais exorbitante pilhagem do desenvolvimento de indivíduos particulares” (Marx como citado em Sève, 1979, p. 158).

No sistema capitalista, todos os métodos para multiplicar as potências do trabalho colectivo têm lugar a expensas do trabalhador individual; todos os meios para desenvolver a produção se transformam em meios de dominar e explorar o produtor: tornam-no num homem truncado, fragmentário, ou em apêndice de uma máquina; opõem-lhe, como outras tantas potências hostis, as potências específicas da produção; substituem o trabalho atraente pelo trabalho forçado; tornam as condições em que o trabalho tem lugar cada vez mais anormais, e submetem o operário, durante o seu trabalho, a um despotismo tão ilimitado como mesquinho; transformam-lhe toda a vida em tempo de trabalho, e lançam a sua mulher e filhos sob as rodas do *jagernaut* capitalista. (Marx como citado em Sève, 1979, p. 158-159)

Por vezes, passagens como essas de *O Capital* lembram ideias que já estavam contidas nos *Manuscritos de 44*. Há, contudo, uma diferença fundamental. Nos *Manuscritos de 44*, apesar

da riqueza de indicações, não havia uma análise rigorosa, mas apenas uma verificação empírica do real, e por isso, a teoria da alienação de 1844 ainda aparece sob uma dialética especulativa. Já em *O Capital*, as análises apresentadas por Marx são resultados de profundos estudos científicos, que chegam ao ponto de desvendar a lei geral da acumulação capitalista (Sève, 1979).

Ainda que, em 1844, Marx fosse capaz de apreender importantes dimensões da sociedade burguesa, que foram confirmadas nas análises posteriores, a verdade é que, nesse momento, a base real dos fenômenos permanecia desconhecida, assim como a conceituação adequada não era possível de ser formulada, e nem explicada, em seu conjunto (Sève, 1979).

Uma questão importante de se aprofundar é quanto à forma que os homens reais intervêm na ciência econômica marxista. Para a leitura anti-humanista, os homens reais, considerados em si mesmos enquanto pessoas, não têm lugar na teoria de *O Capital*, eles só possuem existência a título de suporte das relações econômicas. Isto significa que a ciência econômica delimita, de acordo com suas exigências próprias, conceitos de individualidade como, por exemplo, o capitalista, o trabalhador assalariado etc. (Sève, 1979).

Contudo, apesar de se tratar de conceitos objetivos que refletem a realidade e possuem correspondência em indivíduos concretos, no fundo, trata-se de categorias econômicas que não podem ser confundidas, de forma alguma, com a pessoa deste ou daquele capitalista. “Os homens” que aparecem em *O Capital* não são os indivíduos concretos da experiência imediata: “trata-se, exclusivamente, das categorias econômicas, dos portadores de funções econômicas, despojadas de toda e qualquer outra ‘espessura’ humana” (Sève, 1979, p. 162).

Como Sève aponta, há várias indicações de Marx em *O Capital* que confirmam isso, como, por exemplo, um famoso parágrafo no prefácio da primeira edição alemã, no qual ele afirma:

A fim de evitar possíveis mal-entendidos, só mais uma palavra. Não pintei um quadro propriamente róseo do capitalista e do proprietário rural. Mas não se trata aqui das pessoas senão na medida em que representam a personificação de categorias económicas, os suportes de interesses e de relações de classes determinadas. O meu ponto de vista, segundo o qual o desenvolvimento da formação económica da sociedade é assimilável à marcha da Natureza e à sua história, não pode, em maior medida do que qualquer outro tornar o indivíduo responsável por relações em que permanece como sendo socialmente a criatura, por mais esforços que faça para de tal se libertar. (Marx como citado em Sève, 1979, p. 162)

Marx retoma essa ideia em outros momentos de *O Capital*:

[O capitalista] enquanto capitalista, não passa de capital personificado; a sua alma, e a alma do capital são uma só, em união perfeita. (Marx como citado em Sève, 1979, p. 162)

(...) O capitalista, isto é, a classe capitalista, e o trabalhador, isto é, a classe operária.

(Marx como citado em Sève, 1979, p. 162)

(...) O capitalista não possui qualquer valor histórico, nenhum direito histórico à vida, nenhuma razão de ser social, senão na medida em que funciona como capital personificado. É, unicamente a este título, que a necessidade transitória da sua própria existência se encontra implicada na necessidade transitória do modo de produção capitalista. (Marx como citado em Sève, 1979, p. 162-163)

(...) Se o proletário não passa de uma máquina para a produção de mais-valia, o capitalista não passa de uma máquina com o fim de capitalizar esta mais-valia. (Marx como citado em Sève, 1979, p. 163)

(...) O capitalista não passa do capital personificado; no processo de produção limita-se a cumprir a função de portador do capital. [...] Os principais agentes deste modo de produção, o capitalista ou o operário assalariado, em si, são simplesmente a encarnação, a personificação do capital e do trabalho assalariado; são caracteres sociais definidos que o processo social de produção imprime nos indivíduos; são o produto destas relações sociais de produção perfeitamente definidas. (Marx como citado em Sève, 1979, p. 163)

Essas passagens não deixam dúvidas de que não se trata de “pessoas concretas” em *O Capital*, mas “pessoas sociais abstratas”, “simples caracteres sociais que as relações de produção imprimem nos indivíduos” (Sève, 1979, p. 163). E, tal questão estaria em total acordo com a *VI Tese* sobre Feuerbach, uma vez que a essência humana não é uma abstração inerente aos indivíduos isolados, mas o conjunto das relações sociais. Disto, se conclui que não são os indivíduos enquanto tal que criam a história, mas o contrário, é a história que cria os indivíduos (Sève, 1979).

Essa conclusão de Sève parece entrar em contradição com a famosa afirmação de Marx que, “São os homens que fazem a história” do *18 de Brumário de Luis Bonaparte*, contudo, Sève (1979) está ciente do possível questionamento levantado e procura demonstrar que não há contradição.

O que Sève procura demonstrar é que a noção de Marx de que são os homens fazem a história já aparece em 1844, na obra *A Sagrada Família*, e o sentido dessa afirmação não é uma contraposição à tese de que os homens são produtos da história, mas se contrapõem à tese idealista segundo a qual a história se explicaria afora dos parâmetros dos homens reais, a partir de um movimento autônomo da consciência, das ideias (Sève, 1979).

Na *Tese III* sobre Feuerbach, Marx faz uma censura à doutrina materialista pré-marxista, “que pretende que os homens sejam produtos das circunstâncias”, considerando que esta esquece “que são precisamente os homens que transformam as circunstâncias” (Sève, 1979, p. 165). Para Sève (1979, p.165), é um equívoco próprio à leitura de Marx feita pelo humanismo filosófico considerar essa passagem como uma afirmação de que “é ‘o homem’ que faz a história”.

Para esclarecer a questão, Sève (1979) lembra uma passagem de *A Ideologia Alemã* que deixa mais explícita a concepção dialética de Marx e Engels sobre o assunto, ou seja, a de que os homens são tanto produto das circunstâncias quanto as circunstâncias são produzidas pelos homens.

O fim da história não consiste em resolver-se em ‘consciência de si’, como sendo ‘espírito do espírito’, mas sim, em que cada estágio se encontram presentes um resultado material, uma soma de forças produtivas, uma relação com a Natureza e entre os indivíduos, criados historicamente e transmitidos a cada nova geração pela precedente. Uma massa de forças de produção, de capitais e de circunstâncias que, por um lado, são, de facto, modificados pelas novas gerações, mas que, por outro, lhe ditam as suas próprias condições de existência, e lhe imprimem um determinado desenvolvimento, um carácter específico; por consequência, as circunstâncias são tão responsáveis pela formação dos homens como estes o são pelas circunstâncias. (Marx & Engels como citados em Sève, 1979, p. 166)

Sève também vai se contrapor à leitura humanista-especulativa da obra de Marx, que afirma que o homem, naquilo que tem de mais essencial, não é produto da história, mas transcende a ela, que não é, no que há de mais profundo nele, determinado pelas relações sociais, mas unicamente condicionado por estas, e possuiria uma liberdade essencial.

Sève vai, então, se debruçar sobre a questão da liberdade na obra marxiana, e como procura demonstrar, esta indica uma visão diversa de tal interpretação. Começando por *A Ideologia Alemã*, Marx e Engels demonstram, de forma bastante concreta, que, “aquilo que até agora se denominava por liberdade pessoal” não passava, para os homens reais, senão “do direito a poderem usufruir, com toda a tranquilidade, da contingência no seio de determinadas condições” (Marx & Engels como citados em Sève, 1979, p. 167-168).

Ainda na mesma obra, os autores afirmam que a emancipação das condições que determinam a vida dos indivíduos não advém da sua liberdade pessoal, “não depende da sua vontade idealista, do seu livre desejo, que o seu corpo tenha ou não tenha certo peso”. A libertação efetiva depende inteiramente da supressão revolucionária da propriedade privada, da realização da “sociedade comunista, a única em que o desenvolvimento original e livre dos indivíduos não é uma frase oca” (Marx & Engels como citados em Sève, 1979, p. 168).

Nos *Grundrisse*, há um determinado momento em que Marx compara a liberdade dos indivíduos no seio das formas sociais pré-capitalistas e capitalistas. Sobre estas últimas, ele afirma:

O simples particular não pode libertar-se das suas determinações pessoais, mas pode suplantar relações exteriores e passar a dominá-las, e é por isso que a sua liberdade parece maior no segundo caso. Contudo, um exame atento destas relações e destas condições revela que é impossível, à esmagadora massa dos indivíduos de uma classe suplantá-las, a não ser pela sua abolição. Ocasionalmente, um indivíduo pode conseguir vir a dominá-las; mas a enorme massa permanece submetida; aliás, a sua própria existência exprime já a subordinação dos indivíduos a estas condições. (Marx como citado em Sève, 1979, p. 168)

Em *O Capital*, temos a seguinte afirmação sobre a liberdade:

A única liberdade possível consiste em que o homem social, os produtores associados, regulamentem, racionalmente, as suas trocas com a natureza e que as submetam ao seu domínio colectivo em vez de serem dominados por estas como se de uma potência cega se tratasse.’ (Marx como citado em Sève, 1979, p. 169)

É importante ainda destacar que, em Marx, a liberdade nunca é transcendente em relação às leis naturais: “As leis naturais, por definição, não podem ser abolidas. O que pode ser transformado, em situações históricas diversas, é unicamente a forma sob a qual estas leis se impõem” (Marx como citado em Sève, 1979, p. 169).

Uma das provas mais contundentes de como os homens são determinados pelas relações sociais é a trágica realidade concreta da sociedade capitalista, em que a enorme massa dos indivíduos se vê reduzida, no processo real de suas vidas, a uma existência infinitamente pobre relativamente à infinita riqueza do conjunto das relações sociais. A tese humanista-especulativa de que os homens não se reduzem às relações sociais acaba dando a impressão de que toda e qualquer pessoa pode passar por cima das determinações sociais, e que isso só depende dela. Trata-se, ainda que talvez de uma forma inconsciente, de uma idealização das relações sociais burguesas (Sève, 1979).

O que se ignora é que apenas com a superação da sociedade de classes é que se tornaria possível criar as condições históricas para que cada indivíduo pudesse realmente se apropriar da riqueza do patrimônio social objetivo (Sève, 1979).

Voltando agora para o debate com a interpretação anti-humanista da obra de Marx: é correta a leitura de que em *O Capital*, o capitalista e o proletário não são pessoas concretas e nem categorias psicológicas, mas sim caracteres sociais que o processo de produção imprime aos

indivíduos, categorias econômicas. Contudo, apesar disso ser verdade, é um equívoco concluir, a partir daí, o desaparecimento do problema da individualidade e da antropologia em Marx (Sève, 1979).

O que Sève (1979) vai defender é que, em análise rigorosa de *O Capital*, assim como nos *Grundrisse* e na *Contribuição*, nota-se que Marx elabora de forma sistemática conceitos que são, ao mesmo tempo, conceitos de relações econômicas e conceitos de individualidade. Alguns exemplos são os conceitos de *necessidade, consumo, trabalho, liberdade*.

Se, por um lado, é verdade que, do ponto de vista da teoria econômica, os homens são considerados enquanto suporte das relações sociais, isto é, enquanto indivíduos sociais abstratos, por outro lado, os indivíduos não deixam de aparecer no seu conjunto à margem destas análises, e, mesmo em muitas ocasiões, integrados parcialmente às análises. Seria impossível que os homens desaparecessem das análises econômicas, pelo simples fato de que as relações sociais são, em sua essência, relações entre os homens. Não se pode, portanto, traçar a fronteira da ciência econômica sem que se esboce, ao mesmo tempo, a fronteira da teoria do indivíduo concreto (Sève, 1979).

Em decorrência do rigor da análise marxista a ciência econômica é levada a produzir, já não apenas a teoria das formas gerais da individualidade, mas também a esboçar, no que respeita ao que se encontra nos confins da sua própria fronteira, a teoria do indivíduo concreto; não já unicamente a teoria econômica do capitalista, mas também o conceito de conjunto do indivíduo pessoal. (Sève, 1979, p. 172)

Essa *teoria do indivíduo concreto*, que aparece em *O Capital*, é completamente independente das formulações vulgares da filosofia, psicologia e moral. Tal formulação se

articula com a ciência econômica e com o materialismo histórico, que aquela altura já alcançava uma formulação madura em Marx e Engels (Sève, 1979).

Aquilo que a leitura anti-humanista da obra de Marx considera, em *O Capital*, pequenas recaídas em teses da antropologia filosófica, trata-se, na verdade, de “pepitas extraordinariamente preciosas de uma nova ciência, a ciência do indivíduo (...), que Marx não desenvolveu, mas que identificou a localização” (Sève, 1979, p. 172).

Esta localização a que Sève faz referência, ele identifica aparecer, pela primeira vez, em *A Ideologia Alemã*, na seguinte passagem:

Os indivíduos partem sempre de si mesmos, naturalmente não do indivíduo ‘puro’, no sentido dos ideólogos, mas sim de si próprios, no âmbito das suas condições e das suas relações históricas determinadas. Mas surge, no decurso do desenvolvimento histórico, e precisamente devido à independência que adquiriram as relações sociais, fruto inevitável da divisão do trabalho, o facto de que há uma diferença entre a vida de cada indivíduo, na medida em que esta é pessoal, e a sua vida, na medida em que esta se encontra subordinada a um ramo qualquer do trabalho e às condições inerentes a este ramo (Não se deve entender, por isto, que o proprietário rural ou o capitalista, por exemplo, deixam de ser pessoas; mas a sua personalidade é condicionada pelas relações de classe perfeitamente determinadas, e esta diferença só surge por oposição a uma outra classe, e não lhes surge a eles próprios, senão no dia em que caírem na bancarrota).

Na ordem (e mais ainda na tribo), este facto permanece ainda oculto; por exemplo, um nobre é sempre um nobre, um plebeu é sempre um plebeu, na base de uma abstracção das suas outras relações; trata-se de uma qualidade inseparável da sua individualidade. A diferença entre o indivíduo pessoal oposto ao indivíduo na sua qualidade de membro de

uma classe, e a contingência das condições e de existência para o indivíduo, só surge com a classe que é, em si mesma, um produto da burguesia. É unicamente a concorrência e a luta dos indivíduos entre si que engendram e desenvolvem esta contingência enquanto tal. (Marx & Engels como citados em Sève, 1979, p. 172-173)

Aqui, Marx e Engels mostram de que forma a concepção de vida pessoal, de indivíduo pessoal, é rigorosamente articulada com a análise histórico-econômica, que é o seu ponto de partida. As próprias transformações na forma social vão gestando uma dualidade na existência dos indivíduos, em suas personalidades (Sève, 1979).

No entender de Sève, independentemente de qualquer interesse que Marx pudesse ter em desenvolver essas indicações de uma ciência do indivíduo, o fato é que a análise da crítica da economia política da sociedade burguesa tinha, não só, uma importância política maior, como também, esta era a chave de todo e qualquer tipo de investigação sobre os problemas do indivíduo. Ainda assim, Marx nunca deixou de trazer, em suas análises de crítica da economia política, importantes contribuições para a reflexão sobre o estudo dos indivíduos (Sève, 1979).

Nos *Grundrisse*, há diversas indicações sobre como o indivíduo social e o indivíduo pessoal imbricam-se um ao outro. Ainda que, do ponto de vista da economia política, eles devam ser cuidadosamente separados, ao mesmo tempo, isto não é possível de se fazer no movimento geral da análise (Sève, 1979). Ao abordar os problemas relativos à rotação do capital, Marx observa o seguinte:

Se o capitalista perde tempo com a troca, isso não acarreta uma dedução sobre o tempo de trabalho. Não é capitalista, isto é, representante do capital, capital personificado, senão na medida em que se comporta perante o trabalho de outrem, apropriando-se deste e apresentando o tempo de trabalho como sendo o dos outros. Se a circulação absorve o

tempo do capitalista, este tempo não representará nenhuma despesa de circulação, porque o tempo do capitalista é tempo supérfluo, tempo de não trabalho, tempo não criador de valor, se bem que seja o capital que realiza o valor produzido. (Marx como citado em Sève, 1979, p. 174).

Aqui, fica clara a distinção entre indivíduo social e indivíduo pessoal, pessoa concreta e pessoa abstrata.

Na medida em que afecta o tempo do capitalista, o tempo de circulação deixará, portanto, de nos preocupar, do ponto de vista económico, tal como não nos preocupa o tempo que passa com a sua amante [...] aqui, o capitalista só nos interessa na medida em que personificar o capital. (Marx como citado em Sève, 1979, p. 174-175).

As análises de Marx também apontam para a questão do uso do tempo no seio do processo da vida individual. No caso, o tempo livre, que é usurpado dos trabalhadores e se converte em tempo para o livre desenvolvimento do capitalista (Sève, 1979).

Se o operário trabalha em excesso, tal significa que o tempo de trabalho necessário do capitalista é tempo livre, porque ele não necessita para a sua subsistência imediata. Considerando que todo este tempo livre permite um livre desenvolvimento, o capitalista usurpa o tempo livre criado pelo operário para a sociedade, isto é, a civilização. (Marx como citado em Sève, 1979, p. 175)

Se, na análise do ponto de vista da economia política, os indivíduos aparecem apenas como suporte das relações económicas, o marxismo, no seu conjunto, pode perfeitamente abranger, em seus estudos, o indivíduo pessoal.

É certo que os indivíduos só se apresentam como sujeitos deste processo (de produção), mas mantêm igualmente relações entre si, e que reproduzem, seja de uma forma simples,

seja de forma alargada. É, portanto, o seu próprio processo em movimento constante que renovam, paralelamente ao mundo da riqueza que criam. (Marx como citado em Sève, 1979, p. 175)

Como aponta Sève (1979), este tipo de consideração não desaparece em *O Capital*, mas é aprofundada, e, em poucas linhas de uma nota de rodapé, Marx condensa páginas inteiras de *A Ideologia Alemã* e dos *Grundrisse*, elevando as formulações a um nível plenamente científico e fornecendo à teoria do indivíduo uma indicação perfeitamente fulcral. Ainda de acordo com Marx, como citado em Sève (1979, p.176), “O que caracteriza a época capitalista é, portanto, o facto de a força de trabalho adquirir, para o próprio trabalhador, a forma de uma mercadoria que lhe pertence, e o seu trabalho, por consequência, a forma de trabalho assalariado.”

É exatamente pelo fato dos indivíduos aparecerem em *O Capital* enquanto pessoas concretas, indivíduos como pessoas, que torna possível a existência de um conceito e de uma teoria antiespeculativa da alienação (Sève, 1979).

Em *O Capital*, segundo Sève (1979, p.177),

(...) se os homens não figurassem, em *O Capital*, senão a título de categorias económicas, não poderia estar aí, em questão, o problema da sua alienação. Pelo contrário, na medida em que também são considerados, nem que seja a título meramente marginal, enquanto pessoas concretas, enquanto indivíduos pessoais, todos os processos económicos podem ser igualmente lidos como sendo processos da vida individual, e o desenvolvimento do homem social, como antropogénese social, que inclui o fenómeno da alienação como contradição interna fundamental.

Como indicado por Sève (1979), tal questão pode ser constatada em inúmeras passagens da obra. Marx, por exemplo, retoma com frequência a análise de como as relações entre

necessidades e trabalho, entre indivíduo concreto e indivíduo abstrato, são alteradas historicamente com o desenvolvimento do valor de troca e, depois, com a produção mercantil culminando com o capitalismo.

Quando a forma de uma sociedade é tal, do ponto de vista económico, que não é já, de forma alguma, o valor de troca, mas sim o valor de uso que nela predomina, o excesso de trabalho encontra-se aí, mais ou menos circunscrito pelo círculo de necessidades determinadas; mas o carácter da própria produção não leva, de forma alguma, ao nascer de um apetite devorador. Quando se trata de obter o valor de troca, na sua forma específica, pela produção do ouro e do dinheiro, encontramos, mesmo já na Antiguidade, o trabalho mais excessivo e medonho. Trabalhar até que a morte sobrevenha torna-se, então, lei. (Marx como citado em Sève, 1979, p. 177)

O capitalismo leva essa alteração a um ponto extremo, em que os indivíduos se veem frustrados do conteúdo mais essencial da sua vida (Sève, 1979). No capitalismo,

É evidente, por si mesmo, que o trabalhador não passa, durante toda a sua vida, de força de trabalho, e que, por conseguinte, todo o seu tempo disponível é, de direito e naturalmente, tempo de trabalho pertencente ao capital e à capitalização. Tempo para a educação, para o desenvolvimento intelectual, para o cumprimento de funções sociais, para as relações com pais e amigos, para o livre jogo das forças do corpo e do espírito, mesmo para a celebração do domingo, e isto no país dos santificadores desse dia, não passa de pura balela! Mas na sua paixão cega e desmesurada, na sua ânsia gluttona de trabalho extra, o capital ultrapassa não só os limites morais, como, também, o limite fisiológico extremo da jornada de trabalho. Usurpa o tempo exigido pelo crescimento, pelo desenvolvimento e pela manutenção da boa saúde do corpo. Rouba o tempo que

deveria ser empregado em respirar o ar livre e em usufruir da luz do Sol. É de uma extrema avareza no que respeita ao tempo das refeições e incorpora-o, sempre que pode, no próprio processo da produção de forma que o trabalhador, rebaixado ao nível de mero instrumento, vê ser-lhe fornecida a sua alimentação como se fornece carvão à caldeira, óleo e sebo à máquina. Reduz o tempo de sono, destinado a renovar e a refrescar a força vital, ao mínimo de horas de um pesado torpor, sem o qual o organismo esgotado não poderia continuar a funcionar. (Marx como citado em Sève, 1979, p. 177-178)

Aqui, como em muitas outras passagens de *O Capital*, as análises de Marx vão para além da fronteira estrita das categorias económicas e entram no terreno dos processos conexos da vida individual (Sève, 1979).

Bem longe de ser a manutenção normal da força de trabalho que serve de regra à limitação da jornada de trabalho, é, pelo contrário, o maior dispêndio quotidiano possível, por mais violento e penoso que seja, que regulamenta o medir do tempo de descanso do operário. (Marx como citado em Sève, 1979, p. 178)

Este é um processo característico da alienação do indivíduo na sociedade burguesa, e aparece em todos os momentos importantes da análise (Sève, 1979).

[A divisão fabril do trabalho] estropeia o trabalhador, transforma-o em algo de monstruoso, ao activar o desenvolvimento factício da sua destreza especializada, ao sacrificar toda uma série de disposições e de instintos produtores, da mesma forma que nos estados de La Plata se imola um touro pela sua pele e gordura. Não é só o trabalho que vem a ser dividido, subdividido e repartido por entre vários indivíduos, mas também, o próprio indivíduo, que é fragmentado e metamorfoseado em mola automática de uma operação exclusiva, de forma que se encontra posta em prática a fábula absurda de

Menenius Agrippa que representava um homem como não passando de um fragmento do seu próprio corpo. (Marx como citado em Sève, 1979, p. 178-179)

O capitalista também está, ele próprio, submetido aos processos de alienação, de formas diversas.

Nunca devemos esquecer que a produção (da) mais-valia [...] é o fim imediato e o motivo determinante da produção capitalista. Nunca devemos, portanto, apresentá-la como aquilo que não é, quero dizer, uma produção que tivesse por fim imediato o usufruto ou a criação de meios de fruição para o capitalista. (Marx como citado em Sève, 1979, p. 179)

Por fim, pode-se resumir o carácter alienante do capitalismo na seguinte formulação: “o fim do capital (é) a produção de lucro e não a satisfação das necessidades” (Marx como citado em Sève, 1979, p. 179).

Em suma, o estudo de Sève acaba por demonstrar que Marx não ignora as questões referentes aos indivíduos e, embora ele nunca tenha explicitado sua concepção de homem, uma análise rigorosa de sua obra traz elementos suficientes para apreendê-la e constatar que, também nesse campo, ele fornece uma concepção nova e revolucionária.

Para Marx, o indivíduo é sempre “indivíduo social”, nunca um ser isolado e abstrato. O ser social é “a súpula de forças de produção, de capitais, de formas de relações sociais, que cada indivíduo e cada geração encontram como coordenadas já existentes” (Sève, 1979, p. 183). Esta é a verdadeira base concreta daquilo que os filósofos entendiam como sendo a *substância* ou a *essência* do homem. É por isso que é necessário alterar o conceito de homem (e não abandoná-lo). É preciso “não confundir o conceito abstracto de homem com o conceito de homem abstracto” (Sève, 1979, p. 183).

Para Marx, o ser dos homens não é aquilo que parece ser de uma forma imediata, pseudoconcreta, na forma do indivíduo isolado. Para apreender o ser dos homens é necessário o laborioso trabalho de estudo das condições sociais objetivas, em que esta individualidade é produzida. Assim, a noção de essência humana, no marxismo maduro, assume um novo sentido, um sentido materialista e dialético: “trata-se de uma essência, já não abstracta, mas sim concreta, já não ideal, mas sim material, já não natural, mas sim histórica, já não inerente ao indivíduo isolado, mas sim ao conjunto das relações sociais” (Sève, 1979, p. 183).

5 Lucien Sève e a Realidade Brasileira

Neste capítulo, procuramos estabelecer um diálogo com as ideias de Sève, desenvolvendo o seu pensamento e procurando estabelecer alguns pontos de encontro entre o seu estudo da personalidade e a o estudo dos tipos a partir da crítica literária tal como foi pensado por G. Lukács e R. Schwarz.

Em vez de nos dedicarmos a uma análise sistemática da obra de Sève e das categorias que ele desenvolveu, nosso objetivo foi, num primeiro momento, o de identificar aquelas categorias que entendemos ter maior relevância e capacidade de nos serem uteis hoje para pensar a realidade brasileira, e, num segundo momento, a partir da análise do crítico literário Roberto Schwarz dos personagens de Machado de Assis, pensar possíveis caminhos onde estudo da personalidade e crítica literária podem se encontrar para fornecer análises profundas sobre a formação dos indivíduos na periferia do capitalismo, e mais especificamente na realidade brasileira.

Sem dúvidas, um estudo detido da obra seria importante para uma melhor caracterização do pensamento de Sève, no entanto, tendo em vista os limites da obra – o que talvez explique, ao menos em parte, o porquê de sua obra ter caído em um relativo esquecimento – nos pareceu mais fecundo, no momento, nos dedicar aos momentos luminosos de sua produção intelectual que não foram, ainda, suficientemente explorados e desenvolvidos. Acreditamos que, a partir deste diálogo com Sève, é possível extrairmos algumas contribuições da sua obra para pensarmos questões da nossa realidade nacional.

5.1 Algumas Categorias de Sève

Possivelmente, o que está mais presente no livro de Sève, de 1969, seja a categoria das *formas histórico-sociais da individualidade* (ou *formas históricas da individualidade*, ou ainda,

formas gerais da individualidade). Sève desenvolve tal categoria a partir do estudo detido da obra de Marx. Para Sève, se Marx não chega a desenvolver, de forma alguma, uma psicologia ou uma teoria do indivíduo concreto, deixou uma contribuição incontornável para este campo de estudo, que é, precisamente, a demonstração de que uma determinada formação social implica certas formas históricas gerais de individualidade (Sève, 1979).

Essa ideia está sintetizada na *VI Tese sobre Feuerbach*: “Mas a essência humana não é uma abstração intrínseca ao indivíduo isolado. Em sua realidade, ela é o conjunto das relações sociais” (Marx & Engels, 2007, p. 534). Tal formulação aparece sob formas cada vez mais concretas nas análises econômicas da obra madura de Marx, como nos *Grundrisse* e, em *O Capital*.

Sève (1979) procura enfatizar bem que a noção de formas histórico-sociais da individualidade não deve ser confundida com a Teoria da Personalidade, uma vez que a primeira lida com formas gerais e abstratas, que são comuns a muitos indivíduos, enquanto que a segunda implicaria um estudo exaustivo de indivíduos singulares específicos, a personalidade dos indivíduos, que é, em uma das definições de Sève, “o sistema total da actividade de um indivíduo, o qual não é um indivíduo, senão na medida em que é diferente dos outros” (Sève, 1979, p. 329). Esse sistema se constitui e se desenvolve ao longo de toda a vida, e sua evolução é conteúdo essencial da biografia de um indivíduo (Sève, 1979).

Em outra tentativa de definir a personalidade tal como ele a compreende, Sève busca sintetizá-la como um conceito científico, que corresponde à unidade profunda da seguinte fórmula: “o que um homem faz da sua vida, e, ao mesmo tempo, o que a vida faz dele” (Sève, 1979, p. 308).

Para o autor, o estudo da personalidade não tem o objetivo de identificar tipos de personalidades, uma perspectiva comumente estática e anistórica da personalidade. O seu intuito é o de apreender a trajetória mesma de uma vida em sua singularidade, o fazer-se da biografia de um indivíduo a partir de seus atos, sem perder de vista que, por mais singular que seja essa trajetória, ela é sempre profundamente determinada pelas condições históricas e sociais de seu tempo. É essa dialética que Sève busca apreender.

Cabe pontuar que o pensador costuma usar, em mesmo sentido, os termos “personalidade” e “individualidade”, mas, em determinado momento do livro, ele procura diferenciar “individualidade” como algo que diz respeito a qualquer indivíduo, seja humano ou animal, enquanto que “personalidade” é usada para se referir, especialmente, à individualidade humana (Sève, 1979). No entanto, uma vez que a categoria de personalidade tem, historicamente, um peso psicologista muito forte, optamos por utilizar a categoria da individualidade na maior parte das vezes.

Outra categoria importante formulada por Sève é a de “excentricidade posicional” da essência humana. Esta categoria também encontra o seu fundamento na *VI Tese Sobre Feuerbach*, e traduz o fato de que a essência humana não é algo natural dos indivíduos, mas algo que se encontra exteriormente a eles, e é apropriado singularmente.

No seio da humanidade desenvolvida, o que faz essencialmente do homem, um homem, não é uma coordenada natural existente em cada indivíduo considerado isoladamente, mas sim um produto da atividade humana – forças de produção, relações sociais de todos os tipos, património cultural – acumulados no seio do mundo social ao longo da história. Aí se encontra o resultado capital da hominização, ou seja, da passagem da animalidade à humanidade. (Sève, 1979, p. 603)

Este patrimônio humano acumulado tem a sua origem no trabalho, na transformação da natureza e na subsequente transformação da “natureza humana”, que deriva da primeira. Tal acumulação externa se caracteriza por ser ilimitada, foi o que possibilitou à humanidade se libertar dos limites da fixação genética e a transformou em algo radicalmente diferente das outras espécies animais (Sève, 1979).

Outra característica do patrimônio social acumulado é o fato de que este ultrapassa enormemente, e numa medida sempre crescente, aquilo que é possível a um indivíduo apropriar-se dentro dos limites de uma vida. Daí, resulta uma infinita possibilidade de diversificações na forma singular dos homens se hominizarem (Sève, 1979).

Uma imensa contradição das sociedades divididas em classes sociais é que o seu modo de organização societal necessariamente cria diferentes condições de apropriação do imenso patrimônio social. Enquanto favorece e estimula amplamente o desenvolvimento da personalidade dos indivíduos das classes dominantes, obstaculariza as possibilidades de desenvolvimento das classes dominadas.

A Teoria da Personalidade de Sève tem, por fim, a defesa radical do livre desenvolvimento das potencialidades humanas de todos os indivíduos, o que significa a denúncia da sociedade de classes e a luta pela transformação social. Trata-se, portanto, de uma Teoria da Personalidade indissociável de um compromisso político muito evidente, que implica a crítica da ordem social burguesa e a defesa do socialismo e da emancipação humana.

Uma das críticas de Sève às teorias da personalidade que se reduzem à descrição e classificação de “tipo”, é que elas apenas contribuem para a adaptação dos indivíduos às estruturas sociais, que aparecem como se fossem intangíveis, em vez de contribuir para a sua transformação (Sève, 1979).

Outro elemento importante da teoria do referido pensador e que se relaciona com a categoria de excentricidade posicional é o fato da psicologia da personalidade encontrar-se em posição secundária em relação às ciências das relações sociais, uma relação de dependência. Esta formulação é uma consequência direta da anterior e, embora possa, num primeiro momento, desagradar psicólogos por colocar a sua ciência em posição secundária, o fundamento é bastante sólido.

Essa ideia de Sève, além de derivar da leitura de Marx, também ecoa uma famosa formulação de Politzer:

A psicologia não detém, pois, de forma alguma o ‘segredo’ dos factos humanos, simplesmente porque esse ‘segredo’ não é de ordem psicológica. Os factos humanos estão submetidos a uma determinação que é material, embora não seja simplesmente a da matéria. É por isso que dizemos que a psicologia positiva não é possível senão no terreno do materialismo moderno, tal como este saiu das investigações marxistas. (Poltzer, 1975, p. 207)

A psicologia da personalidade é uma ciência secundária, precisamente pelo fato de que, para apreender o seu objeto, o indivíduo humano, não adianta deter-se diretamente ao estudo deste indivíduo. O segredo para desvendar tal objeto não é de ordem psicológica, mas social.

É, portanto, no conjunto das relações sociais que se encontra o segredo da essência humana. Por isto, a psicologia deve partir, antes de tudo, da investigação das relações sociais para, num segundo momento, ter os elementos necessários para o desvelamento do seu objeto. É a análise das relações sociais que fornece as bases para uma real apreensão dos indivíduos.

É nesse ponto que a crítica da economia política torna-se absolutamente central para a psicologia. Toda a elaboração de Marx acerca da gênese, consolidação, desenvolvimento e

condições de crise da ordem social burguesa, cujo núcleo é a crítica de economia política, desenvolvida ao longo de toda a sua elaboração teórica, e que será o ponto de partida para apreender as determinações do indivíduo que se constitui nas malhas da sociedade burguesa.

Embora a noção da importância central da economia para a psicologia também já aparecesse nas formulações de Politzer¹⁰, é apenas com Sève que ganha um carácter concreto a partir da investigação profunda que ele faz da obra de Marx.

É a partir de Sève que o estudo da formação social e do modo de produção se tornam elementos centrais para a psicologia da personalidade. O que Sève (1979) vai procurar demonstrar é que os atos dos indivíduos são constantemente mediados por processos do mundo social que impõem suas leis.

Uma categoria formulada pelo autor em questão para apreender essas mediações é a de *Matrizes Necessárias de Atividade*. Tal categoria se refere ao modo pelo qual o funcionamento e a reprodução das relações sociais se expressam nos indivíduos. De tal forma, as relações de produção:

São relações determinadas, necessárias, independentes da vontade dos indivíduos que nelas se encontram engrenados, no âmbito da produção social da sua existência. É certo que a posição de um indivíduo no sistema das relações de produção, e, mais

¹⁰ “(...) Os factos psicológicos não são, com efeito, senão os factos humanos, na medida em que estes se relacionam com os indivíduos. A psicologia exige, pois, um conhecimento da determinação que é própria aos factos humanos, considerados em si mesmo e independentemente do indivíduo. Este conhecimento é necessário para poder delimitar o domínio da psicologia e pôr convenientemente os problemas, bem como para conhecer, em pormenor, até mesmo a direção, o alcance e os limites das investigações e considerações psicológicas. Por outras palavras, toda psicologia só é possível encaixada dentro da economia. E, é por isso que ela supõe todos os conhecimentos adquiridos pelo materialismo dialéctico, e deve constantemente apoiar-se sobre eles. É, pois, na verdade, o materialismo que representa a autêntica base ideológica da psicologia positiva.” (Poltzer, 1975, p. 204-205) E, ainda, “Tal como a necessidade, para a psicologia, de apoiar-se sobre os dados da economia marxista provém da necessidade de conhecer exatamente a estrutura e o funcionamento dos acontecimentos humanos de que a psicologia se ocupa, também, o seu carácter materialista provém do facto da determinação dos factos psicológicos ser uma determinação económica. Por outras palavras, o determinismo psicológico não é, em si mesmo, um determinismo soberano: ele não actua, nem pode actuar, senão no interior e, por assim dizer, nas malhas do determinismo económico.” (Poltzer, 1975, p. 206 e 207)

genericamente, das relações sociais, não é totalmente independente da sua vontade, mas a mínima experiência da vida real numa sociedade de classes revela até que ponto os limites, no interior dos quais a vontade dos indivíduos se pode exercer, se encontram, em si mesmos, estreitamente determinados pelas relações sociais. (Sève, 1979, p. 367)

As matrizes de atividades necessárias dizem respeito a uma lógica social objetiva da atividade, que “imprime, aos indivíduos, caracteres sociais objetivamente determinados” (Sève, 1979, p. 367). Quer queira ou não, a atividade do capitalista individual, por exemplo, é determinada pelo processo de acumulação do capital (Sève, 1979).

O capitalista, o operário, não são personalidades de base, tipos psicológicos, sistemas de modelos culturais ou conjuntos de funções, mas sim a lógica social objectiva da atividade de tal ou qual indivíduo concreto, na medida em que desenvolva a sua atividade no seio das correspondentes relações sociais, e na medida em que esta atividade seja encarada dentro desses limites.

As mesmas observações podem ser feitas a respeito de todas as formas históricas de individualidade, desde as formas das necessidades até as contradições de base dos processos de vida pessoal (Sève, 1979, p. 368).

É essa lógica social que vai determinar o fazer cotidiano do indivíduo e a sua personalidade. O fazer social que vai determinando a consciência dos indivíduos, como formulou Marx (2008).

É importante demarcar a distinção entre as formas gerais da individualidade e a teoria concreta do indivíduo. A essência do indivíduo concreto não pode ser entendida e se tornar objeto científico não sendo à base de uma teoria das formas gerais da individualidade, no âmbito

de uma determinada formação social. Contudo, no que diz respeito à ciência da personalidade, do indivíduo concreto, a sua singularidade é o essencial.

A psicologia da personalidade concreta tem, assim, que lidar com um grande desafio dialético: “a sua tarefa paradoxal consiste, portanto, em compreender o geral enquanto singular e o singular enquanto geral” (Sève, 1979, p. 368). Neste ponto, Sève vai contrapor-se a um antigo aforisma aristotélico, que afirma que não há ciência senão no âmbito do geral, e que seria impossível, portanto, propor uma ciência do singular (Sève, 1979).

É precisamente na concepção de “essência”, de Marx, que Sève vai encontrar uma resposta para este dilema. O que ele procura demonstrar é que uma das tantas revoluções conceituais de Marx é a concepção de “essência”. Na filosofia pré-dialética, “essência” dizia respeito a um objeto geral e para além das coisas mesmas, enquanto que, em Marx, “essência” assume outro dignificado, e se refere ao nível das relações internas fundamentais.

Em vez de uma essência interna inerte e de relações externas vivas, a dialética materialista descobre a vida das relações no interior da própria essência, é a generalidade abstrata que se revela como não passando de uma forma relacional externa, não essencial e sem vida. (Sève, 1979, p. 374)

Para Marx, a tarefa da investigação científica não é a de elaborar modelos abstratos, mas apreender “o necessário movimento interno do objecto considerado em si mesmo”, “a lógica específica do objeto específico”, isto é, a “essência” do objeto, sua especificidade (Sève, 1979, p. 377).

Para Sève, a investigação marxiana visa apreender precisamente a topologia do seu objeto, que deve delimitar as áreas lógicas, as instâncias em que são situadas as articulações fundamentais - e não só uma topologia posicional, mas também uma topologia de funcionamento

e de desenvolvimento, porque as relações são processos: deve formular a lógica dos processos essenciais de acordo com os quais se efectua o desenvolvimento desse objecto. Nestas condições, os conceitos não nos revelam, de modo algum, de que forma o concreto singular é em geral, mas sim, em geral, de que forma se produz o concreto singular (Sève, 1979).

Para demonstrar de forma prática o seu argumento, Sève utiliza *O Capital*, de Marx, como exemplo:

Em *O Capital*, Marx não descreve uma sociedade capitalista abstracta, não constrói um modelo da sociedade capitalista, de que as sociedades capitalistas reais seriam exemplares singulares, mas sim, o que é totalmente diferente, define os elementos teóricos essenciais que permitem pensar todas as sociedades capitalistas reais e o seu necessário movimento, de forma que, longe de remeter o singular, enquanto tal, para a margem da conceptualização, permite construir, e ele próprio constrói, com frequência, de passagem, o conceito concreto de determinada sociedade capitalista singular. (Sève, 1979, p. 378)

É a partir dessa constatação que Sève vai fundamentar a possibilidade de uma ciência do singular, uma ciência do indivíduo, da personalidade, da biografia. Trata-se de uma perspectiva de articular teoria social e análise dos indivíduos de uma forma realmente interessante, e que pode encontrar maiores desdobramentos a partir das indicações gerais do autor. Contudo, a apreensão da singularidade de uma formação social, sem dúvida, fornece elementos para o desvelamento de toda uma estrutura societal em vários níveis, mas quanto à análise biográfica de indivíduos concretos Sève não deixa muito claro o direccionamento de tal estudo.

A perspectiva do pensador parece ter como finalidade constituir biografias de determinados indivíduos a partir da análise da realidade social, algo realmente interessante, mas

que levanta algumas dúvidas quanto ao que se poderia fazer a partir daí. Numa outra chave, nos parece ser possível desenvolver as ideias de Sève em outros caminhos, que possibilitariam explorar a análise da trajetória dos indivíduos, tendo como fim a apreensão de determinados aspectos da realidade, na forma como ela incide sobre os indivíduos.

Tomemos, por exemplo, a problemática da reificação. O estudo detido da trajetória de indivíduos concretos pode fornecer elementos elucidativos para uma compreensão dos processos de reificação social próprios à nossa época, que não seriam acessíveis de outra forma, isto é, uma visão profunda que articula os processos sociais que produzem determinadas formas reificadas de vida, e a forma concreta como a vida dos indivíduos é afetada por tais processos, em que a lógica do capital invade todas as esferas da vida, inclusive da existência individual¹¹.

O procedimento passa, então, pelas etapas de se partir da análise social, que constitui a base para uma investigação realmente profunda dos indivíduos, e a observação da trajetória individual devolve uma análise social do ponto de vista de sua célula primordial. Voltaremos ao tema mais adiante.

5.2 Sève e a Matéria Brasileira

Neste segundo momento, buscamos retomar as categorias de Sève que comentamos na primeira parte, mas agora, com o objetivo de pensar a validade das mesmas para a análise da realidade brasileira.

¹¹ Sobre este aspecto, “Na idade avançada no monopólio, a organização capitalista da vida social preenche todos os espaços e penetra todos os interstícios da existência individual: a manipulação desborda a esfera da produção, domina a circulação e o consumo e articula uma indução comportamental que permeia a totalidade da existência dos agentes sociais particulares - é o inteiro cotidiano dos indivíduos que se torna administrado, um difuso terrorismo psicossocial se destila de todos os poros da vida, e se instila em todas as manifestações anímicas, e todas as instâncias que outrora o indivíduo poderia reservar-se como áreas de autonomia (a constelação familiar, a organização doméstica, a fruição estética, o erotismo, a criação de imaginários, a gratuidade do ócio etc.) convertem-se em limbos programáveis” (Netto, 1987, p. 85-86). E, também: “O capitalismo tem uma impressionante capacidade de submeter tudo ao redor à sua própria lógica, nenhum outro sistema consegue exercer um controle tão inexorável e totalitário sobre os mais diversos âmbitos da vida social, e não fica de fora nem as mais íntimas relações pessoais”. (Meszáros, 2002, p. 96)

Voltando à categoria de Formas Histórico-Sociais da Individualidade, acreditamos se tratar da categoria formulada por Sève com maior importância para pensar a psicologia e o marxismo no Brasil.

Ainda que Sève não chegue a desdobrar análises profundas de conjunturas concretas a partir da categoria em questão, esta, por si só, nos obriga a lidar com a nossa própria formação nacional. E, em nosso caso, o estudo da formação social nos remete a uma vasta e fecunda tradição do pensamento social brasileiro, que passa por autores como Gilberto Freyre, Sergio Buarque de Holanda, Caio Prado Júnior, Florestan Fernandes, Antonio Candido, Octavio Ianni, entre outros nomes importantes.

A categoria de formas históricas da individualidade, somada à noção de que a psicologia é um campo secundário, que depende das ciências sociais, vincula irremediavelmente a Psicologia brasileira à tradição do estudo da realidade brasileira, e abre, com isso, todo um campo de ricas possibilidades, assim como um árduo desafio de apropriar-se dessa massa crítica e estabelecer um profundo diálogo, tomar o estudo da realidade brasileira como uma tarefa também da Psicologia.

Essas ideias de Sève nos permitem olhar para a história da Psicologia no Brasil e identificar um limite significativo. Mesmo em suas vertentes mais críticas e abertas ao pensamento marxista, encontramos um descompasso entre a Psicologia e essa rica tradição de estudos da realidade nacional.

A psicologia da personalidade de Sève abre algumas vias de possibilidades que podem ser exploradas pela tradição da Psicologia no Brasil. A sua psicologia da personalidade permite pensar e estudar o indivíduo como um todo frente à sociedade. É algo que já era reivindicado por Politzer, mas que, em Sève, encontra um desenvolvimento mais cuidadoso. Aqui, Psicologia não

estaria centralmente voltada para os processos psíquicos, mas para o indivíduo por inteiro.

Eventualmente, tais processos psíquicos se tornam essenciais na investigação, contudo, nunca de modo isolada e central. Assim, os próprios processos psíquicos podem ser mais bem compreendidos quando tomados de forma contextualizada.

No fim das contas, o ponto de partida da investigação são os indivíduos, mas não vistos por uma perspectiva imediata, fenomênica, e sim enquanto indivíduos sociais, isto é, determinados socialmente, forjados na periferia do capitalismo, no caso brasileiro. O que se deriva daí é que o estudo desses indivíduos nos fornece visão das consequências do capitalismo na vida dos indivíduos. Trata-se de conseguir entrever a totalidade social em determinados aspectos da vida individual.

O princípio geral parte de uma compreensão da formação social para entender a composição dos indivíduos sociais naquele lugar e momento histórico, trata-se de identificar as formas histórico-sociais da individualidade. Por sua vez, uma análise atenta dos indivíduos concretos nos permite apreender determinado conhecimento da realidade social, numa análise mais microscópica, mas que joga luz sobre determinados aspectos da sociedade como um todo.

Tal perspectiva tem, em vista, uma interpretação da realidade brasileira que dê conta da complexidade da experiência individual, contudo, sem perder de horizonte que a sua base se encontra na estrutura social. Trata-se, portanto, de apreender como as contradições da realidade social brasileira se expressam e constituem a experiência singular dos indivíduos sociais, os seus dilemas em face das circunstâncias da periferia do capitalismo.

Nesta perspectiva, a grande questão da psicologia é a investigação daquilo que Roberto Schwarz (2019) sintetizou, exemplarmente, como a “matéria brasileira” que definiu da seguinte forma:

Um conjunto de relações altamente problemático, originário da Colônia, solidamente engrenado, incompatível com o padrão da nação moderna, ao mesmo tempo em que é um resultado consistente da própria evolução do mundo moderno, a que serve de espelho ora desconfortável, ora grotesco, ora utópico (nos momentos de euforia). A tenacidade desta estrutura é ponto assentado de nossa historiografia social. (Schwarz, 2019, p. 161-162)

Trata-se de uma definição que apreende bem a condição de periferia do capitalismo, a origem colonial, a exploração predatória, a brutal violência, a modernização nunca atingida, o capitalismo dependente, a fragilidade democrática, em suma, um conjunto de relações altamente problemáticas, e que constitui o solo no qual os homens e mulheres se formam por aqui.

Na perspectiva que estamos desenvolvendo, a grande questão da psicologia é a investigação da “matéria brasileira” a partir da investigação da vida individual.

Este estudo dos indivíduos na periferia do capitalismo tem como intuito justamente apreender como as contradições da condição periférica se expressam nos indivíduos. Evidentemente, é um estudo pantanoso, onde facilmente se pode cair em inessencialidades singulares, que pouco dizem de significativo para o estudo do social. Distinguir o essencial do acessório é o passo decisivo. O que nos interessa, no estudo dos indivíduos, não são os aspectos mais cotidianos e singulares, mas aqueles que têm a capacidade de revelar aspectos profundos da “matéria brasileira”.

Pensemos em alguns exemplos muito gerais de como poderia se dar uma pesquisa assim. Mas antes, é preciso pontuar que os próprios caminhos e possibilidades desta forma de pesquisa precisam ser desbravados, inventados e postos a teste. As indicações de Sève vão até certo ponto. A tese de Vicente (2006), analisada no capítulo 1, também é um importante exemplo, na medida em que dá um desenvolvimento próprio às indicações de Sève. Nossa tentativa aqui, também, é a

se apropriar das contribuições do referido autor, e possibilitar um desenvolvimento próprio a estas.

Vamos tentar explorar, aqui, alguns possíveis caminhos que este tipo de estudo poderia trilhar. A nossa pesquisa dos indivíduos ou da personalidade pode se debruçar tanto em estudos históricos, investigar as individualidades em momentos históricos passados, quanto do momento presente. Evidentemente, quanto mais recuamos no passado, menor é a quantidade de fontes que temos disponíveis para uma pesquisa de tal natureza, mas por outro lado, um momento importante da história presente pode ter a vantagem de já ter sido amplamente estudado e ter os seus elementos essenciais trazidos à luz.

Um exemplo de contexto histórico bastante rico para pesquisa é o do Golpe de 1964 e a ditadura militar instaurada. O clima opressivo da repressão social estabelecida parece ter sido generalizado entre todas as forças democráticas do país, e impactou fortemente nos meios intelectual, cultural, político e na vida cotidiana como um todo. Tendo em vista que os anos que antecederam o golpe foram momentos de ampliação democrática e cultural para o campo da esquerda, o golpe significou a dura derrota de um projeto nacional. Para os militantes políticos, o golpe trouxe uma brutal repressão, a prisão, o exílio e, em muitos casos, a morte.

Frente a um momento social tão decisivo, os indivíduos se veem confrontados com a necessidade de dar resposta: resistem, se deixam cooptar, se isolam, enlouquecem, sucumbem sob o peso dos acontecimentos. A análise da trajetória dos indivíduos revela os dramas humanos das conjunturas sociais. Isto não significa que a vida de todo e qualquer um tem igual peso para este tipo de estudo. Algumas trajetórias individuais sintetizam melhor as contradições de uma época, além de incidir com maior peso sobre elas, mas, como indicou a pesquisa de Vicente (2006), o estudo comparativo da biografia de pessoas anônimas também pode ser bastante

revelador. Outro ponto importante é que a pesquisa, também, não precisa necessariamente se debruçar sobre toda a vida dos indivíduos, por vezes, são momentos específicos que revelam o que é significativo.

No campo intelectual, um exemplo de biografia típica é a de Florestan Fernandes, professor da USP até o advento do golpe de 64, o eminente sociólogo foi aposentado compulsoriamente e obrigado a sair do país para continuar seu trabalho intelectual como docente no Canadá. A perseguição da ditadura acabou por radicalizar o pensamento de Florestan, uma vez que o levou a uma posição de confronto e a tentativa de desvendar o que nos levou ao golpe. O resultado desse esforço intelectual foi a célebre obra *A Revolução Burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica*, publicada em 1974.

Outro exemplo típico, no campo da luta política de esquerda, é o caso de Carlos Marighella e da luta armada. O contexto da repressão levou diversos militantes de esquerda a encontrarem no confronto direto, com armas em punho, uma forma de resistência à ditadura militar. Assim como a vida de Marighella, a história da luta armada é permeada por biografias heroicas e trágicas, que traduzem aquele momento histórico.

Outra possibilidade perfeitamente plausível posta pelas condições históricas foi a acomodação, sob a sombra da ditadura, ou mesmo a cooptação e aliança. Ante a agudização da repressão militar, sobretudo após o AI-5, os indivíduos poderiam evitar entrar em choque com o regime para garantir o emprego, a integridade física ou mesmo ascender socialmente colaborando com o regime.

Ao nosso modo de vista, esse tipo de pesquisa histórica tem bastante importância, por nos permitir conhecer mais sobre o nosso passado, o que sempre nos fornece bons elementos para entender como chegamos ao que somos hoje. No entanto, apesar desta importância, o

desafio mais fundamental é o estudo do momento presente, uma análise dos dilemas históricos dos indivíduos no Brasil do século XXI, o que implica entender as transformações na periferia do capitalismo na atualidade e as complexidades próprias da sociedade brasileira. O clima geral é o de um capitalismo completamente desgovernado em seu processo de crise estrutural, e o resultado é a intensificação da destrutividade social. O processo de constante ampliação da precarização das condições de trabalho e de vida, de perspectiva de futuro, a crise da democracia, a crise climática, intensificação dos movimentos de extrema direita e refluxo das forças de esquerda.

De nossa perspectiva de estudo, uma análise dos indivíduos pode ajudar a entender esse momento histórico fornecendo uma contribuição quanto ao que se passa com estes, como a crise social generalizada se expressa nos destinos individuais, quais as formas de sofrimento que dela derivam, quais as alternativas que aparecem no horizonte, em suma, todo um programa de pesquisa que pode apontar para algo novo.

A seguir, buscaremos desenvolver e explorar determinado caminho para o estudo dos indivíduos através de um diálogo com a arte, no caso, a literatura.

5.3 Literatura e Individualidade

Tanto em Politzer, quanto em Sève, encontramos comentários sobre a literatura, em que ambos reconheciam que o estudo que eles propunham, respectivamente, do drama e da personalidade, possuía similaridades com o que os grandes escritores tinham descoberto por meio da literatura. No entanto, apesar das similaridades, os referidos autores sempre buscavam pontuar o distanciamento entre as suas formulações e a literatura, como uma forma de demarcar o campo de estudos que estavam elaborando. Nossa proposta, aqui, é propor uma articulação entre psicologia e literatura.

Neste terreno, é importante resgatar outra importante tradição de estudos no Brasil, a tradição da crítica literária brasileira, sobretudo aquela que se formou em torno da figura de Antonio Candido, e para a qual arte e sociedade formam um par indissociável. Em tal tradição, o estudo profundo da literatura revela aspectos decisivos da nossa formação social.

A relação entre literatura e sociedade se dá por aquilo que Candido chamou de *redução estrutural*, “o processo por cujo intermédio a realidade do mundo e do ser se torna, na narrativa ficcional, componente de uma estrutura literária, permitindo que esta seja estudada em si mesma, como algo autônomo” (Candido, 1993, p. 9).

O procedimento de Candido (1993) consiste em demonstrar como a narrativa se constitui a partir de materiais que não são literários, como natureza, sociedade e ser, mas que são manipulados, de tal modo, que são aspectos efetivos de uma realidade estética regida por suas próprias leis internas. No entanto, esses materiais externos estão presentes em cada página, com impressionante vitalidade.

De fato, uma das ambições do crítico é mostrar como o recado do escritor se constrói a partir do mundo, mas gera um mundo novo, cujas leis fazem sentir melhor a realidade originária. Se conseguir realizar esta ambição, ele poderá superar o valo entre 'social' e 'estético', ou entre 'psicológico' e 'estético', mediante um esforço mais fundo de compreensão do processo que gera a singularidade do texto. (Candido, 1993, p. 9-10)

Como explica Schwarz (2012), em Antonio Candido, o estudo da forma tem a ambição de esclarecer a peculiaridade da experiência brasileira, tanto a literária quanto a social. Nele, encontramos uma articulação entre invenção formal e apreensão histórica, ao invés de uma oposição entre ambas.

A forma – que não é evidente, e que cabe à crítica investigar – seria um princípio ordenador individual, que tanto regula um universo imaginário como um aspecto da realidade exterior. Em proporções variáveis, ela combina a fabricação artística e a intuição de ritmos sociais preexistentes. De outro ângulo, trata-se de explicar como configurações externas, pertencentes à vida extra-artística, podem passar para dentro de obras de fantasia, onde se tornam forças de estruturação, e mostram algo de si que não está à vista. Trata-se, também, de explicar como a crítica pode refazer esse percurso, por sua vez, e chegar a um âmbito através do outro, com ganho de conhecimento em relação a ambos. O vaivém exige uma descrição estruturada dos dois campos, tanto da obra como da realidade social, cujas ligações são matéria de reflexão. (Schwarz, 2012, p. 48)

Para avançar nesta perspectiva de diálogo entre literatura e o estudo da individualidade, que temos trilhado a partir das ideias de Sève, procuramos resgatar uma contribuição de Lukács (2011) que nos parece fundamental. György Lukács, como é sabido, é um filósofo marxista, que têm formulações imprescindíveis para uma teoria estética marxista.

Entre suas diversas contribuições, recorreremos a uma específica, trata-se de suas observações acerca dos “tipos”, tal como aparecem na literatura. Também, na ciência, existe o recurso do *tipo*, como o *tipo ideal*, de Weber, ou o *tipo médio*, de Durkheim, e mesmo em Marx, também, existe o *tipo típico*.

Para o pensamento dialético, o tipo não deve ser uma construção intelectual apriorística e abstrata, feita à revelia da realidade e privilegiando o sujeito cognoscente (como em Weber), e nem uma construção estatística, que abstrai a riqueza e a diversidade presentes na realidade, como é o ‘tipo médio’ durkheimiano.

Marx, em suas pesquisas, privilegia o ‘tipo típico’. Podemos definir este tipo como um exemplar que exprime, com a máxima clareza, a verdade de sua espécie. “Ele é um ser específico, singular, que, ao mesmo tempo, concentra as tendências mais essenciais da espécie (universal) em questão” (Frederico, 2013, p. 106).

Quanto à percepção da importância da tipicidade na literatura, já em Engels, aparece uma indicação fundamental, em carta a M. Harkness, datada de abril de 1888, na qual o filósofo afirma que, “O realismo supõe, a meu ver, além da fidelidade aos pormenores, a reprodução exata de caracteres típicos em circunstâncias típicas” (Marx e Engels, 2012, p.23).

Mas, é com Lukács, que a tipicidade vai encontrar um desenvolvimento mais abrangente e assumir lugar central enquanto forma específica da arte de apreensão da realidade, da arte enquanto forma de conhecimento fundamental da realidade social e humana.

Para Lukács (2011), enquanto a forma específica de conhecimento da ciência tende a se afastar da singularidade para atingir categorias mais abstratas e universais, a forma específica da arte conservar a sua dimensão singular, que se manifesta em personagem singular, mas sem, com isso, perder a dimensão de universalidade. Esta síntese entre o singular e o universal, Lukács vai chamar de *particularidade*; na arte, ela se manifesta em personagens típicos, que condensam a singularidade de uma personalidade individual e os conflitos universais de uma época histórica.

Para Lukács:

O tipo vem caracterizado pelo fato de que nele convergem, em sua unidade contraditória, todos os traços salientes daquela unidade dinâmica, na qual a autêntica literatura reflete a vida; nele, todas as contradições – as mais importantes contradições sociais, morais e psicológicas de uma época – se articulam em uma unidade viva. (Lukács, 2011, p.106)

O personagem típico é aquele em quem se manifesta, em seu caráter e destino, as características objetivas historicamente típicas de sua classe. Tais características se expressam, ao mesmo tempo, como forças objetivas e como o seu próprio destino individual (Lukács, 2011).

Como explica Celso Frederico, “o típico expressa o caráter social dos personagens e as tendências do processo histórico em cada momento determinado, uma síntese que une o singular e o universal” (Frederico, 2013, p. 108).

O entrecruzamento entre os destinos individuais e as possibilidades concretas postas pelo desenvolvimento social é a chave do romance realista. Se o homem é um ser social, a verdade do indivíduo é a verdade das possibilidades postas pelo desenvolvimento da realidade social. Acompanhando o desenrolar dos destinos humanos, o escritor descortina as forças sociais atuantes num momento determinado da história de uma sociedade.

(Frederico, 2013, p. 109)

Em nosso modo de ver, há, aqui, um caminho para o desenvolvimento da perspectiva do estudo da individualidade apresentada por Sève. Se mover na dialética do entrecruzamento entre os destinos individuais e as possibilidades efetivadas de um determinado momento histórico-social é um importante ponto de encontro entre a literatura e a Teoria da Personalidade de Sève. Trata-se de entrever, na trama das ações dos indivíduos sociais, as determinações cruciais de uma época histórica.

5.4 Roberto Schwarz e a *Poesia Envenenada de Dom Casmurro*

Na tentativa de avançar na possibilidade de articulação entre arte e psicologia, decidimos apresentar a análise do crítico literário Roberto Schwarz do romance *Dom Casmurro* (1899), de Machado de Assis, contida no ensaio *A poesia envenenada de Dom Casmurro* (1997).

Procuramos demonstrar como, na sua análise, são revelados elementos essenciais da formação

social brasileira e dos tipos sociais que esta produz, ambos, em nosso entender, centrais para o estudo da individualidade no Brasil. Nosso objetivo, então, é explorar como a análise literária pode contribuir para o estudo da individualidade.

Ainda que seja um livro publicado na virada do Século XIX para o Século XX, a força do texto de Machado de Assis, assim como, posteriormente da análise crítica de Schwarz, é o fato de revelarem elementos da sociedade brasileira que permanecem atuais. Algo recorrente, no Brasil, é a “persistência do passado”, para usar uma expressão de Florestan Fernandes (1972).

Importante alertar, de antemão, que procuramos nos debruçar nesta exposição, na medida do possível, nas análises que dizem respeito aos tipos sociais. Outros elementos essenciais do romance, inclusive, algumas questões formais, imprescindíveis em qualquer estudo de arte, não foram o foco da análise.

Antes de adentrar na análise do romance, é necessário apresentar algumas observações de Schwarz sobre aspectos histórico-sociais, preâmbulo necessário para desvendar a “poesia envenenada” de Dom Casmurro.

O Brasil da época de Machado de Assis, o século XIX, vivia uma condição ideológica peculiar, em que ideais liberais e ideais escravistas conviviam lado a lado. Por um lado, éramos uma sociedade escravista, com todas as suas implicações, e por outro, as ideias mais avançadas que vinham da Europa e exerciam grande força por aqui, eram as ideias do liberalismo, que se opunham à escravidão (Schwarz, 2014).

As origens desse mal estar ideológico, no Brasil, remontam à independência do país, que, ao mesmo tempo em que foi referenciada no ideal e nas instituições liberais, de inspiração europeia e norte-americana, também conservou muitas das formas econômicas da colônia, produzindo um desajuste de base. A convivência cotidiana e acomodada de um ideário moderno

liberal e do complexo de relações sociais ligado à escravidão eram estruturantes da sociedade brasileira. Não se tratava de "um vestígio do passado em vias de desaparecer, nem um acidente, mas um traço substantivo da atualidade periférica, com muito futuro pela frente" (Schwarz, 2012, p. 169).

O Brasil era um país agrário e independente, dividido em latifúndios, no qual, ao mesmo tempo em que a produção dependia do trabalho escravo, estava inserida na divisão internacional do trabalho. Era inevitável, então, a presença de um raciocínio econômico burguês - a prioridade do lucro - uma vez que este raciocínio predominava no comércio internacional, para onde nossa economia era voltada (Schwarz, 2014).

Como aponta Schwarz (2014), as três classes fundamentais que a colonização produziu, com base no monopólio da terra, foram: a dos latifundiários, a dos escravizados e a das pessoas "livres", livres no sentido de que não eram escravizadas, mas se encontravam numa situação de quase total dependência, como veremos. A relação entre a primeira e a terceira classe é o foco, aqui, uma vez que elas são as classes centrais do romance de Machado.

A classe das "pessoas livres" era constituída por uma multidão que não era nem proprietária, nem proletária, uma vez que o "trabalho livre" não era algo instituído. A consequência disto era que, para tais pessoas, a única via de acesso à vida social e seus bens dependia de forma material, direta ou indiretamente, da lógica do *favor*, sendo este um mecanismo chave (Schwarz, 2014).

O favor atravessou e afetou no conjunto a existência nacional. As mais variadas atividades sociais passavam, em maior ou menor medida, pelo favor: a administração, política, indústria, comércio, vida urbana etc. Nem profissionais liberais como médicos e tipógrafos escapavam. O favor era o mecanismo por meio do qual cada uma das grandes classes sociais da

época se reproduziam, além de ser uma dimensão do poder destas classes. “Assim, com mil formas e nomes, o favor atravessou e afetou no conjunto a existência nacional (...). O favor é nossa mediação quase universal” (Schwarz, 2014, p. 51).

Em sua essência, o favor é oposto ao ideal do liberalismo. A burguesia europeia se levantava contra os privilégios da ordem feudal, defendia a autonomia da pessoa, a universalidade da lei, a cultura desinteressada, a remuneração objetiva, a ética do trabalho, enquanto o favor pratica o oposto, a dependência da pessoa, a exceção à regra, a cultura interessada, a remuneração e os serviços pessoais (Schwarz, 2014).

Como Schwarz não deixa de observar, também na Europa, o universalismo e a liberdade defendidas pelo liberalismo eram uma ideologia, mas correspondiam às aparências, que serviam para encobrir a exploração do trabalho. No Brasil, tais ideias assumiam outro sentido, atuavam como artifícios que justificavam o arbítrio das classes dominantes. É o que Schwarz caracterizou como a nossa “comédia ideológica” na qual “com método, atribui-se independência à dependência, utilidade ao capricho, universalidade às exceções, mérito ao parentesco, igualdade ao privilégio” (Schwarz, 2014, p. 53).

Schwarz (2014) vai caracterizar esta forma específica que o liberalismo assume no Brasil como uma *ideologia de segundo grau*, que não possui a sua função original. Aqui ele se tornou um adorno que servia pra justificar o favor, dominação pessoal, o paternalismo, o clientelismo, enfim, a coerção das classes dominantes.

Após as indicações gerais, podemos partir para o romance, começando por seu enredo. Em linhas gerais, o livro é narrado por um homem taciturno, conhecido por “Dom Casmurro”, que rememora os momentos decisivos de sua vida que o levaram até ali. A obra se compõe de

duas partes muito distintas. A primeira, “sob o signo do espírito esclarecido”, e a segunda, “sob o signo do obscurantismo” (Schwarz, 1997, p. 28).

Na primeira parte, um jovem casal de namorados luta contra a superstição e o preconceito. O casal é formado por Bentinho, o futuro Dom Casmurro, e Capitu, filha dos vizinhos e dependentes de dona Glória, a mãe de Bentinho. A superstição da religiosidade de Dona Glória é explicitada, pois a personagem havia prometido o filho à igreja, com medo de perdê-lo no parto. Já o preconceito se deve à distinta origem de classe do casal. Bentinho pertence a uma família da classe dominante, o seu falecido pai havia sido fazendeiro e deputado, enquanto que Capitu é filha de uma família pobre. Esta primeira parte é dominada por Capitu, que, com sua clareza mental, compreensão dos obstáculos e firmeza consegue enfrentar e superar todos os entraves à união do casal (Schwarz, 1997).

Na segunda parte do romance, vemos o jovem casal já adulto e, com o tempo, vem o filho, Ezequiel; há, ainda, orbitando o casal, o melhor amigo da família, Escobar. A segunda parte é dominada pelo ciúme de Bentinho, que passa a desconfiar que o filho, Ezequiel, se parece mais com Escobar do que com ele. “À luz das incuráveis suspeitas de Bentinho, a vontade clara e a lucidez de Capitu são rebaixadas a provas de um caráter interesseiro e dissimulado” (Schwarz, 1997, p. 17). Por fim, o obscurantismo e ciúme vencem, e Bentinho abandona Capitu e Ezequiel para a morte (Schwarz, 1997).

Um primeiro elemento destacado por Schwarz é que a obra de Machado é uma armadilha, pois contém enigmas que demoraram muito até o desvendamento. A leitura corrente no Brasil, desde a publicação do romance, em 1899, jamais desconfiara da parcialidade do narrador, ao contar a sua história de marido traído (Schwarz, 1997). Schwarz cita um comentário sobre o livro que ilustra bem a posição geral da crítica:

Bento Santiago, alma cândida, e boa, submissa e confiante, feita para o sacrifício e para a ternura, ama desde criança a sua deliciosa vizinha, Capitolina – Capitu, como lhe chamavam em família. Esta Capitu é uma das mais belas e fortes criações de Machado de Assis. Ela traz o engano e a perfídia nos olhos cheios de sedução e de graça. Dissimulada por índole, a insídia é nela, por assim dizer, instintiva e talvez inconsciente. (Pujol, 1917, citado por Schwarz, 1997, p. 10)

60 anos após o lançamento da obra, uma professora norte-americana, Helen Caldwell, em 1960, publica o texto *The Brazilian Othello of Machado de Assis*, percebendo a parcialidade da narrativa do marido ciumento que distorce a realidade. Além de Caldwell, outro professor estrangeiro, o inglês John Gledson, percebe a importância dos interesses sociais na narrativa de Betinho, ligados à organização e à crise da ordem paternalista. Para o moço rico da elite nacional, a energia e liberdade de opinião de Capitu, que representavam valores mais modernos, eram intoleráveis (Schwarz, 1997).

Como bem observa Schwarz (1997, p. 9), “É como se para o leitor brasileiro as implicações abjetas de certas formas de autoridade fossem menos visíveis”. Aqui, antes mesmo de entrar na interpretação do romance, já vemos como a própria leitura que foi feita dele, por muito tempo, indica algo da nossa formação social e capacidade de perceber e desconfiar de certas formas de autoridade.

O procedimento machadiano colocava em dúvida algumas certezas próprias ao ciclo de formação nacional, certezas, segundo as quais, a atualização artística, a aquisição de aptidões literárias e os excelentes recursos intelectuais modernos representavam uma contribuição a mais para a civilização do país. De nossa posição periférica e dependente, este ideal de modernidade representava um avanço. Bentinho é um cidadão acima de qualquer suspeita, precisamente pelo

alto requinte da sua prosa e a sua bagagem intelectual moderna, europeizada. Esse status de superioridade foi um escudo que o protegeu da percepção crítica (Schwarz, 1997).

Machado de Assis, ao estruturar o romance sobre a parcialidade e falta de isenção do narrador, compromete a autoridade e estatuto de superior daquele que narra, trazendo-o ao universo das demais personagens. O que é revelado, em tal procedimento, é que os recursos intelectuais de distinção de Bentinho “não representam uma contribuição a mais para civilização do país, e sim, ousadamente, a cobertura cultural da opressão de classe” (Schwarz, 1997, p. 13). Esse refinamento intelectual das elites no Brasil é apenas mais uma face da sua barbárie (Schwarz, 1997).

Podemos partir, agora, para as análises dos tipos sociais que comparecem na obra de Machado de Assis, e que, como procuramos demonstrar, são do maior interesse para o estudo da personalidade.

A população em *Dom Casmurro* compõe uma parentela, uma dessas grandes moléculas sociais características do Brasil tradicional. No centro de tudo está um grande proprietário, que, na primeira parte do romance é representado por dona Glória Santiago, estando em seu entorno parentes, agregados, aderentes e escravizados, todos mais ou menos atados às vontades e aos obséquios da proprietária (Schwarz, 1997).

Nosso principal interesse é direcionado às análises que Schwarz (1997) faz dos personagens típicos desenvolvidos por Machado na obra em questão, e como esses tipos literários são reveladores dos tipos sociais e da sociedade da época. A primeira personagem analisada é José Dias:

José Dias é o agregado da família Santiago. O termo designa uma figura que, não tendo nada de seu, vive de favor no espaço de uma família de posses. O cinquentão de estampa

respeitável, com bagagem retórica e cívica, além do ar de conselheiro, que, no entanto, não passa de um moleque de recados, concentra admiravelmente as tensões contemporâneas dessa condição geral. A personagem, e, em especial, a convivência espúria da relação de favor com aspirações de independência e cidadania, são estudadas por Machado com precisão propriamente científica (Schwarz, 1997, p. 19).

A complexidade e, ao mesmo tempo, a comicidade da personagem se encontram no contraste entre a gravidade vitoriana, senso de dignidade e autoridade com que conta vantagem ou destrata os vizinhos, como se fosse um respeitável membro da família Santiago, e a postura subalterna no trato com a família Santiago tendo em vista a sua condição inteiramente incerta e que depende sempre de acomodações mais ou menos humilhantes às vontades da família (Schwarz, 1997).

De um lado, a dignidade alusiva ao estatuto e aspiração do indivíduo livre na ordem burguesa moderna e, de outro, a dependência pessoal que anula as possibilidades da primeira. Quando trata com os superiores, o agregado é pura adulação, por depender da simpatia deles, e quando trata com os seus similares, põe ênfase máxima na dignidade, e se vale do prestígio social da família dos protetores para exercer alguma autoridade e impor respeito (Schwarz, 1997).

José Dias cultua a gramática, a prosódia, a gravata lavada, o direito, as belas-letas, tudo que representa a face da ordem, trata-se de um “pernóstico do pé-rapado, que vibra com a cultura dos senhores a ponto de esquecer o seu lugar em sentido literal” (Schwarz, 1997, p. 22).

Essa adesão tem um lado abjeto, uma vez que as “vantagens” que proporciona compensando, imaginariamente, a desigualdade social efetiva acaba por excluir a revolta, a formação de critérios próprios e a reflexão a respeito. Por outro lado, a adesão possui, também,

um caráter astuto, já que a identificação com os proprietários implica em uma vantagem relativa na competição com os demais candidatos à proteção. A fala, os modos e conhecimentos acumulados por José Dias representam uma superioridade em relação aos outros dependentes, que dispõem de menos recursos para bajular os proprietários (Schwarz, 1997).

E, como bem observa Schwarz (1997),

De outro ângulo, o amor ignaro do agregado pelas coisas do espírito termina por lançar a descrença, também, sobre estas últimas. Com toda candura, ele as encara como adereço da gente fina e as reduz a fachada. A redução não deixa de ser um acerto, pois reflete o funcionamento possível da cultura oitocentista, numa sociedade que aparta da civilização grande parte de seus membros, quando não os mantém na senzala, ao passo que, outra boa parte, embora inserida e desejosa de participar, não dispõe da independência pessoal necessária às opiniões próprias.

Neste sentido, a sátira à vacuidade sentenciosa de José Dias visa uma constelação nacional, e, aliás, atinge em cheio os ideais de historiografia saudosista alimentados pelo próprio Casmurro, ornamentos, também, da propriedade e da ordem estabelecida. A reciprocidade de vícios entre senhores e escravos, observada por Nabuco, se pode estender à relação entre senhores e clientela. (Schwarz, 1997, p. 22)

Vejamos, por outro lado, a personagem Capitu. Ela também se situa no campo social da dependência paternalista, o mesmo tipo social de José Dias, contudo, num polo oposto. Capitu representa não a acomodação, mas a busca da autonomia: “A menina sabe a diferença entre compensações imaginárias e realidade, e não tem apreço pelas primeiras” (Schwarz, 1997, p. 24).

Capitu tem desígnios próprios, e opinião formada e crítica sobre os seus protetores e a religião deles. Ao descobrir os planos da mãe de Bentinho de mandá-lo para o seminário, ela não

vacila em se revoltar e procurar uma saída. “A clareza na decisão supõe distância em relação ao sistema de sujeição, obrigações e fusões imaginárias do paternalismo” (Schwarz, 1997, p. 25).

No entanto, ainda que Capitu esteja interiormente emancipada da sujeição paternalista, exteriormente, essa dominação ainda é um dado da realidade a qual se defronta.

O encanto da personagem se deve à naturalidade com que se move no ambiente que superou, cujos meandros e mecanismos a menina conhece com discernimento de estadista. É como se a intimidade entre a inteligência e o contexto retrógrado comportasse um fim feliz, uma brecha risonha, por onde se solucionassem a injustiça de classe e a paralisia tradicionalista. (Schwarz, 1997, p. 25)

Contudo, um final feliz apenas provisório, pois, como é sabido na segunda parte do livro, nem a inteligência de Capitu consegue salvá-la do devastador ciúme de Bentinho e de seu trágico final. Se, no desfecho da primeira parte do livro, a ascensão da mocinha foi como um pássaro que saísse da gaiola, na segunda parte, “a gaiola da autoridade patriarcal voltava a se fechar, sem apelação, conforme sugere a resignação lúcida e comovente em que termina Capitu” (Schwarz, 1997, p. 30).

Para completar a análise, é preciso passar para o outro polo da dependência, o da autoridade dos proprietários. Na primeira parte do romance, a principal figura dessa autoridade é Dona Glória, mãe de Betinho, que ainda que não tenha exatamente a índole de chefe, o mando decorre da propriedade. O excesso de cuidados de todos para não contrariá-la indica bem a força dessa autoridade (Schwarz, 1997).

Quanto a Bentinho, quando criança, pode ser visto, ainda, como um dependente, uma vez que, diante da figura materna se torna alguém sem vontade própria para comunicar seus desejos e

contrariá-la, como, por exemplo, o fato de não ter o mínimo desejo de ir para o Seminário e virar padre (Schwarz, 1997).

É apenas na segunda parte do livro que Bento Santiago se torna um chefe de família abastado, advogado estabelecido, uma figura da ordem e que representa autoridade do proprietário.

Embora o assunto seja da esfera privada, e o romance na segunda parte, de fato, se afunile em direção da dificuldade entre duas pessoas, o tema continua a ser outro: a prerrogativa que tem o proprietário à brasileira de confundir as suas vontades, mesmo às escusas, com os foros da lei, da dignidade etc., segundo a conveniência ou inclinação do momento, e sem que os dependentes tenham como contrastá-lo. Assim, há complementaridade entre a falta de garantias e direitos destes últimos, e no campo oposto, a falta, a despeito das aparências de civilidade, a falta de fronteira clara posta ao desejo, que, nas circunstâncias, não tem como se enxergar. (Schwarz, 1997, p. 29-30)

A desconfiança universal e o ciúme delirante do Casmurro revelam a desinclinação dele pela relação entre iguais, preceito da modernidade conflitante com a ordem patriarcal, isto é intolerável para a sua posição social. A independência moral e intelectual de Capitu é uma representação do que havia de melhor na modernidade, inclusive, sem as quais Bentinho não teria escapado do claustro do seminário e, no entanto, são justamente as virtudes de Capitu que se voltam contra ela (Schwarz, 1997).

Na visão desatinada do Casmurro, uma mulher com ideias próprias, clareza mental mesmo diante da autoridade, gosto pela aritmética, senso das situações, constância de propósitos e capacidade de lidar com o dinheiro são provas de um caráter falso e de uma possível traição

conjugal. Para a autoridade patriarcal, o uso da inteligência por parte dos dependentes representa uma ameaça ao seu poder e desmandos (Schwarz, 1997).

Trocando em miúdos, o amor entre a vizinha pobre e o rapazinho de família, com o correspondente anseio de felicidade, de realização pessoal e, mesmo, de saída histórica e progressista para uma relação de classe, anima a intriga até um ponto avançado do livro, quando então, a dimensão autoritária da propriedade rouba a cena e galvaniza o antigo “nhonhô”, que agora se enxerga como vítima, desmerece e escarnece as suas próprias perspectivas anteriores de entendimento, igualdade, lucidez, afirmando pela força a sua disposição de mandar sem prestar contas, tudo isso dentro de uma linguagem requintada e civilizada, digna e própria da *Belle Époque*.

Esta é a curva do romance e um de seus elementos tácitos de generalização, em que o leitor interessado poderá buscar o perfil sintético de um caminho brasileiro para a modernidade. (Schwarz, 1997, p. 34)

A análise de Schwarz (1997) dos tipos sociais estudados e elaborados por Machado de Assis, em sua obra, é iluminadora para pensar um estudo do indivíduo social, tal como estamos pensando nesta tese.

É apenas a partir de uma profunda compreensão da realidade nacional, da sua formação, sua dinâmica, as classes e a relação entre elas que é possível apreender a vida dos indivíduos. No exemplo que tomamos a partir de Machado de Assis e Schwarz, vimos que, na realidade do Brasil oitocentista, as dinâmicas do favor e da dependência jogam luzes sobre as possibilidades que estão postas para os indivíduos que fazem parte da classe dos homens e mulheres livres.

Gostaríamos de enfatizar, aqui, essa dimensão das possibilidades. A determinação social não implica em nenhuma forma de determinismo, em que o indivíduo simplesmente desaparece

nas malhas da estrutura social. Na verdade, há sempre alguma margem de liberdade, ainda que sempre restrita aos condicionantes da realidade. A comparação entre José Dias e Capitu, em alguma medida, consegue captar essa margem de possibilidades na formação das personalidades, no interior das determinações sociais.

Em José Dias, há uma acomodação dentro da estrutura, de forma a tentar tirar algum proveito dela, por mínimo e precário que seja. É uma forma de sobrevivência que têm os seus custos, a humilhação e a perda da autonomia. Em Capitu, por outro lado, temos uma dimensão de resistência e de luta pela própria autonomia.

Os personagens típicos construídos por Machado de Assis, a partir de sua profunda análise social, conseguem captar bem as contradições dessa condição social de dependência, a subordinação à lógica do favor, à humilhação, à negação da autonomia; há algumas estratégias de sobrevivência à mão, em suma, as condições de existência que estão postas para os indivíduos de uma determinada classe social, em determinado contexto histórico e social.

No caso de Capitu, há, ainda, uma dimensão específica, a sua condição de mulher, além da relação de proximidade com o filho da grande proprietária. Daí, advém a possibilidade do casamento, que é um modo de ascender socialmente, embora não seja uma forma de se livrar da dependência. A condição de esposa do proprietário ainda é uma condição de dependência e subordinação. Tão logo o marido-proprietário decida colocar fim à relação, a mulher não tem a quem recorrer. Temos, assim, uma breve visão de como eram, ainda mais restritas, as possibilidades de realização de uma mulher no Brasil do século XIX.

O outro tipo social é o da classe dos proprietários, no caso, o advogado Bento Santiago, que também tipifica os traços essenciais da sua classe social. Em primeiro lugar, vemos como a posição social forja o homem, o menino Bentinho, totalmente inseguro e dependente dos

arbítrios da mãe, torna-se, ele próprio, a figura do proprietário arbitrário. A sua posição de classe entrega, em suas mãos, um poder sem freios. Daí, o seu desconforto com a autonomia de Capitu, autonomia da mulher e dependente, que traz algo que subverte a ordem das coisas. O ciúme delirante é expressão da arbitrariedade patriarcal e da necessidade de controle. Também, é expressão do poder patriarcal a possibilidade de destruir a vida da esposa e do filho.

Pelo exposto, acreditamos que esteja mais evidente como o estudo do “personagem típico”, tal como é apresentado na arte, propõe-se bastante fecundo para o estudo da individualidade. Na medida em que o personagem típico sintetiza as contradições de uma época, de uma classe, são desvelados elementos da sociedade e dos indivíduos que podem servir como indicações e pistas para os estudos da psicologia.

No caso de um grande escritor como Machado de Assis, sobretudo em sua fase madura, encontramos verdadeiros e profundos estudos de personagens típicos. Dessa forma, ele consegue transpor para o interior do romances a dinâmica da realidade social, em uma elaboração estética do mais alto nível. Na análise de um crítico como Roberto Schwarz (1997), se desvela toda a riqueza machadiana numa penetrante análise literária e social, que indica, com bastante clareza, as características gerais desses tipos sociais.

É precisamente assim que entendemos que a arte pode ser um inestimável aliado para o estudo dos indivíduos. A arte, pelo menos aquela mais atenta ao real, funciona como sismógrafo que capta os movimentos da sociedade. Além disso, a arte tem a vantagem de trabalhar por meio de personagens as individualidades concretas, que fornecem imagens do real mais próximas da singularidade. Esta é uma das especificidades da arte que a diferenciam da ciência, que trabalha por meio de conceitos de maior abstração. (Lukács, 2018)

Contudo, é importante demarcar que, como destaca Lukács (2018), na arte, os indivíduos nunca expressam meras singularidades, mas uma síntese entre o singular e o universal, definido como a *particularidade do estético*. O personagem típico expressa bem isso, trata-se de um personagem singular, mas que expressa as contradições de toda uma época social, uma classe. Para Sève, a teoria da personalidade tem o objetivo, muito semelhante, de articular singularidade e universalidade.

Em suma, a capacidade analítica da arte pode oferecer indicações que sirvam como ponto de partida para a pesquisa da individualidade. Pensando no exemplo de *Dom Casmurro*, personagens como José Dias, Capitu e outros mais trazem importantes elementos para pensar a condição de dependência à lógica do favor, como vimos anteriormente. Essas indicações poderiam ser úteis para pesquisas biográficas de personalidades da época. No entanto, o fato de termos escolhido, para análise, um romance do século XIX, tem o limite que tais tipos sociais não existem mais, pelo menos não nas condições da época, no entanto, é notória a persistência de vários traços do favor e de diversas formas de dependência, ainda, atualmente.

A análise que fizemos do ensaio de Schwarz sobre a obra de Machado de Assis constitui exemplo de como teoria social, arte e psicologia podem ser articuladas para o estudo da matéria brasileira. A pesquisa com obras de arte recentes pode ser um importante ponto de partida para os estudos que busquem apreender a individualidade na periferia do capitalismo, no momento presente. É um dos vários caminhos possíveis a ser trilhado para a investigação, do ponto de vista da individualidade, da nossa profunda realidade nacional, e também dos desafios postos pelo nosso tempo histórico.

Conclusão

Nesta tese, resolvemos estudar um autor relativamente obscuro no Brasil. Partimos da hipótese de que as ideias de Lucien Sève poderiam ter algo a dizer ao nosso tempo e sobre os desafios atuais da psicologia no Brasil. Como foco, temos a sua obra mais conhecida, *Marxismo e Teoria da Personalidade*.

A recepção da obra de Sève, no Brasil, não foi muito generosa, sobretudo no interior da psicologia. No entanto, a ausência, até mesmo, de críticas sistemáticas às ideias do autor, nos levou à convicção de que o estudo de sua obra seria importante, ainda que fosse para identificar os seus limites.

No decorrer da tese, procuramos mapear a recepção do autor no Brasil, tanto a tradução de sua obra, quanto a literatura nacional produzida sobre o seu pensamento. Buscamos, também, traçar uma breve biografia do autor, na tentativa de melhor contextualizar, ainda que de forma muito geral, vida e obra.

Quanto ao estudo do livro de Sève, o resultado a que chegamos foi o de que há, efetivamente, importantes contribuições para repensar questões atuais da psicologia e do marxismo no Brasil. Há, também, limites significativos, o que exige uma leitura crítica, que consiga extrair o que tem de valioso em suas contribuições.

Nesta tese, optamos por, ao invés de fazer uma análise sistemática de cada parte do livro, nos debruçar sobre ideias e categorias que nos pareceram contribuir para pensar a relação entre psicologia e marxismo hoje, e no contexto da realidade brasileira. Procuramos estabelecer um diálogo e o desenvolvimento das ideias de Sève que nos pareceram mais fecundas.

Uma das principais contribuições do pensador é o seu estudo da concepção de homem na obra de Marx, passando por distintos momentos da evolução do pensamento marxiano. Desse

estudo, Sève consegue extrair 1): que há, em Marx, uma concepção de ser humano fundamental para pensar a psicologia; 2) que a própria concepção filosófica de Marx, como um todo, e os resultados fundamentais de sua pesquisa sobre a sociedade burguesa são, também, centrais para o desenvolvimento da psicologia; 3) a obra de Marx é um importante ponto de partida, mas nela não há, propriamente, uma psicologia, mas sim uma série de indicações, que precisam ser melhor estudadas e desenvolvidas. É o que Sève se propõe a fazer em seu livro.

Outras importantes contribuições do livro de Sève dizem respeito à profunda articulação desenvolvida entre o estudo da psicologia e as ciências sociais, atrelando irremediavelmente o destino da primeira à segunda, e também, a necessidade do estudo da formação social e econômica para entender a formação dos indivíduos em determinados contextos sociais e históricos.

A aproximação com essas ideias do autor acabou nos levando a algumas reflexões sobre os próprios caminhos da psicologia marxista no Brasil. Conduziu-nos a identificar um descompasso entre a tradição de estudos da psicologia, mesmo a de linha marxista, e a tradição de estudos da realidade brasileira. Não que inexistam estudos que se aproximem, de alguma forma, desse diálogo, mas não há um desenvolvimento sistemático da psicologia em tal sentido.

Acreditamos que, um dos principais resultados alcançados com a presente tese foi procurar desenvolver, no diálogo com as ideias de Sève, um caminho para pensar a psicologia no Brasil articulada com a tradição de estudos da realidade brasileira. Entendemos que a psicologia pode contribuir para a apreensão de nossas questões fundamentais e desafios enquanto nação, a nossa “matéria brasileira”.

A partir de um ponto de vista da individualidade, sem abrir mão da perspectiva da totalidade da teoria social marxista, a psicologia tem o desafio de construir um campo de saber

que nos ajude a compreender as grandes questões do nosso momento histórico, e atuar em defesa da emancipação humana.

Nesta pesquisa, procuramos apresentar, ainda que apenas superficialmente, algumas possibilidades de caminhos. Não deixamos, contudo, de reconhecer que um dos grandes limites do trabalho é justamente o de parar no início do caminho. Se muito, nesta tese, conseguimos chegar até a formulação inicial de um programa de pesquisa, e apontar algumas direções.

Evidentemente, as formulações que elaboramos a partir das ideias de Sève não estão livres de polêmicas, a possibilidade que estudos da personalidade/individualidade, tal como foram expostos na tese, possam, de fato, levar a algo interessante carece, ainda, de evidências demonstrativas.

Uma questão que, ao nosso modo de ver, vale a pena ser levantada na conclusão é a própria forma como buscamos dialogar com as ideias de Sève nesta tese. Acreditamos que, nos afastando de um estudo que se propõe a uma exegese da obra do autor, e propondo uma leitura crítica e um diálogo com ela, a partir da nossa realidade nacional, nos é possibilitada uma assimilação mais viva e fecunda dos autores estrangeiros.

Por vezes, ao nos apegarmos a categorias e noções de outros lugares e tempos, corremos o risco de enrijecermos a nossa capacidade de reflexão, e tentarmos enquadrar a realidade em determinados horizontes e esquemas teóricos. O que se perde é a própria dialética viva e contraditória da realidade, o incessante movimento do real. Acreditamos que seria de grande proveito, para a psicologia marxista, no Brasil, apropriar-se da produção intelectual de autores tão ricos e instigantes, como Vigotski, Leontiev Politzer, Martin-Baró, Holzkamp, entre outros. Mas, ao invés de simplesmente nos valermos das categorias produzidas pelos teóricos e aplicá-

las em nossa realidade, devemos proceder no sentido de repensar tais autores e categorias a partir de nossa experiência nacional.

Por fim, entendemos que uma importante contribuição desta pesquisa foi tentar reabilitar o pensamento de Sève, demonstrar como o autor ainda pode nos ajudar a pensar e enfrentar os nossos desafios atuais. Com seus acertos e equívocos, Sève é um autor sério e importante, que contribuiu, de forma decisiva, no caminho demonstrado tão difícil para a articulação entre psicologia e marxismo. Se o teórico não resolveu os nós fundamentais deste problema, o que não parece ser tarefa para alguém isolado, por certo, nos auxilia a enxergar mais adiante.

Referências

- Alvarenga, M. M. de. (2017). Algumas considerações sobre os intelectuais francófonos e o comunismo entre 1914 e 1956. *Revista Estudos Filosóficos*, 9.
<http://ufsj.edu.br/revistaestudosfilosoficos>.
- Bonnéry, S. (2020, septembre-octobre) Les dons et autre idéologies inégalitaires, une bataille toujours nécessaire. In: *Cause Commune revue d'action politique du PCF* (19).
- Carvalho, B. P. (2020) O que é a psicologia concreta? Reflexões politzerianas em torno do problema da crise da psicologia. *Interação em Psicologia* 3(24).
- Carvalho, B. P., Palhuzi, B. C. C., Camargo, A. F. B. T., & Jesus, N. B. de. (2021) A interpretação da crise da psicologia da década de 1920 por Politzer e Vigotski. In: Bellenzani, R., & Carvalho, B. P. (orgs.) *Pesquisa histórico-cultural na universidade*. Ed. UFMS.
- Costa, M. H. M. de. (2009). Algumas reflexões acerca da categoria da alienação no marxismo francês entre o final da Segunda Guerra e os anos 60. *Cadernos Cemarx*, (5).
- Coutinho, C. N. (2010). *O estruturalismo e a miséria da razão*. Expressão Popular.
- Euzébios Filho, A., & Guzzo, R. S. L. (2013). Marxismo e Teoria da Personalidade: uma análise do sujeito histórico. *Cadernos Cemarx*, (6), 45-60.
- Faguer, J. (2015, jan-mar). Os khâgneux de 68, objetos e leitores de *Os herdeiros*. *Educ. Soc.*, (130), 35-45.
- Frederico, C. (2013). *A arte no mundo dos homens: O itinerário de Lukács*. Expressão Popular.
- Garo, I. (2020, 04-abril). Mort d'un philosophe communiste aux temps du choléra neoliberal. *Hommage à Lucien Sève. Contretemps: Revue de critique communiste*.
<https://www.contretemps.eu/hommage-lucien-seve/>.

- Girault, J. (2020). Sève, Lucien. *Le Maitron: dictionnaire biographique: mouvement ouvrier, mouvement social*. <https://maitron.fr/spip.php?article173192>.
- Hage, J. (2020, septembre-octobre). Lucien Sève, éditeur communiste In: *Cause Commune revue d'action politique du PCF*, 19.
- Ianni, O. (2021). *A Sociedade Global*. Civilização Brasileira.
- Jesus, L. G. (2017). *Racismo e subjetividade: o desenlace social da subjetividade dos indivíduos negros*. [Dissertação, Universidade Federal de Pernambuco]. Repositório UFPE. <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/29498>.
- Jesus, L. G., & Costa, M. R. (2017, jul-dez). Impactos do racismo na subjetividade de indivíduos negros. *SER social*, 41(19), 314-335.
- Lane, S. T. M., & Codo, W. (1989). *Psicologia social: o homem em movimento*. Brasiliense.
- Lane, S. T. M. (1995). Avanços da Psicologia Social na América Latina In: Lane, S. T. M., & Bader, B. (orgs.). *Novas veredas da Psicologia Social*. Educ e Brasiliense.
- Leite, D.M. (2017). *O caráter nacional Brasileiro: história de uma ideologia*. Editora Unesp.
- Lukács, G. (1977). Carta sobre o Stalinismo. In: *Temas de ciências humanas*, 1. Editorial Grijalbo.
- Lukács, G. (2003). *História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista*. Martins Fontes.
- Lukács, G. (2009). Arte e sociedade. In: Lukács, G. *Escritos estéticos 1932-1967*. Editora da UFRJ.

Magalhães, J. P. (2016). *O Direito no debate marxista sobre o humanismo: Garaudy e Althusser*.

[Dissertação, Universidade de São Paulo]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP. <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2139/tde-21022017-215207/fr.php>.

Martelli, R. (2020a, mai-ago). Lucien Sève: morte de um grande filósofo marxista. *Revista Fim do Mundo*, (2).

Martelli, R. (2020b, septembre-octobre). Lucien Sève. Un marxisme savant et militant. In: *Cause Commune revue d'action politique du PCF*, 19.

Martins, L. M. (2004). A natureza histórico-social da personalidade. *Cad. Cedes*, 24(62), 82-99.

Marx, K. & Engels, F. (2007). *A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stiner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas*. Boitempo.

Netto, J. P. (1981). *O que é stalinismo*. Brasiliense.

Netto, J. P. (2015, de 04 a 08 de outubro). Breve nota à interlocução entre pensadores da educação e Marx. Trabalho Encomendado GT09 – Trabalho e Educação. 37ª *Reunião Nacional da ANPEd - UFSC*.

Netto, J.P. (2016, 14 de novembro). Recordando Garaudy, um homem de fé. *Blog da Boitempo*. <https://blogdaboitempo.com.br/2016/11/14/recordando-garaudy-um-homem-de-fe/>.

Patto, M. H. S. (1984). *Psicologia e Ideologia: uma introdução crítica à psicologia escolar*. T. A. Queiroz.

Politzer, G (1975). *Os fundamentos da Psicologia*. Prelo Editora.

Roubaud-Quashie, G. (2020, septembre-octobre) Les trois paris pris militant Lucien Sève. In: *Cause Commune revue d'action politique du PCF*, 19.

Ruiz, E. M. (2012). Algumas considerações sobre o indivíduo e a personalidade em Lucien Sève.

In: Sousa, A. de A., Arrais Neto, E. de A., Oliveira, E. G. de., & Albuquerque, R. J. de P. (orgs.). *O mundo do trabalho e a formação crítica*, 79-122. Edições UFC.

Schwarz, R. (1997). *Duas meninas*. Companhia das Letras.

Schwarz, R. (1999). *Sequências brasileiras*. Companhia das Letras.

Schwarz, R. (2012). *Martinha versus Lucrecia: ensaios e entrevista*. Companhia das Letras.

Schwarz, R. (2014). *As ideias fora do lugar: ensaios selecionados*. Companhia das Letras.

Sève, L. (1954). Lénine et la psychologie. *La Pensée*, 57, 86-91.

Sève, L. (1964, octobre). Les dons n'existent pas. *L'École et la Nation*, 39-64.

Sève, L. (1968). Método estrutural e método dialético. In: Mouloud, N., Dubois, J., Cohen, M., & Ballet, R. *Estruturalismo e Marxismo*. Zahar Editores.

Sève, L. (1975a). *Análises marxistas da alienação*. Editora Estampa.

Sève, L. (1975b). Psicanálise e materialismo histórico. *Para Uma Crítica Marxista da Teoria Psicanalítica*. Editora Estampa.

Sève, L. (1979). *Marxismo e a Teoria da Personalidade*. Livros Horizonte.

Sève, L. (1980). Psicanálise e materialismo histórico. *Encontros com a Civilização Brasileira*, 21, 159-209.

Sève, L. (1981). *Marxisme et théorie de la personnalité*. Éditions Sociales. Collection Terrains.

Sève, L. (1989). A gestação da personalidade. In: Silveira, P., & Doray, B. (orgs). *Elementos para uma teoria marxista da subjetividade*. Vértice, Editora Revista dos Tribunais.

Sève, L. (1997). *Para uma Crítica da Razão Bioética*. Instituto Piaget.

Sève, L. (2001). A questão do Comunismo. *Revista Novos Rumos*, 35, 16.

Sève, L. (2008). *Penser avec Marx aujourd'hui. L'homme?*. La Dispute.

Sève, L. (2015). *Pour une science de la biographie. Suivi de Formes historiques d'individualité*.

Éditions Sociales.

Sigardo, A. P. (1990, out-dez) A corrente sócio-histórica de psicologia: fundamentos

epistemológicos e perspectivas educacionais. *Em aberto*, 9, 48, 9.

Soto, W. H. G. (2013, jan.). O pensamento crítico de Henri Lefebvre. *Revista Espaço*

Acadêmico, 140.

Vicente, D. P. (2005). *O tempo do trabalho: mediações subjetivas no trabalho de assistentes*

sociais. [Tese, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. Repositório dos

Programas de Teses e Dissertações da PUC-SP.

<https://ariel.pucsp.br/handle/handle/17560?mode=full>.

Vigotski, L. S. (2004). O significado histórico da crise na Psicologia. In: Vigotski, L. S. *Teoria e*

método em Psicologia. Martins Fontes.

Yamamoto, O. H. (1987). *A crise e as alternativas da psicologia*. EDICON.

Zanella, A. V. (1994). A psicologia de Vigotski: resgatando a história de uma contribuição atual.

Revista de Ciências Humanas, (12)16.

